Fernando Pessoa.

# AS VIAGENS DE TOM SAWYER

COLEÇÃO "TERRAMAREAR"
VOL. XXVIII

MARK TWAIN

# AS VIAGENS DE TOM SAWYER

*narradas por*

HUCK FINN

VERSÃO BRASILEIRA
DE
PAULO DE FREITAS

1934
Companhia Editora Nacional
Rua dos Gusmões, 24-a/30. São Paulo

Tradução do original francês:

**"TOM SAWYER À TRAVERS LE MONDE"**

Obras do mesmo autor publicadas pela
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Nesta coleção:

**O Principe e o Pobre** (Trad. de Paulo de Freitas) (Vol. XIII)

**Aventuras de Huck** (Trad. de Monteiro Lobato) (Vol. XIX)

Esta tradução é propriedade da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo - Brasil

# INDICE


*I — O mal da aventura* . . . . . 9
*II — Começa a aventura aérea* . . . . 25
*III — Em pleno Oceano Atlantico* . . . 37
*IV — A morte do aeronauta* . . . . . 51
*V — Em meio de leões e tigres* . . . . 59
*VI — Uma luta em pleno deserto* . . . 71
*VII — O elogio da pulga* . . . . . 81
*VIII — A miragem* . . . . . 93
*IX — Um pouco de geodesia* . . . . . 113
*X — Um conto das "Mil e Uma Noites"* . 125
*XI — Uma tempestade de areia* . . . . 137
*XII — As piramides* . . . . . 153
*XIII — O cachimbo de Tom Sawyer* . . . 169

## CAPITULO I

# O mal da aventura

Acaso o leitor imagina que Tom Sawyer ficasse satisfeito, depois de todas suas aventuras?

Refiro-me ás aventuras por que passamos juntos, no rio, após termos libertado o negro Jim e quando Tom recebeu uma bala na perna (1).

Não. Ele não ficou satisfeito. O sucesso que alcançou envenenou-lhe o sangue, e desde então adoeceu do mal da aventura.. E foi isso o que ele ganhou.

De volta daquela longa viagem, quando nós tres subiamos o rio, póde-se dizer que em triunfo, a vila inteira nos recebeu de braços abertos, ao clarão de archotes e com discursos de boas-vindas. Todo mundo gritava e levantava hurras, e não faltou mesmo quem se embriagasse em nossa honra.

Tornamo-nos, pois, herois, coisa com que sempre sonhara Tom Sawyer e que por algum tempo o contentara. Para toda gente Tom Sawyer virou um caso serio, e ele passava pela cidade olhando a tudo e a todos do alto da sua superioridade, como se tudo aquilo fosse dominio seu. Algumas pessoas o chamavam de "Tom Sawyer, o viajante", atributo muito

---

(1) Ver "As aventuras de Huck Finn", XIX vol. desta coleção.

de seu agrado, e que o fazia inchar e quasi arrebentar de orgulho.

Aliás, sempre ele tivera sobre mim e sobre Jim consideravel superioridade. E a prova disto é que descemos o rio numa jangada e voltamos num barco a vapor, enquanto Tom desceu e subiu nesse barco.

Os outros meninos da vila me olhavam e a Jim com muita simpatia, mas — santo Deus! — diante de Tom caiam de rastos pelo chão. A causa disso não a sei eu. Talvez porque estivessem fartos da historia do velho Nat Parsons, agente do correio.

Nat Parsons era um homem extraordinariamente comprido e magro, dotado de bom coração e estupido como ninguem. Além disso, calvo pela adiantada idade e o sujeito mais prosa que jamais encontrei em minha vida.

Durante trinta anos foi o unico homem da vila que gozava de reputação — reputação de ter viajado, entenda-se. Naturalmente isso o enchia de orgulho, e calcula-se que no decurso desses trinta anos ele repetiu a historia de sua viagem mais de um milhão de vezes, sempre com a mesma satisfação orgulhosa.

Eis que surge um menino, que ainda não contava bem quinze anos, e deixa todo mundo embasbacado com suas viagens, e relega a plano secundario o pobre velho. O coitado não se sentia bem quando escutava o que Tom narrava aos outros e ouvia os outros exclamarem:

— Nossa!...

— Alguem jamais...

— Deus do Ceu!...

— Mas que sorte a sua!...

E mais isto, e mais aquilo.

E o pobre velho cuidava de afastar-se do grupo, mas não podia, tal a mosca que tem as patinhas traseiras presas ao melado. Entretanto, sempre que Tom se calava por algum tempo, para tomar folego, lá vinha o pobre Nat timidamente com as suas viagens, de cuja narrativa cuidava de tirar o maior efeito possivel.

Mas os seus casos já estavam corriqueiros e não valiam grande coisa. Causava pena vê-lo e ouví-lo, então.

Depois, Tom prosseguia na sua historia.

Empós, era a vez do velho.

E assim em seguida, e assim em seguida, durante uma hora ou mais, em que cada um tratava de cansar o outro.

Mas, eis como se passaram as viagens de Nat Parsons.

Nos primeiros tempos de seu emprego, como agente do correio, sucedeu-lhe chegar uma carta destinada a alguem que ele não conhecia. Na vila não havia pessoa com aquele nome.

Nat não sabia que fazer, nem como agir, e a carta lá ficara em suas mãos semanas e semanas. Só de vê-la já sentia dor de barriga. E' que a carta não trazia porte pago, e isso lhe constituia novo motivo de inquietação.

Não havia nenhum jeito de Nat receber os 10 cents, e lhe pareceu que o governo havia de responsabilizá-lo pela falta e, mesmo, demití-lo si se descobrisse que ele não os cobrara.

De tanto pensar nisso tudo, Nat Parsons quasi perdeu o juizo. Passava as noites acordado, alimentava-se mal e chegou a tornar-se a sombra de si mesmo. Não obstante, não ousava aconselhar-se com quem quer que seja, porquanto a propria pessoa a quem pedisse conselho era bem capaz de traí-lo e denunciar ao governo a chegada da carta.

Que fazer? Descobrir o soalho e ali guardá-la foi obra de minuto. Mas isso não lhe restituiu a tranquilidade de espirito. Se sucedia que alguem se pusesse naquele lugar, era o bastante para que o agente do correio tremesse dos pés á cabeça e ficasse todo inquieto. A' noite, permanecia acordado á espera de que toda a cidade adormecesse, e, então, pé ante pé se arrastava até o lugar onde ocultara a carta, desenterrava-a e a enterrava em outro ponto.

Já o evitavam na rua. Os que com ele cruzavam sacudiam a cabeça e cochichavam. Daquele jeito, era bem capaz de matar alguem ou cometer qualquer ato criminoso, sem que se soubesse porque. Fosse um estranho ao país, e seriam capazes de linchá-lo.

Breve, como eu dizia, Nat estava a ponto de arrebentar. Decidiu-se, pois, a partir para Washington, procurar o Presidente dos Estados Unidos e contar-lhe tim-tim por tim-tim o que lhe acontecera. Depois, sacando a carta do bolso apresenta-la-ia a todo o governo reunido, dizendo :

— Aqui está a carta. Façam de mim o que entenderem. Mas o Ceu é testemunha de que sou inocente e não mereço os castigos da lei. Deixo atrás de mim uma familia que vai morrer de fome e, en-

tretanto, não tenho nenhuma culpa do que sucedeu. Sou capaz de jurar.

Se bem pensou, melhor executou.

Pequena parte do trajeto fê-la num barco a vapor ; parte numa diligencia e todo o resto a cavalo, levando tres semanas para chegar a Washingtton. Nessa viagem Nat Parsons viu inumeros sitios, varias cidades e quatro vilas. Ausentou-se por espaço de oito semanas, e quando regressou não havia homem mais feliz do que ele.

Suas viagens tornaram-no o mais importante homem da região e de quem mais se falava. Pessoas que moravam nos arredores, numa distancia de trinta milhas, e, mesmo, gente dos confins de Illinois vinham vê-lo. Vinham e ficavam boquiabertas diante dele, embasbacadas, e o homem falava, falava... Nunca se viu coisa igual.

Pois bem. Doravante não havia nenhum meio de estabelecer-se qual a maior viagem — se a de Nat, se a de Tom. Uns diziam que era a de Nat ; outros afirmavam que a de Tom.

Todos admitiam que Nat vira mais longitudes, mas era preciso convir que o que Tom podia ter menos em longitudes, compensava em latitudes e climas.

De sorte que até então eles estavam mais ou menos no mesmo pé de igualdade. E os dois cuidavam de exagerar a narração de suas respectivas aventuras, e destarte ganhar terreno.

A bala que ferira a perna de Tom era, para Nat Parsons, um pedaço duro de engulir. Portanto, ele lutava como melhor podia, mas num terreno des-

vantajoso, mesmo porque Tom não ficava quieto como cumpria a quem esgrimisse com elegancia.

Na verdade, volta e meia Tom se levantava e dava alguns passos mancando, só para exibir a sua perna coxa, enquanto Nat esmiuçava todas as aventuras que tivera, um dia, em Washington.

Tom Sawyer jamais pensou em abandonar a sua manqueira, mesmo depois que sarou a perna. Em casa, á noite, sempre tratava de dar áquilo o aspecto de ferida, e ferida da véspera.

A aventura de Nat resume-se em poucas palavras. Honra lhe seja feita : narrando-a, sempre ele soube encarecê-la, a ponto de provocar arrepios em seu auditorio, tornar palidos a uns e tirar a respiração a outros. Algumas mulheres e moças chegavam, mesmo, a quasi desmaiar, e por isso não podiam ouví-lo até o fim.

Mas, eis o que se passou, se me não falha a memoria.

Nat chegou galopando a Washington. Já se desfizera do cavalo e dispunha-se a partir com a carta para a casa do Presidente, quando lhe disseram que sua excelencia estava no Capitolio prestes a seguir a Filadelfia. Se quisesse, pois, apanhá-lo, não deveria perder um minuto.

Nat por pouco que não caiu fulminado ante aquele golpe. Entretanto, na ocasião passava um negro dirigindo um calhambeque de aluguel. Ali estava sua salvação.

Sem perda de tempo Nat gritou para o cocheiro :

— Meio dolar se você me levar ao Capitolio em meia hora, e um quarto de dolar a mais se fizer a corrida em vinte minutos !

— *Okey*, disse o negro.

Nat saltou no calhambeque, bateu a porta e ambos partiram, *nhem !*, *nhem !*, a todo galope, no peor caminho que se possa imaginar, e com um barulho dos diabos.

Nat enfiou os braços nas correias do veiculo e suspendeu-se desesperadamente. Nesse instante o carro passava sobre uma grande pedra. Com o solavanco, o calhambeque foi atirado aos ares e desagregou-se-lhe o fundo.

Quando de lá desceu, os pés de Nat arrastavam-se pelo chão, e ele notou o grave perigo que o ameaçava se não pudesse correr tão depressa como o cavalo.

O agente do correio estava terrivelmente apavorado, mas pôs-se a dar ás pernas com todas as forças de que era capaz. Firmou-se heroicamente nas correias e deitou a correr como um danado.

Ele gritava, ele urrava ao cocheiro que parasse, e a multidão estacionada nas ruas fazia o mesmo, pois que se viam as suas pernas que corriam a toda velocidade sob o carro e, através das vidraças, a cabeça e os ombros de Nat a subir e a descer a cada solavanco. Todos notavam, pois, a iminencia do perigo.

Todavia, quanto mais gritavam, mais o negro berrava e fustigava o animal, dizendo :

— Não tenha medo, patrão. Chegaremos a tempo ! Garanto-lhe !

E' que o negro pensava que todos lhe fizessem sinal para tocar mais depressa, e naturalmente não podia ouvir nada do que lhe diziam, devido o barulho do calhambeque.

Destarte eles fendiam o ar, e todo mundo estava petrificado e gelado de terror.

Enfim, chegaram ao Capitolio.

Foi a viagem mais rapida que já se fez, e ambos bem que a reconheceram. Os cavalos cairam, de extenuados, e Nat deixou-se abater como um trapo.

Retiraram-no do interior do carro. Ele estava coberto de poeira, todo em frangalhos e com os pés descalços. Mas chegara a tempo de encontrar o Presidente e entregar-lhe a carta.

Tudo correu da melhor maneira. Sua excelencia imediatamente lhe concedeu completo perdão, e Nat deu ao negro dois quartos de dolar extra, em lugar de um, porquanto reconhecera que se não fosse a traquitana não chegaria a tempo. Longe disso!

Não havia duvida: a aventura era extraordinaria.

Era preciso que Tom Sawyer causasse grande impressão com a sua ferida para aparar o golpe e conservar vantagens sobre o adversario.

Pouco a pouco, no entanto, a gloria de Tom começou a empalidecer, em virtude de outras coisas que sucederam na vila e que deram de que falar aos seus habitantes.

Em primeiro lugar, uma corrida de cavalos, e, pouco depois, um incendio. Mais tarde, chegou o circo de cavalinhos e, como se tudo isso não bastasse, verificou-se um leilão de negros.

Enfim, foi o eclipse, e tudo aquilo mudou o curso das idéias, coisa que sempre acontece.

Nesse tempo já não se falava mais de Tom Sawyer, por assim dizer, e nunca se viu pessoa tão desgostosa como ele.

Não demorou muito que começasse a inquietar-se e maldizer-se.

Perguntei-lhe a razão disso, e ele me respondeu que se lhe despedaçava o coração só em pensar que o tempo passava e cada vez mais sentia envelhecer-se, sem que arrebentasse uma guerra ou surgisse um meio para tornar-se célebre.

Todos meninos pensam da mesma maneira, mas confessar tais pensamentos só Tom Sawyer.

A partir de então, pôs-se a ideiar um plano para tornar-se célebre. Não demorou que o encontrasse, e logo me propôs e a Jim a ele nos associarmos.

Nesse particular, Tom Sawyer sempre se mostrou liberal e generoso. Ha muitos meninos que são uma perola e amigos de verdade quando a gente tem em vista uma coisa boa. Mas quando eles é que a trazem de olho, não nos dizem uma palavra a respeito e cuidam de a guardar avaramente, toda inteirinha.

Isso nunca sucedeu com Tom Sawyer, honra lhe seja feita.

Muitos são os meninos que vêm pidonhar e adular a gente quando se tem uma maçã, para que lhe demos um quarto dela. Entretanto, quando eles é que a possuem e a gente lhes pede um pedaço, lembrando-os de que já lhes demos um quarto de maçã, fazem uma careta e nos agradecem polidamente, mas não nos dão nem um pedacinho.

Notei que todos eles são punidos pela cainheza. E' questão de mais dia, menos dia.

Jake Hovker agia sempre dessa maneira. Dois anos não se passaram quando morreu afogado.

Naquele dia, nós tres fomos ao bosque situado na colina, e Tom nos disse do que se tratava.

Tratava-se de uma Cruzada.

— O que é uma Cruzada? perguntei-lhe.

Ele assumiu um ar desdenhoso, coisa que sempre lhe acontecia quando queria menosprezar alguem, e respondeu:

— Huck Finn, acaso você não sabe o que é uma Cruzada?

— Não, não sei, Tom. E nem me importa saber. Vivi até o presente com boa saude e sem saber o que é isso. Mas logo que você me diga eu saberei, e não é sem tempo. Não vejo a utilidade de adivinhar as coisas e dar tratos á bola por uma coisa que talvez não me seja util. Veja o Lance Williams, que aprendeu a falar o choctaw, sem que por aqui vivesse algum Choctaw. Quando o primeiro apareceu foi para abrir-lhe a sepultura. Mas, que vem a ser uma Cruzada? Antes que você explique o que é, quero dizer-lhe isto: si se tratar duma patente, não vale a pena. Bill Thompson...

— Uma patente! Nunca vi maior idiota! Escute, Huck: uma Cruzada é uma especie de guerra.

Por um instante pensei que Tom Sawyer tivesse perdido o juizo. Mas, não! Ele estava serio, e continuou com perfeita calma.

— Uma Cruzada é uma guerra para tomarmos a Terra Santa aos pagãos.

— Que Terra Santa?

— Ora, a Terra Santa. Só ha uma.

— E que temos nós com isso?

— Que temos nós com isso? Ela está em poder dos pagãos, e é nosso dever retomar-lh'a.

— E como é que os deixamos dela se apoderar?

— Nós não os deixamos... Sempre eles a tiveram em seu poder.

— Bem, Tom Sawyer. Nesse caso, ela deve pertencer-lhes, não é verdade?

— Naturalmente. Quem disse o contrario?

Eu me esforçava para entender aquilo tudo, mas não me parecia que pudesse chegar a algum resultado. Disse-lhe, pois :

— Tudo isso é muito forte p'ra mim, Tom Sawyer. Se eu tivesse um sitio que me pertencesse e que uma outra pessoa o desejasse, seria justo que...

— Asneira, Huck Finn! Você está confundindo Germano com genero humano. Não se trata de um sitio. E' inteiramente diferente. A coisa é assim, escute. Eles possuem a terra, a terra pura e simplesmente é que possuem. Foram os nossos — os nossos judeus e os nossos cristãos que a tornaram santa. De sorte que eles não têm o direito de ali permanecerem e maculá-la. E' uma vergonha, e não devemos suportá-la um minuto que seja. Assiste-nos a obrigação de marchar contra eles e tomar-lh'a.

— Bem. Parece-me que tudo isso é a coisa mais embrulhada que vi em minha vida. Olhe : se eu possuo um sitio e se alguem...

— Já lhe disse que não se trata de um sitio! Um sitio é um negocio, e negocio comum, réles, deste mundo. E só. E' o que você poderia ter dito, Huck. Mas o assunto de que trato é religioso e totalmente diferente...

— Então você acha religioso a gente ir tomar essa terra aos que a possuem?

— E por que não? Sempre se considerou assim.

Jim sacudiu a cabeça e entrou na conversa.

— Sinhô Tom, parece-me que ha um erro nisso tudo. Com toda certeza ha um erro. Eu sou religioso e conheço muitas pessoas religiosas, mas nunca encontrei siquer uma que agisse dessa maneira.

As razões do negro encolerizaram a Tom, que retorquiu:

— Palavra de honra que é de a gente adoecer com essa ignorancia de asno. Se qualquer de vocês soubesse um pouquinho de historia, ficaria sabendo que Ricardo Coração de Leão, o Papa, Godofredo de Bouillon e tantos outros, entre os mais piedosos e os de coração mais nobre deste mundo, racharam e martelaram os pagãos da cabeça aos pés durante mais de duzentos anos, cuidando de tomar-lhes a terra, e nadaram em sangue até o pescoço durante todo esse tempo. Entretanto, eis que surgem dois caboclos lá dos confins do bosque de Missouri que se metem a indagar sobre seus direitos, sobre a justiça e a injustiça de uma coisa que ignoram completamente! Tem graça!...

Naturalmente que com essa explicação o assunto ficou esclarecido, e Jim e eu nos sentimos criaturas insignificantes e bem ignorantes.

Todavia, nunca imaginamos que Tom nos tratasse com tanta dureza.

Eu não disse mais palavra, o mesmo sucedendo a Jim. Afinal, este quebrou o silencio:

— Está bem. Penso que está bem porque se eles ignoravam se praticavam ou não o mal, nós, pobres diabos, é que não podemos decidir... E uma vez que é nosso dever, tratemos de cumpri-lo da melhor maneira que pudermos. Tambem eu, sinhô Tom, tenho raiva dos pagãos. Mas o que acho muito dificil é matar gente que não conhecemos e que não fez nenhum mal. *Dificilissimo*, não ha duvida. E' preciso que nos metamos entre eles, nós tres juntos, e lhes digamos que sentimos fome e imploremos um pouquinho de comida. Talvez eles sejam como todas as outras pessoas e os proprios negros... não pensou nisso, sinhô Tom? Nesse caso, eles não negarão o que lhes pedimos. Tenho certeza de que eles darão. E, dessa fórma...

— Dessa fórma o que, Jim?

— Dessa fórma... E' uma idéia que tenho, sinhô Tom. Não vale a pena, nós não *podemos* matar esses pobres estrangeiros que não nos fizeram nenhum mal, sem que primeiro nos exercitemos. Sei isso perfeitamente bem, sinhô Tom, sei isso muito bem. Mas podemos tomar um ou dois machados cada um de nós, atravessar o rio esta noite, depois que a lua esconder-se, e darmos cabo daquela pobre familia enferma, que mora lá em baixo, á beira do Sny, e depois queimarmos a casa deles e...

— Oh, o sitio, sempre o sitio! Vocês é que estão dando cabo de minha paciencia, isso sim! Estou vendo que não posso assentar planos com pessoas como você e o Huck Finn, que se desviam sempre do assunto e têm o raciocinio curto, a ponto de não enxergarem

que se trata de pura teologia e não de leis que protegem uma propriedade rural.

Nesse particular, Tom Sawyer não era justo.

Entretanto, nem eu nem Jim quisemos aborrecê-lo.

Bem que sabiamos que ele tinha razão e que nós não a tinhamos. Mas o que queriamos saber era o *como* da coisa. Só isso.

A unica razão por que ele não podia explicar-se, de maneira que pudessemos compreendê-lo, era que nós não passavamos de uns ignorantões, de cabeça dura, não ha duvida. Eu não nego isso, mas — Deus do Céu! — não é um crime a gente ser assim.

Todavia, Tom Sawyer não se dignou mais tratar do assunto.

Apenas nos disse que se tivessemos compreendido a coisa como convinha, ele poderia levantar dois mil cavaleiros e armá-los de ponto em branco, todo em armadura de aço; que faria de mim um tenente e de Jim o cantineiro, e assumiria o comando das hostes; e, mais, que varreria para o mar, como moscas, toda a população pagã, e regressaria através do mundo envolto em gloria, como a do sol-poente.

No entanto, acrescentou que nós não percebemos bem o empreendimento para nos servirmos da ocasião que nos ofereceu, e que não mais no-la ofereceria.

E foi isso justamente o que ele fez.

Uma vez tomada uma decisão, ninguem poderia fazê-lo voltar atrás.

Isso, entretanto, não me deu o minimo aborrecimento. Sou pacifico por natureza e não procuro brigas com pessoas que nunca me fizeram nada.

Quero crer que se os pagãos estavam satisfeitos, de minha parte eu tambem estava. Portanto, não fomos além.

Tom bebeu aquelas idéias insensatas nos livros de Walter Scott, os quais sempre vivia a ler.

Na minha opinião, bem insensata a idéia, pois jamais ele poderia alistar os dois mil homens. E se os alistasse, era bem provavel que levasse uma sova daquelas.

Tomei os livros e pus-me a lê-los. Tanto quanto me foi dado compreender, cheguei á conclusão de que estaria reservado um mau quarto de hora a maior parte dos colonos que tivessem abandonado o trabalho, no sitio, para fazer a tal cruzada.

## CAPITULO II

# Começa a aventura aérea

DEPOIS disso, Tom ensaiou um e após outro plano, mas todos tinham qualquer ponto fraco e em pouco ele os abandonava.

Por fim, já estava quasi desesperado.

Por esse tempo, os jornais de São Luiz começaram a falar muito do balão que ia partir para a Europa, e Tom imaginou que lhe convinha ir ver como era feito, mas sem que a isso se decidisse firmemente.

Os jornais continuaram a falar.

De tanto pensar no assunto, ele chegou á conclusão de que se não fosse era bem possivel que jamais tivesse ocasião de ver um balão.

Além disso, descobriu que Nat Parsons pretendia ir vê-lo, e naturalmente se decidiu logo.

Não queria ver Nat Parsons voltar todo orgulhoso por ter visto um balão, enquanto ele seria obrigado a escutá-lo caladinho.

Destarte, Tom Sawyer desejou logo a companhia de Jim e a minha, e fomos os tres.

Era um belo e grande balão, com azas e helices e toda sorte de coisas.

Não se parecia em absoluto com os balões que se vêem nas revistas ilustradas.

Estava pousado na extremidade da vila, num terreno vazio, no canto da decima segunda rua. Rodeava-o uma multidão de curiosos, que se divertiam e caçoavam do homem que estava dentro.

Era um homem palido, magro, com uma especie de luar nos olhos. Os curiosos não cessavam de dizer que o balão não subiria.

O aeronauta estava furioso.

A cada passinho ele se voltava contra os tais, mostrava-lhes os punhos e chamava-os de animais e de cegos. Dizia-lhes que algum dia haviam de lembrar-se de que estiveram face a face de um desses homens que elevam as nações e criam civilizações, e que eram bastante cretinos para compreenderem isso.

Aqui, mesmo, neste mesmo lugar, seus proprios filhos e netos haviam de elevar-lhe um monumento que duraria um milhar de anos, e seu nome sobreviveria ao proprio monumento.

A multidão ria-se a bandeiras despregadas.

E prorrompia em exclamações ironicas e lhe perguntava qual era o seu nome antes de casar-se, e o que lhe aconteceria se não se casasse ; qual o nome da avó do gato de sua irmã ; e todas essas tolices que a gente sempre diz quando apanha de jeito um homem, de quem fazemos cabeça de turco.

Em pouco, as coisas que diziam tinham graça, muita graça. Palavra que estavam cheinhas de espirito. Entretanto, não era bonito, nem digno o espetaculo de toda aquela gente caindo sobre um homem só, com sua lingua tão bem escorvada e afiada, e ele desajeitadão para pagar-lhes com a mesma moeda.

Mas, Deus do Ceu! por que havia o homem de responder-lhes?

O leitor compreende: o que o aeronauta dizia não lhe adiantava nada e não fazia mossa á populaça.

Era, pois, uma presa do povinho, aí está.

E o povinho divertia-se a valer, á custa do pobre homem.

Creio que o homem não podia com eles.

O aeronauta era assim e, suponho, nada podia fazê-lo mudar.

Era uma boa criatura, sem malicia, pura e simplesmente um genio, como noticiavam os jornais, coisa de que ele não tinha culpa.

Nós não podemos, todos, ter bom senso.

Somos o que somos e como Deus nos fez. Tanto quanto posso compreender, os homens de genio pensam que sabem tudo.

De fórma que não querem aceitar conselhos, mas fazem tudo de sua cabeça, o que é causa de que todo mundo os abandone e os desdenhe, coisa perfeitamente natural.

Se fossem mais humildes e escutassem o que se lhes diz e cuidassem de aprender, isso seria bem melhor para eles.

O lugar em que se achava o aeronauta era uma especie de barco largo e espaçoso, com armarios todo calafetados em volta do barco e no seu interior, para guardar toda sorte de coisas. Em baixo desses armarios a gente podia sentar-se e mesmo deitar-se.

Nós tres subimos a bordo.

Havia já, no barco, uma vintena de pessoas chereteando e examinando tudo. O velho Nat Parsons ali já se achava.

Naturalmente que deviamos esperar que o velho descesse primeiro.

Não queriamos mexer-nos de lá enquanto ele não descesse, afim de sermos os ultimos a deixar o balão.

Afinal, Nat desceu e era tempo de descermos, tambem.

Ouvi um clamor e voltei-me.

A vila afastava-se debaixo de nós com a rapidez de uma flexa.

Foi o bastante para que eu sentisse imobilizados braços e pernas, tanto fiquei aterrorizado.

Jim tornou-se cinzento e não pôde pronunciar palavra, e Tom nada dizia, mas parecia bastante contrariado.

A vila afastava-se cada vez mais, lá em baixo, mas parecia que nós não faziamos mais que ficar no ar, sem nos mexermos.

As casas tornaram-se cada vez menores, e a vila se encolhia sobre si mesma.

Os homens e os vagões já se assemelhavam a formigas e persevejos que se arrastavam pela terra, e as ruas pareciam fendas e filetes. Depois, tudo se misturou não sei como e já não se distiguia mais a vila, nem nada.

Tudo aquilo já não era mais que uma grande mancha sobre a terra, e tive a impressão que se podia distinguir o rio subindo ou descendo numa ex-

tensão de milhas, posto que naturalmente não fosse assim.

Pouco a pouco, a terra tornou-se uma bola, uma bola redonda de côr escura, cheia de raios brilhantes que serpenteavam e faziam sinuosidades. Eram os rios.

A temperatura tornou-se glacial. A viuva Douglas sempre me disse que o mundo era redondo como uma bola, mas nunca dei credito a todas essas superstições.

Não dei atenção a isso porque sempre pude ver com os meus olhos que o mundo era da fórma dum prato e chato.

Eu tinha o habito de subir á colina e passear um olhar circular, para por mim mesmo tirar uma prova, pois penso que a melhor maneira de a gente ter certeza de um fato é examiná-lo com seus proprios olhos e não acreditar no que os outros dizem.

Mas era preciso convir, agora, que a viuva tinha razão.

Isto é, tinha razão quanto ao resto do mundo, e não quanto ao lugar onde se encontra a nossa vila : esta é da fórma de um prato chato.

O aeronauta permaneceu tranquilo durante todo esse tempo, como se estivesse dormindo. De repente, acordou louco da vida.

Pôs-se a falar alto e pude entender as seguintes palavras :

— Idiotas ! eles disseram que não subiria... Quiseram examinar e espiar, para arrancar-me o segredo. Mas eu os venci. A não ser eu, ninguem mais conhece o segredo. Ninguem mais sabe o que o faz

mover-se, e isso é um novo poder! Um novo poder um milhar de vezes o mais forte da terra. Perto disto, o vapor não passa de uma estupidez. Eles disseram que eu não poderia ir á Europa. A' Europa! Mas a bordo existe força para cinco anos e alimentação para tres meses... São uns imbecis... Que sabem eles, lá em baixo?... Sim, disseram que meu navio aéreo é fragil. Entretanto, durará cincoenta anos... Posso percorrer os ceus durante toda minha vida, se quiser, e dirigir-me onde bem me parecer, ainda que eles me tenham ridicularizado e dissessem que não posso... não posso dirigi-lo... Venha aqui, meu rapaz; vamos ver. Aperte esses botões, como vou dizer-lhe.

Ele fez com que Tom governasse o navio em todos os sentidos, e lhe ensinou toda manobra em pouco tempo. Tom disse que era extremamente facil.

O aeronauta fez com que Tom descesse o navio até quasi bater na terra e depois que o subisse e rapidamente voasse perto dos prados de Illinois, a ponto de poder-se falar com os sitiantes e ouvir tudo o que diziam de maneira bastante distinta.

Atirou-lhes, então, papeis impressos descrevendo o balão e comunicando que se dirigia á Europa.

Tom chegou a poder governar o balão direitinho sobre uma arvore, até quasi poder atingi-la. Depois, fê-lo subir como uma flexa e passar pertinho, a ponto de raspar a sua fronde.

Por fim, o aeronauta ensinou a Tom como aterrar.

Tom ensaiou a manobra com grande destreza.

O balão pousou no prado tão devagarinho como na lã, mas no instante em que iamos saltar, o professor disse :

— Não, vocês não descerão !

E fez o balão subir de novo.

Que situação terrivel !

Mas isso só serviu para aumentar-lhe o mau humor.

Ele se pôs a enfurecer-se e a ficar com o aspecto de um louco varrido, coisa que me deixou petrificado.

Então, tornou aos seus males e começou a lamentar-se e a murmurar sobre o modo por que o trataram. Pelo jeito, o homem não podia acalmar-se, mormente quando se lembrava de que disseram que o seu navio era fragil.

Remoia esse pensamento e chegou a encolerizar-se á idéia de que o seu balão não era simples como lhe disseram, e que não passava de uma droga... Uma droga !

Isso o atormentava.

E dizia que se o balão fosse uma droga, tambem o era o sistema solar.

Chegou a espumar de raiva. Nunca vi uma pessoa encolerizar-se daquela maneira.

Aquilo me fazia tremer dos pés á cabeça e a Jim tambem.

Em pouco, ele se pôs a berrar e a dar gritos agudos.

Depois, jurou que agora o mundo não lhe teria mais o segredo, uma vez que o tratara tão mal.

Disse, ainda, que faria a volta do globo em seu balão, só para mostrar de quanto era capaz, e depois que o precipitaria no mar, e nos afogaria a todos.

Enfim, a situação era a mais terrivel que se possa imaginar.

Caia a noite.

O aeronauta deu-nos do que comer e nos ordenou que ficassemos do outro lado da barquinha.

Estendeu-se num dos armarios, de onde podia governar todas as maquinas, e pôs sob o travesseiro o seu velho trabuco, dizendo que quem quer que por ali rondasse, com o intuito de aterrar o balão, ele mandaria para o outro mundo.

Nós estavamos sentados juntinhos um do outro, e refletiamos amargamente, trancafiados em profundo silencio.

De quando em quando é que nos escapava uma ou outra palavra, quando era necessario dizermos alguma coisa ou quando despertavamos de nossos cismares, tanto estavamos apavorados e inquietos.

A lua se arrastava, lenta e solitaria.

Estavamos excessivamente abatidos, e o clarão da lua suavizava e embelezava a paisagem.

Os sitios pareciam intimos e bem fechados, e podiamos ouvir os ruidos dos estabulos. Bem que desejavamos estar lá em baixo! Mas, Deus do Ceu! deslisavamos por cima de tudo aquilo como um fantasma, sem deixar o menor vestigio de nossa passagem.

Já era noite fechada, quando todos os ruidos não passavam de sons demorados e o ar exalava o odor das horas tardias ao tacto e tambem ao olfato.

Segundo meus calculos, seriam umas duas horas da madrugada.

Tom Sawyer disse que o aeronauta, ha muito tão sossegado, por certo adormecera, e que deviamos aproveitar a ocasião...

— Aproveitar a ocasião para que? segredei-lhe, louco de medo, porquanto já imaginava o que ele estava tramando.

— Para deslisarmos até lá em baixo, amarrá-lo e aterrarmos.

— Você está louco, Tom Sawyer? E' melhor não se mexer daí!

Jim, o negro Jim sufocava de tanto pavor. Tambem ele era contra a idéia de Tom Sawyer.

— Oh! sinhô Tom, não faça isso! Se sinhô tocar no homem, estaremos fritos... fritos nós tres, estou certo. Por nada deste mundo quero aproximar-me dele. Sinhô Tom, ele é um louco varrido.

Tom murmurou:

— Por isso mesmo é que precisamos fazer qualquer coisa. Se o aeronauta não estivesse louco, eu não daria siquer um *cent* para estar num outro lugar que não este. Vocês não poderiam fazer com que eu saisse daqui, mesmo que me pagassem, agora que conheço bem o balão e que dominei o terror de estar separado da terra firme... se ele estivesse em seu juizo perfeito. Mas é de má politica navegar-se com uma pessoa fóra do seu juizo, que diz que vai fazer a volta do mundo e depois nos afogar a todos. E' preciso fazermos qualquer coisa, já lhes disse, e fazê-la antes que ele acorde. Ou não teremos mais uma ocasião como esta. Vamos!

O proposito de Tom só serviu para nos dar de que pensar, e dissemos-lhe que não arredariamos pé do lugar em que nos achavamos.

A' vista disso, Tom queria deslisar sozinho até lá em baixo, para ver se conseguia chegar ao leme e aterrar.

Nós lhe suplicamos que não fosse, mas isso de nada serviu.

Ele se pôs de quatro e começou a andar de rastos, polegada a polegada, enquanto o observavamos retendo a respiração.

Quando atingiu o meio da barquinha, arrastou-se ainda mais devagar, parecendo-me que aquilo iria durar anos e anos.

Enfim, vimo-lo chegar até a cabeça do professor e levantar-se devagarinho e examinar longamente o seu rosto e escutá-lo.

Depois, vimo-lo começar a avançar lentamente na direção dos pés do professor, onde se achavam os botões do leme. Ali chegou são e salvo, e estendeu devagarinho e com segurança os braços na direção dos botões.

Entretanto, bateu em qualquer coisa, o que produziu ruido. Notamo-lo, então, encolher-se todo no fundo do armario e ficar deitado tranquilamente.

O aeronauta mexeu-se e indagou :

— Que é que ha ?

Todos nós guardamos um silencio de morte e ficamos quietos e sem nos mexer.

O aeronauta começou a murmurar e a resmungar e a remexer-se como uma pessoa que vai despertar.

Acreditei que eu ia morrer de desassossego e terror.

Nesse instante, uma nuvem encobriu a lua, e quasi chorei de contentamento.

A lua cada vez mais se afundava na nuvem.

Tornou-se tão escuro que não mais podiamos distinguir a Tom Sawyer.

Então, começou a chover e pudemos ouvir o professor agitar-se com suas cordas e suas maquinas e amaldiçoar o tempo. Nós temiamos que a qualquer instante ele pudesse tocar em Tom, porquanto estariamos perdidos, irremediavelmente perdidos.

Entretanto, Tom já estava de volta.

Quando nós lhe sentimos as mãos tocarem em nossos joelhos, minha respiração subitamente parou e meu coração pôs-se a bater precipitadamente entre outros mecanismos do meu ser.

Eu não podia saber, na obscuridade, se era o professor ou se era Tom, mas pensei que era Tom.

Deus do Ceu ! eu estava tão contente por vê-lo de volta, que já me considerava feliz tanto quanto póde sê-lo uma pessoa suspensa no ar, em companhia de um louco.

Não se póde fazer um balão aterrar no escuro.

Assim, eu esperava que continuasse a chover, pois imaginava que Tom não se metesse em nova aventura e nos deixasse, outra vez, em situação tão horrivel.

Enfim, minha esperança traduziu-se em realidade.

Uma chuva fina caiu durante o resto da noite o que não durou muito tempo, mau grado nos parecesse o contrario.

Quando surgiu a aurora, o tempo se levantou e a terra reapareceu extremamente suave, cinzenta e bonita ; com as florestas e os campos tão agradaveis de se contemplarem ; e os cavalos e o gado, que permaneciam tranquilos, sonhadores.

Depois, o sol tornou-se abrasador, jovial, esplendido.

Começamos a sentir-nos cansados, esgotados e, antes que dessemos acordo de nós, estavamos imersos em profundo sono.

## CAPITULO III

# Em pleno Oceano Atlantico

QUANDO adormecemos seriam mais ou menos quatro horas e acordamos lá pelas oito da manhã.

O aeronauta estava cuidando de reinstalar-se no seu canto, e tinha o ar sombrio.

Atirou-nos de que comer, mas proibiu-nos de irmos além da bussola central.

Era mais ou menos a metade da barquinha.

Quando se dormiu bem e comeu-se com apetite, tudo parece bem diferente do que antes.

Isso faz com que a gente quasi que se sinta bem disposto, mesmo quando se está num balão e em companhia de um genio.

Pusemo-nos, pois, a conversar.

Havia uma coisa que me atormentava e, ao cabo de alguns instantes, eu disse :

— Tom, não nos dirigimos na direção éste ?

— Sim.

— A que velocidade caminhamos ?

— Ouvi o aeronauta dizer, quando estava furioso, que caminhamos a cincoenta milhas a hora, ás vezes a noventa e até a cem. Dizia ele que com um bom vento a ajudar-nos, poderia fazer trezentas mi-

lhas com facilidade, e se quisesse encontrar esse vento, que sopra na boa direção, não precisava mais que fazer o balão subir ou descer para encontrá-lo.

— Exatamente como eu pensava. O aeronauta mentiu.

— Por que, Huck Finn?

— Porque se fossemos tão depressa já deveríamos ter passado por Illinois, não é?

— Certamente.

— Pois bem. Ainda não passamos por lá.

—Como assim?

— Eu conheço a cor do solo. Ainda estamos aquem de Illinois. E você poderá ver com os seus proprios olhos que Indiana não está á vista.

— Não entendo o que você quer dizer, Huck. Então, você reconhece o lugar pela cor do solo?

— Exatamente.

— E que tem a ver a cor com tudo isso?

— Muita coisa. Illinois, por exemplo, é verde; Indiana é cor de rosa. Mostre-me a cor de rosa lá em baixo, se for capaz! Não, tudo aquilo é verde.

— Indiana cor de rosa? Que mentira!

— Mentira, nada! Eu vi no mapa, e é cor de rosa...

Nunca se viu pessoa mais irritada e menosprezante do que Tom Sawyer naquele momento.

— Escute, Huck Finn: se eu fosse um imbecil da sua marca, palavra que me atiraria deste balão. Viu a cor no mapa! Acaso você pensa que os Estados Unidos na realidade são da mesma cor que aparecem no mapa?

— Tom Sawyer, para que serve um mapa? não é para você aprender fatos reais?

— Sem duvida que sim.

— Pois então, como corresponde á realidade se diz mentiras?... E' o que desejo saber.

— Sujeito besta, imbecil, o mapa não diz mentiras...

— Não diz, mesmo?

— Não.

— Muito bem. Uma vez que não diz mentiras, não ha dois Estados da mesma cor. Vamos, responda agora, Tom Sawyer.

O meu argumento era irrespondivel. Bem que ele o sentiu e Jim tambem. E — palavra! — cheguei a impar de orgulho, porque Tom Sawyer é um sujeito duro de convencer-se..

Jim deu uma palmada nas pernas e disse:

— Responda, sinhô Tom. Responda, se puder. Mas é escusado tentar. Huck desta vez lhe deu uma rasteira. E derrubou sinhô.

Deu outra palmada nas pernas e prosseguiu:

— Palavra que a pergunta do Huck é de se tirar o chapéu.

Nunca me senti tão orgulhoso em minha vida, porquanto não pensava que ia dizer lá grande coisa até o que saiu de minha boca.

Eu parafusava lá comigo mesmo, tranquilamente, sem pensar no que poderia sair e sem pensar absolutamente numa tal coisa quando, de repente, saiu aquilo.

Pois bem. Foi uma grande surpresa, não só p'ra mim, como para os outros.

E' o caso de uma pessoa que mastiga uma especie de grão de trigo, sem pensar em nada, e, repentinamente, encontra um diamante sob seus dentes.

A principio, tudo o que a pessoa sabe é que mordeu uma especie de cascalho, mas não descobre que é um diamante. Até que o diamante sáia e, tirada a areia e outras sujeirinhas, e mais isto e mais aquilo, a pessoa examina-o atentamente.

Examina-o e, então, fica surpresa e contente.

E orgulhosa, tambem. Isto porque se a gente considerar a coisa bem no fundo, a pessoa não tem direito a tanto credito se andasse, mesmo, á cata de diamantes. O leitor póde notar bem a diferença, refletindo um bocadinho nisso tudo. E ha-de convir que um acidente como esse está longe de ser uma coisa importante como se feita propositadamente.

Pouco importa quem tenha podido encontrar esse diamante num seixo do tamanho de um grão de trigo. Mas — note-se — é preciso que seja alguem a quem a sorte tenha brindado com essa especie de presente.

E aí está a gloria desse homem, e aí está a minha gloria.

Não pretendo grande coisa com isso ; não imagino poder repetir o fato, mas realizei-o uma vez, e é o quanto me basta.

E nunca me passou pela idéia que eu pudesse fazer coisa semelhante, e nem cuidei de fazê-la como o leitor, neste instante. Eu estava tão tranquilo como ninguem mais, e entretanto aquilo me veiu de repente.

Por vezes pus-me a pensar nesse instante, e lembro-me do aspecto de tudo como se fosse na semana passada.

Revejo tudo : o lindo país que se desenrolava cheio de bosques, de campos, de lagos, á distancia de centenas e centenas de milhas ao redor ; as vilas e os vilarejos disseminados por toda parte, em baixo de nós ; o aeronauta sonhando debruçado sobre um mapa, em cima de uma mesinha, e o boné de Tom estalando de encontro ao vento, no cordame onde o pusera para secar ; e, especialmente, um passaro que voltijava em redor de nós, apenas a dez pés de distancia, que ia em nossa direção e cuidava de seguir-nos, mas perdia terreno a todo instante, e um trem que fazia o mesmo lá em baixo, e deslisava por entre as arvores, os sitios, e despedia uma longa nuvem de fumaça preta, de quando em quando um pequeno bafo branco. E quando o branco desaparecia depois de muito tempo, quando a gente já o tinha quasi esquecido, ouvia-se um fraco apito de máquina, apito de verdade, e nós deixavamos o passaro e o trem longe de nós, bem distanciados. E com muita facilidade.

Mas Tom estava queimado e nos disse, a Jim e a mim, que nós eramos dois *grandississimos* ignorantes e imbecis.

Depois, ajuntou :

— Suponham vocês que exista um bezerro *marron* e um canzarrão da mesma côr, e que um artista lhes faça o retrato. Qual é a principal coisa que um artista deve fazer? E' preciso que ele os pinte de modo que se possa distinguir um do outro, com um simples olhar, não acham? Evidentemente. Pois bem. Acaso vocês pretendem que ele os vá pintar a ambos de *marron?* Certamente não. Um, ele pinta de azul, e vocês não poderão confundir. A mesma coisa se verifica com relação aos mapas... E essa é a razão por que se faz cada Estado duma cor diferente ; não é para enganar a vocês, mas para evitar que vocês se enganem.

Tais razões não me convenceram, nem mesmo a Jim.

O negro sacudiu a cabeça :

— Está bem, sinhô Tom. Mas se sinhô soubesse como os pintores têm a cabeça oca, tão depressa não iria buscar um ou varios para provar o que disse. Vou contar porque, e sinhô verá por si mesmo o que eles são. Certo dia encontrei-me com um, que se preparava para pintar na terra do velho Hanck Wilson. Fui ver o que ele fazia. Estava pintando aquela vaca velha, malhada, que tem o chifre esquerdo quebrado... sinhô sabe o que quero dizer. Perguntei-lhe porque a pintava, e ele me disse que quando a tivesse pintada, o quadro valeria cem dolares... Sinhô Tom, ele poderia ter a *vaca* por quinze dolares, e foi isso mesmo que eu lhe disse. Pois bem, sinhô Tom, creia-me se quiser : o pintor sim-

plesmente sacudiu a cabeça e continuou no seu trabalho. Com perdão de sinhô, eles não sabem nada...

Tom Sawyer perdeu a paciencia.

Notei que todos fazem o mesmo quando são abespinhados numa discussão.

Ele nos disse para fecharmos a boca e não cansarmos nossas meninges, mas ficarmos tranquilos e deixar correr o marfim. Destarte, talvez andassemos melhor.

Depois, ele viu um relogio lá em baixo, bem longe, e pegou nos oculos de alcance para olhá-lo.

Olhou-o e olhou o seu relogio de prata : tornou a olhar o outro relogio e voltou a examinar o seu patacão. Não se conteve :

— Que engraçado ! Esse relogio está adiantado mais de uma hora.

E guardou-o no bolso.

Pouco depois avistou outro relogio, olhou de novo e notou que tambem se adiantava em uma hora.

Ficou intrigado.

— E' bastante curioso, disse ele. Não compreendo.

Tomou novamente os oculos de alcance e procurou um novo relogio, tambem adiantado de uma hora.

Seus olhos abriram-se e sua respiração precipitou-se :

— Deus do céu ! é a longitude.

Excessivamente atemorizado, perguntei-lhe :

— O que aconteceu agora ?

— O que aconteceu é que este diacho de balão passou sobre Illinois, Indiana e o Ohio como se fossem uma canja, e este é o ponto éste da Pensilvania ou do Estado de Nova York ou coisa parecida...

— Tom Sawyer, não diga semelhante coisa!

— Sim, sim, é isso mesmo, certamente. Nós cobrimos cerca de quinze graus de longitude logo que deixámos São Luiz ontem, depois do meio dia; e esses relogios trabalham com bastante regularidade. Fizemos perto de oitocentas milhas.

Eu não acreditava, mas sentia suores frios nas costas.

Conforme minha experiencia, eu sabia que em menos de duas semanas não se fazia aquele trajeto numa jangada, descendo o Mississipe.

Jim pôs as mãos na cabeça e refletia.

Por fim, ele disse:

— Sinhô Tom não afirmou que esses relogios trabalham bem?

— Sim, eles trabalham bem.

— E o seu relogio tambem não trabalha bem?

— Sim. Mas ele trabalha bem em São Luiz e atraza-se uma hora para nós.

— Sinhô Tom, quer dizer que a hora não é a mesma em toda parte?

— Não. Longe disso! A hora não é a mesma em toda parte.

Jim assumiu um ar aflito e suspirou:

— Fico penalizado de ouvir sinhô Tom falar desse jeito. Envergonha-me ouvi-lo falar assim, da maneira por que sinhô foi educado... Sim, sinhô,

isso despedaçaria o coração de sua tia Polly se ouvisse...

Tom caia das nuvens.

Pôs-se a considerar Jim com espanto, sem dizer palavra.

Jim continuou :

— Sinhô Tom, quem pôs aquela gente lá em baixo, em São Luiz? Nosso Senhor. E aquela outra, na vila onde moramos? Nosso Senhor. Não são *todas* criaturas de Nosso Senhor? Certamente que sim. Bem. Acaso Nosso Senhor vai fazer distinção entre elas?

— Distinção! Nunca ouvi estupidez maior. Distinção entre elas... Quando Deus fez você e alguns de seus filhos negros, Jim, e fez o resto branco, que nome você dá a isso?

Jim notou que o fato era positivo.

Desconsertou-se logo.

E não acudiu com resposta.

Tom continuou :

— Ele faz distinção, você sabe, quando quer. Mas aquela distinção não foi ele que fez : os homens é que a imaginaram. Deus fez o dia e fez a noite, mas não inventou as horas e nem as dividiu : isso é obra do homem.

— Verdade, sinhô Tom? Foi o homem que fez tudo isso?

— Certamente.

— Quem lhe disse que o homem podia fazer isso?

— Ninguem. Nunca perguntei a ninguem.

Jim refletiu um instantinho, e confessou :

— Palavra, que tudo isso está acima de minha compreensão. Confesso que eu não teria uma tal coragem. Mas ha pessoas que não têm medo de nada. Andam sempre com a cabeça baixa, e riem-se do que vai acontecer... Assim, ha sempre quatro minutos de diferença em cada grau de longitude ; quinze fazem uma hora ; trinta, duas horas, e assim por diante... Quando é uma hora de manhã de terça-feira, na Inglaterra, são oito horas da noite de segunda-feira, em Nova-York...

Jim encolheu-se um bocadinho mais, no armario, e notava-se que estava um tanto contrariado. Continuamente sacudia a cabeça e falava entredentes.

De modo que me arrastei até ele, e lhe dei uns tapinhas na perna, á guisa de caricia, e consegui consolá-lo.

Em pouco, passava o seu mau humor.

E ele dizia :

— Sinhô Tom tem cada uma ! Terça-feira num lugar e quarta-feira noutro, ambos no mesmo dia ! Huck, o caso não é de brincadeira lá, onde moramos. Dois dias num dia : você não póde colocar duas horas numa hora, não é verdade ? E acaso póde enfiar dois negros na pele de um só negro ? Dois litros de *whisky* na garrafa de litro de um só ? Não, Huck. Isso forçaria a garrafa. E mesmo que você pudesse, eu não acreditaria. Mas, Huck, suponha que terça-feira seja o dia de Ano Bom... Bem. Acaso você me diria que em tal lugar é Ano Bom e em tal outro

é o ultimo dia de ano, ambos no mesmo e identico minuto? Qual! Isso não passa da maior brincadeira do mundo! Não posso engulir o que sinhô Tom disse, não posso ouvir que digam semelhante asneira.

Nesse ponto, ele se pôs a tremer e sua cara a ficar cinzenta.

Tom perguntou-lhe:

— Então, que temos agora? O que você está sentindo?

Jim mal podia falar. Conseguiu, no entanto, responder-lhe:

— Sinhô Tom, aquilo não era caçoada, não? E' bem verdade?

— Não, eu não estava caçoando. Tudo aquilo é verdade.

Jim tremeu mais uma vez e disse:

— Nesse caso, esta segunda-feira poderia ser o dia do Juizo Final, e não o teriamos na Inglaterra e os mortos não seriam chamados. Não deviamos ir mais longe, sinhô Tom... Por favor, faça-o voltar. Quero ser...

De repente, vimos qualquer coisa e levantamo-nos dum salto e esquecemos por completo o resto.

Tom observou:

— Acaso não é...

Respirou profundamente e continuou:

— Estou certo que o vi... E' o Oceano!...

Isso nos tirou a respiração, a mim e a Jim.

Depois ficamos todos petrificados, mas felizes, pois nenhum de nós até então vira o Oceano, nem sonhava vê-lo.

Tom murmurava :

— Oceano Atlantico... Atlantico ! Deus do Ceu ! Como isso sôa forte ! E é ele... e nós o olhamos, nós ! Ah ! é doutro mundo para a gente crer...

Vimos, depois, uma cidade monstruosa, de um lado bordejada de espessa linha de navios.

Perguntamos a nós mesmos se não seria Nova York, e começamos a discutir sobre esse assunto, e, sem que o percebessemos, a cidade deslisava sob nós e afastava-se atrás de nós. Eis-nos, duma hora para outra, sobre o Oceano, o proprio Oceano, e o balão com a marcha de um ciclone.

Foi isso justamente que nos despertou daquele extase, posso garantir.

Desfizemo-nos em lagrimas e pusemo-nos a lamentar, e chegamos a suplicar ao aeronauta para ter piedade de nós e voltar e deixar-nos em terra, afim de que pudessemos regressar á casa dos nossos parentes, que áquela hora se sentiriam tão infelizes e tão inquietos sobre a nossa sorte, e morreriam se nos acontecesse qualquer coisa.

Mas ele sacou do trabuco e nos fez sinal para recuarmos, coisa que compreendemos perfeitamente.

Ninguem póde imaginar como nos sentiamos infelizes.

A terra desaparecera inteirinha, exceto uma pequena linha, como uma serpente, lá em baixo, á margem da agua e sob os nossos pés, e estavamos em pleno oceano !

O oceano... o oceano... á distancia de milhões de milhas, levantando-se e abaixando-se, escumante,

com flocos de espuma que resplandeciam no topo das vagas, e somente alguns navios á vista, jogando de popa a proa e inclinando-se, ora sobre um bordo, ora sobre outro, e afundando ora da popa, ora da proa.

Depois, por muito tempo não havia mais sinal de navio, e tivemos o ceu e o oceano inteirinhos para nós. Somente para nós.

Era o lugar mais espaçoso e mais solitario que jamais vi.

## CAPITULO IV

# A morte do aeronauta

A atmosfera cada vez mais se tornava erma. Lá em cima, na verdade, estava o grande ceu, vazio e terrivelmente profundo, e em baixo o oceano, sem nada em cima, a não ser as vagas.

Tudo o que nos rodeava formava um circulo, um circulo perfeitamente redondo, em que o ceu e a agua se juntavam.

Sim, era bem um circulo monstruoso, e nós sozinhos no centro: uma ameixa bem no meio.

Caminhavamos com a velocidade dum incendio de pampas, mas não davamos tento disso.

Parecia que não podiamos atravessar aquele centro de jeito nenhum.

Eu não podia distinguir se ganhavamos uma polegada de terreno.

Isso dava um verdadeiro calafrio.

Era tão curioso e tão inexplicavel!

Tudo estava tão calmo que nós começamos a falar em voz baixa.

Cada vez mais nos sentiamos contrafeitos e isolados, e menos dispostos a conversar. Tanto que em pouco nos calavamos e ficavamos sentados a sonhar, como disse Jim, por muito tempo sem pronunciarmos siquer uma palavra.

O aeronauta não se mexeu até que o sol se pôs justamente em cima de nossas cabeças.

Levantou-se, então, e levou uma especie de triangulo á altura dos olhos.

Tom disse-nos que era um sextante e que o professor tomava a posição do sol, para ver em que ponto se achava o balão.

Depois, ele fez alguns calculos e olhou num livro.

Em seguida, recomeçou a fazer novas considerações em voz alta.

E disse toda especie de extravagancia.

Entre outras, afirmou que sustentaria essa marcha de cem milhas até metade da tarde do dia seguinte e então desceria em Londres.

Nós lhe dissemos que lhe ficariamos humildemente gratos.

Ele já se afastava, mas fez meia volta quando nos ouviu aquilo e deitou-nos um longo olhar, da mais negra especie, um desses olhares dos mais malignos e desconfiados que jamais vi.

Depois, fulminou-nos com estas palavras :

— Vocês querem deixar-me. Não tentem negar !

Nós não sabiamos o que responder.

Guardamos, pois, silencio, sem nada lhe dizer.

Ele se afastou e sentou-se. Pelo jeito, não podia tirar aquela idéia da cabeça.

De onde em onde, lá de cima atirava-nos algumas palavras, cuidando de fazer-nos responder-lhe. Mas não ousavamos.

Aquilo cada vez se tornava mais lugubre, e parecia-me que eu não poderia mais suportar.

A coisa peorou quando a noite começou a descer.

De repente, Tom beliscou-me e murmurou :

— Olhe !

Voltei-me para o aeronauta e vi-o bebendo um bom trago de uma garrafa.

Isso me inquietou.

Ao cabo dum instante, bebeu de novo e logo se pôs a cantar.

Anoitecia.

O tempo tornou-se sombrio e tempestuoso.

O aeronauta continuava a cantar de um modo cada vez mais extravagante.

O trovão já ribombava ao longe, e o vento ululava e gemia na cordoalha do balão.

Era simplesmente terrivel.

Estava tão escuro que não mais podiamos ver o nosso navegador aéreo e bem que desejavamos não mais ouvi-lo, mas o ouviamos mau grado nosso.

Pouco depois ele se acalmou. Não fazia bem dez minutos que se calara quando começamos a ficar desconfiados e esperavamos que recomeçasse a cantoria, para vermos onde ele se achava.

Após alguns instantes um relampago cortou os ares e vimo-lo esforçando-se por levantar-se. Mas estava bebado e vacilou e caiu.

Escutamo-lo gritar com voz penetrante, na obscuridade :

— Eles não querem ir á Inglaterra. Muito bem : vou mudar de direção. Querem deixar-me ? Muito bem. Deixar-me-ão ... e imediatamente.

Quasi que morri de medo quando ouvi aquilo.

Depois, ficou tranquilo de novo, tranquilo por tanto tempo que eu morria de medo, mesmo porque me parecia que não viria outro relampago.

Mas, enfim, apareceu outro bendito relampago, e pude vê-lo arrastando-se sobre as mãos e sobre os joelhos e não mais distante de nós que quatro pés.

Meu Deus, seus olhos eram terriveis!

Ele fez um gesto para segurar Tom Sawyer, e disse:

— Suba já!

Fizera-se outra vez noite e noite sombria, e não pude ver se o homem o agarrara ou não, e Tom não fez o menor ruido.

Houve uma outra longa, terrivel espectativa. Empós, novo relampago e pude ver a cabeça de Tom descendo cada vez mais do lado de fóra da barquinha e desaparecer.

Tom estava suspenso na escada de corda que se balançava no ar, presa no rebordo da barquinha do balão.

O aeronauta soltou um grito e lançou-se sobre ele... Imediatamente se fez, de novo, escuridão completa. Jim gemia:

— Pobre sinhô Tom, está frito!

Ele saltou na direção do aeronauta, mas o aeronauta não mais ali se achava.

Foi quando ouvimos dois gritos terriveis e, após, um terceiro, menos forte e ainda um quarto, muito mais baixo e apenas perceptivel, enquanto Jim suspirava:

— Pobre sinhô Tom!

Depois, tudo se tornou terrivelmente silencioso, e acreditei que se podia contar de um a quatrocentos mil até o relampago seguinte.

Quando chegou, dei com Jim de joelhos, os braços sobre o armario e a cabeça nas mãos.

O negro chorava.

Antes que eu tivesse tempo de olhar do lado da barquinha, a escuridão de novo nos envolveu e de certo modo isso me alegrou, porquanto eu não desejava ver nada.

Mas, quando clareou novo relampago, atentei lá em baixo, e vi que alguem se balançava ao vento, trepado naquela escada de corda. Era Tom Sawyer.

— Suba! gritei-lhe. Suba, Tom!

Sua voz estava tão fraca e o vento rugia tão forte que não pude compreender o que me respondeu. Entretanto, pensei que me perguntasse se o aeronauta estava lá em cima. Gritei-lhe, pois:

— Não. Ele caiu no oceano! Suba! Quer que o ajudemos?

Naturalmente tudo isto se passou na escuridão.

— Huck, com quem você está falando?

— Com Tom Sawyer.

— Oh! Huck, como você póde falar-lhe, uma vez que sabe que o pobre sinhô Tom...

Nesse instante, um grito terrivel lhe escapava, e ele atirou sua cabeça e braços p'ra trás e deu um segundo grito. E' que novo e deslumbrante relampago riscou os ares naquele momento, e Jim viu o rosto de Tom, branco como a neve, dirigir-se para bordo e olhá-lo fixamente nos olhos.

O negro imaginava que era o fantasma de Tom...

Tom trepou a bordo e quando Jim descobriu que era ele e não o seu fantasma, apertou-o em seus braços e chorou sobre seus ombros e pôs-se a acariciá-lo com palavras de ternura.

De tão contente, Jim parecia que enlouquecera.

Eu disse, então, a Tom Sawyer:

— O que você estava esperando? Por que não subiu logo?

— Não ousei, Huck. Eu sabia que alguem havia rolado perto de mim, mas na escuridão não podia saber quem era. Podia ser você ou o Jim.

Tom Sawyer sempre foi assim: precavido como ninguem. E não subiria antes de saber onde se encontrava o aeronauta.

A tempestade neste instante se desencadeou em toda sua força, e era terrivel a maneira por que o trovão ribombava e estrondava e os relampagos resplandeciam.

O vento cantava e assobiava no massame de bordo.

Por alguns segundos, a gente não podia enxergar a propria mão e, pouco depois, podiam-se contar os fios na manga do paletó e ver todo um deserto selvagem de vagas, a subir e a descer, através de uma especie de cortina de chuva.

Uma tempestade como esta é a mais bela coisa que possa existir, mas não é o que de melhor exista quando se está perdido no ceu e chove e a gente está sozinho na imensidade e acaba de verificar-se uma morte na familia.

Permanecemos sentados, chegadinhos uns aos outros, em circulo.

Conversavamos em voz baixa a respeito do pobre aeronauta e estavamos tristes pelo que lhe sucedera. Muito tristes, mesmo, porque haviamos caçoado dele e o tratamos com tanta dureza, ao passo que ele se esforçava por ser gentil, e não tinha amigos ou quem quer que seja para impedi-lo de perder o juizo á força de refletir, o que o tornara louco.

Havia grande quantidade de roupas, de agasalhos e toda sorte de provisões na outra extremidade da barquinha, mas preferimos receber a chuva a chegarmos até lá.

E' facil de compreender-se a razão de nosso procedimento : parecia-nos excessiva vilania ocuparmos o lugar quente, ainda, de um homem que acabava de morrer.

Jim afirmou que preferia ficar molhado até os ossos e, mesmo, virar cogumelo a ir para aquele lado e talvez tocar naquele fantasma, á luz dos relampagos.

Acrescentou que ficava doente só em ver um fantasma, e que preferia morrer a tocar num que fosse.

## CAPITULO V

# Em meio de leões e tigres

CUIDAMOS de fazer alguns planos, mas não pudemos chegar a um acordo.

Jim e eu eramos de parecer que deviamos fazer meia volta e voltar p'ra casa.

Tom calculava que, ao despontar do dia, quando pudessemos ver o caminho que seguiamos, já estariamos tão longe, na direção da Inglaterra, que facil nos seria chegarmos até lá, voltarmos num barco e termos a gloria de dizer que fizemos aquela viagem.

Mais ou menos á meia-noite cessou a tempestade e a lua reapareceu e iluminou todo o oceano.

Começamos a sentir-nos melhores e com sono.

Estendemo-nos, então, sobre as tarimbas e dormimos a sono solto. Quando acordamos, o sol estava alto, no ceu.

O mar brilhava como se fosse todo de diamantes ; o dia estava esplendido e nossas roupas logo se secaram.

Fomos á procura de algum alimento e a primeira coisa que nos saltou aos olhos foi uma luz fraca, alumiando uma bussola, sob um abrigo.

Tom Sawyer ficou logo inquieto.

— Vocês compreendem perfeitamente o que isso quer dizer : isso significa que alguem deve vigiar e

governar isto como se fosse um navio. Caso contrario, o balão ficará á mercê do vento, que nos levará para onde soprar.

— Está bem, respondi-lhe. Mas, que aconteceu depois... depois que tivemos aquele acidente?

— Afastou-se do caminho, disse Tom um tanto perturbado. Afastou-se do caminho, sem duvida nenhuma. Agora, está sob um vento que o conduz a sudoeste. E não sabemos ha quanto tempo isso dura...

Ele dirigiu a proa ao éste e disse-nos que a manteria nessa posição enquanto Jim e eu cuidavamos do almoço.

O aeronauta havia embarcado tudo de que se podia ter necessidade. Não se poderia exigir mais.

Não havia leite para tomar-se com café, mas havia agua e tudo o mais de que se precisasse: um fogão a carvão provido de tudo; cachimbos, charutos e cigarros, vinho e licores, coisa que não nos interessava, e livros, mapas, roteiros maritimos, uma sanfona, casacos de pele, agasalhos de toda especie e toda sorte de coisas, tais como missangas e joias de cobre.

Aquilo tudo, disse-nos Tom, era sinal evidente de que o aeronauta tencionava visitar os selvagens.

Havia dinheiro, tambem.

Evidentemente, o aeronauta tinha tudo de que carecia.

Depois de almoçarmos, Tom ensinou-nos a manobrar o leme e nos dividiu as horas de quarto, um por vez. Quando terminou o seu quarto, coube-me substitui-lo.

Ele tirou os papeis e as penas do aeronauta e escreveu uma carta a sua tia Polly, narrando-lhe tudo o que nos sucedera e datou : "No firmamento, proximo da Inglaterra".

Dobrou a carta e fechou-a com um sinete de cera vermelha. Em cima do endereço escreveu com letra forte : "Da parte de Tom Sawyer, o *aeronauta*".

Disse-nos que o velho Nat Parsons, o agente do correio, suaria por todos os poros quando a carta chegasse ao correio.

Observei-lhe :

— Tom Sawyer, mas não é um firmamento ; é um balão.

— E quem foi que disse que era um firmamento, *sêo* aguia ?

— Você mesmo.. Não foi isso que você pôs na carta ?

— Hein ? Mas não quer dizer que o balão é o firmamento.

— Bem vejo. Então, que vem a ser o firmamento ?

Notei por um instante que ele perdera a lingua. Dava tratos á bola, mas não lhe acudia nenhuma resposta, tanto que foi obrigado a confessar :

— Eu não sei, nem ninguem sabe. Não é mais do que uma palavra. E é uma palavra da pontinha, não ha duvida. Não ha muitas que valham mais do que essa ; creio mesmo que não haja melhor.

— Tolice, repliquei-lhe. Mas, o que significa ?... Este o ponto essencial.

— Não sei o que significa, já lhe disse, Huck. E' uma palavra que as pessoas empregam para... para... Enfim, é uma palavra decorativa. A gente

não põe rendas numa camisa para torná-la quente, não é verdade?

— Naturalmente.

— Mas, põe-se ou não se põe?

— Põe-se.

— Muito bem. Esta carta que escrevi é uma camisa, e o firmamento é o punho de renda.

Imaginei logo que aquilo mexeria com Jim, e de fato.

O negro não se conteve:

— Qual o que, sinhô Tom! Isso não pega. E, mais ainda, é um pecado. Sinhô sabe que uma carta não é uma camisa, e que não ha nenhuma renda em cima da carta. Não ha lugar para a renda, e sinhô não póde ali enfiá-la. E, se puder, a renda não ficará...

— Oh! cale-se até que a gente diga qualquer coisa que você entenda!

— Qual nada, sinhô Tom! Quero crer que sinhô não vá dizer que eu não saiba nada a respeito de camisas, quando Deus é testemunha de que lavo a roupa na casa ha...

— Já lhe disse que aquilo nada tem a ver com camisas. Eu dizia somente...

— Como, sinhô Tom? Se sinhô mesmo disse que uma carta...

— Você quer deixar-me maluco? Fique quieto, homem! Empreguei a palavra unicamente como metafora.

Esta ultima palavra trancou-nos a boca durante um minuto.

Depois, Jim prosseguiu um pouco timidamente, pois notava que Tom se estava tornando rabugento.

— Sinhô Tom, que vem a ser uma metafora?

— Uma metafora é... Bem, é... uma metafora é uma ilustração.

Tom notou que estavamos na mesma. Cuidou, pois, de ser mais explicito.

— Quando eu digo que os passaros da mesma plumagem voam juntos, é um modo metaforico de dizer...

— Mas, não é verdade, sinhô Tom. Não, sinhô, eles não voam juntos, na verdade. Plumagens que se parecem só as do *bluebird* e do gaio, mas se sinhô espera que esses passaros voem juntos, sinhô...

— Oh! Deixe-nos em paz! Você, Jim, não consegue fazer passar a mais simples coisa nessa cabeça dura. Não me aborreça mais!

Jim estava satisfeito com esse final.

Sentia-se elevado ao setimo ceu por ter beliscado, desse jeito, a Tom Sawyer. Logo que este se pôs a falar sobre passaros, julguei-o perdido, pois Jim a esse respeito sabe mais do que nós dois juntos.

E a razão disso é que ele matou centenas e centenas, e esse é o meio de se conhecerem os passaros.

Assim é que fazem os homens que escrevem livros sobre o assunto.

Gostam tanto de passaros que suportam fome e fadiga e arcam com toda sorte de sacrificios para descobrir uma nova especie e matá-lo.

O nome deles é ornitologistas. Eu poderia ser um ornitologista, pois sempre gostei dos passaros e dos animais.

Cheguei, mesmo, a ir ao mato para tornar-me ornitologista, e vi um passaro empoleirado num ramo

seco duma arvore morta, cantando, cantando... com a cabecinha inclinada p'ra trás, e o bico aberto. Dei-lhe um tiro antes de pensar no que fazia, e o seu canto cessou.

Ele caiu perpendicularmente do ramo, mole como um trapo.

Corri a apanhá-lo..

Estava morto, e seu corpo eu o sentia quente em minha mão. A cabecinha pendia-lhe de um lado e de outro, como se o seu pescoço estivesse quebrado.

Havia uma pelicula branca sobre os seus olhinhos, e uma gotinha de sangue do lado da cabecinha, e... não pude ver mais nada por causa das lagrimas que me brotaram dos olhos.

A partir de então, não pude mais matar nenhuma criatura que não me tivesse feito mal, e não mais matarei.

Entretanto, aquilo do firmamento me deixou furioso.

Eu queria saber.

Tornei ao assunto, e Tom explicou-se da melhor maneira.

Afirmou-me que quando uma pessoa faz um grande discurso, os jornais dizem que os gritos da multidão faziam ressoar a abobada do firmamento.

Repetiu que diziam sempre aquilo, mas que, como nenhum dentre eles até então dissera o que significava, supunha ser uma coisa muito alta, muito alta, nos ares.

Isso já parecia ter sentido. Declarei-me, pois, satisfeito.

Pelo jeito, o que eu disse agradou a Tom Sawyer, e lhe restituiu o bom humor.

— Está bem, continuou ele, a coisa agora vai melhor. O que passou, passou. Não sei bem o que venha a ser o firmamento, mas quando aterrarmos em Londres, vamos fazer com que o firmamento ressoe de todas as maneiras, não se esqueça.

Disse, mais, que um *aeronauta* era uma pessoa que viaja num balão e que era da pontinha ser Tom Sawyer, o *aeronauta*, em vez de Tom Sawyer, o viajante. E que o mundo inteiro havia de falar de nós, se lograssemos exito naquela empresa, e que não trocaria a sua posição pela de um viajante.

Mais ou menos ás duas horas da tarde preparamos tudo para a aterragem, e estavamos magnificamente fortes e tambem orgulhosos.

Devassamos o horizonte com os oculos de alcance, como Cristovão Colombo ao descobrir a America. Mas não vimos outra coisa que não fosse o oceano. Passou-se a tarde, e o sol deitou-se.

De terra, nem o mais leve sinal.

Perguntavamos a nós mesmos o que se passava, mas pensavamos que tudo acabaria bem.

De sorte que continuamos a governar na direção éste, mas subimos a um nivel um pouco mais elevado, com receio de chocarmos contra picos ou montanhas naquela escuridão.

Era minha vez de quarto até meia noite, depois a de Jim. Mas Tom ficou firme, pois — dizia ele — os capitães de navios faziam isso quando se dirigiam a terra, e então não se observavam quartos regulares.

Quando a aurora despontou, Jim deu um grito e nós incontinenti nos pusemos de pé e olhamos.

Lá estava a terra, por certo, a terra toda em redor, tão distante quanto se podia ver, e perfeitamente chata e amarela. Não sabiamos ha quanto tempo estavamos sobre ela. Não havia arvores, nem colinas, nem rochedos, nem cidade, e Tom e Jim tomaram-na pelo mar.

Tomaram-na pelo mar em plena calmaria. Mas achavamo-nos tão alto que, de qualquer fórma, mesmo que fosse o mar, todo encapelado, poderia parecer liso e unido, á noite.

Estavamos agora num grande nervosismo.

Atiramo-nos sobre os oculos de alcance, para procurar Londres por toda parte, mas não pudemos descobrir-lhe o menor traço, nem mesmo o de um simples agrupamento de casas.

Nem o menor sinal dum lago ou dum rio.

Tom estava desapontado.

Chegou a confessar-nos que não era assim que imaginava Londres.

Pensava que a Inglaterra se parecia com a America, e sempre alimentou essa idéia.

De sorte que nos alvitrou almoçassemos primeiro e depois descessemos, para informar-nos qual o caminho mais curto para Londres.

Abreviamos singularmente o almoço, tanto estavamos impacientes.

Como descessemos obliquamente, a temperatura começou a suavizar-se e logo despimos o casaco de pele.

Entretanto, cada vez se tornava mais fresca, e ao cabo de alguns minutos podia-se dizer que era quasi agradavel.

O suor começou a escorrer de nossa testa.

Agora, estavamos pertinho do chão, e nadavamos em suor.

Paramos a menos de trinta pés da terra. Isto é, se se póde chamar á areia de terra, pois que tudo aquilo ali em baixo era areia.

Tom e eu descemos pela escada e demos alguns passos para desenferrujar as pernas, coisa que nos pareceu esplendida. Pensei em desentorpecer-nos, mas a areia queimava-nos os pés como se fosse cinza quente.

Não demorou muito que ouvissemos os passos de alguem que por ali surgia. Fomos ao seu encontro. Mas ouvimos Jim gritar, e voltamos a cabeça. Vimo-lo gesticulando, fazendo-nos sinais, berrando.

Não podiamos compreender o que ele dizia, mas tivemos medo e viramos nos pés, correndo, para alcançarmos o balão.

Quando chegamos bem perto, entendemos bem as suas palavras que, aliás, me tolheram os movimentos de pernas e braços.

— Corram ! corram, pelo amor de Deus ! E' um leão ... Posso vê-lo com os oculos ! Corram, meus rapazes ! Peço-lhes que corram o mais depressa que possam ! Ele escapou da jaula e não ha ninguem para prendê-lo !

Tom criou azas, mas quanto a mim tudo aquilo só serviu para me paralisar as pernas.

Enquanto eu corria, a minha respiração cada vez mais se tornava dificil, como num sonho, quando um fantasma persegue a gente e vai alcançar-nos.

Tom logo chegou á escada, trepou alguns degraus e esperou-me. Logo que ali pus os pés, ele gritou a Jim para fazer o balão subir.

Jim havia perdido completamente a cabeça e disse que se esquecera como manobrar.

Tom continuou a subir e disse-me para segui-lo. Mas o leão estava chegando com rugidos sanguinarios, e minhas pernas tremiam de tal modo que eu não ousava tirar uma dos degraus, de medo que a outra não resistisse ao meu peso.

Mas Tom já estava a bordo e fez com que o balão subisse um pouco. Parou-o de novo, logo que a extremidade da escada ficou acima do solo uns dez ou doze pés.

O leão ali se achava, assanhado, rugindo, saltando sob a extremidade da corda, quasi que me alcançando. Separava-me dele, pelo que pude verificar, um quarto de polegada. Era delicioso a gente estar fóra de seu alcance, perfeitamente delicioso. O meu corpo estava todo suspenso, graças a Deus fóra de suas garras, mas suspenso, sem nenhuma esperança de livrar-me daquela situação.

Eu não podia subir, e isso me deixava a metade do corpo perfeitamente infeliz e miseravel.

E' raro que uma pessoa sinta uma tal mistura de sensações, e não é o caso de desejá-la a ninguem.

Tom perguntou-me o que devia fazer, mas eu tambem não sabia.

Perguntou-me se eu poderia ficar pendurado enquanto ele dirigia o balão para um lugar sem perigo e deixava os leões atrás de nós. Respondi-lhe que se não subisse o balão mais alto do que estavamos, eu poderia, mas que se fosse mais alto, eu perderia a cabeça e cairia seguramente.

Em pouco, ele gritava :

— Segure-se bem !

E pôs-se em caminho.

— Não vá tão depressa, gritei-lhe. Estou sentindo vertigem.

E' que o balão partiu com a velocidade dum expresso.

Depois, a sua velocidade diminuiu e deslisamos mais lentamente sobre a areia, mas ainda de modo que me fazia voltar a cabeça, pois a gente fica meio tonto ao ver as coisas correrem e deslisarem em baixo, sem que se possa sentir com os pés no chão.

Entretanto, em pouco ali estava o chão firme : o leão nos alcançava.

O barulho que fazia chamou outros.

Podia-se vê-los trotando em todas as direções, e logo ali se achavam duas duzias, saltando sob a escada, rugindo e entre-mordendo-se. Continuavamos a deslisar acima da areia, e os animais lá em baixo faziam tudo o que podiam, para não nos esquecermos de sua presença.

Depois, surgiram alguns tigres, sem que fossem convidados, e aquilo virou numa algazarra do inferno.

Vimos que nosso plano falhara.

Desse jeito não podiamos desembaraçar-nos, e eu não podia continuar suspenso.

Tom refletiu e teve uma outra idéia.

Matar um leão com o trabuco do aeronauta, e afastar-se enquanto os outros disputavam o cadaver e nos deixavam.

Ele parou, pois, o balão e agiu como pensara.

Afastamo-nos assim que começou o tumulto. Descemos a um quarto de milha e Tom e Jim me ajudaram a subir a bordo.

Mas, logo que ficamos fóra de seu alcance, a horda já estava pronta a recomeçar.

E quando viram que realmente haviamos partido e não poderiam mais apanhar-nos, assentaram-se sobre as patas trazeiras e nos olhavam tão desapontados que bem lhes compreendiamos o pensamento, se considerassemos as coisas sob o ponto de vista deles.

## CAPITULO VI

# Uma luta em pleno deserto

SENTIA-ME tão fraco que a unica coisa que desejava era deitar-me e descansar.

Dirigi-me, pois, diretamente para a minha tarimba e aí me atirei. Mas dificil a gente refazer as forças num forno como aquele.

Assim é que Tom deu ordem de subirmos e Jim acionou o balão nesse sentido.

E, note-se, não era coisa de somenos a esse balão erguer-se com tantas pulgas no seu interior.

Justamente isso é que lembrou a Tom Sawyer aquele conto :

"Mary tinha um carneirinho ; suas pulgas eram brancas como a neve..."

Mas, não estas... estas eram da familia escura, da familia que sempre está faminta e não é nada gentil, que come empada se não encontrar nenhum cristão.

Em toda parte onde ha areia encontra-se este genero de insetos ; e tanto maior for a quantidade de areia, mais numerosa é a trempe.

Aqui, tudo era areia, e o resultado condizia perfeitamente.

Nunca vi tamanha invasão.

Fomos obrigados a subir uma milha para encontrarmos temperatura conveniente, e uma outra milha para que nos desembaraçassemos dessas criaturas. Afinal, quando elas começaram a gelar, saltaram de bordo. Descemos, então, uma milha, e encontramos temperatura agradavel e refrescada pela brisa, tal qual esperavamos, e logo ficamos em linha vertical.

Tom, tranquilamente sentado, estava imerso em seus pensamentos.

De repente, ele deu um pulo e disse :

— Sou capaz de apostar a minha cabeça que agora sei onde estamos. Estamos no grande Saara, exatinho como lhes digo.

Ele estava tão excitado que já não podia mais ficar tranquilo.

Justamente o contrario do que sucedia comigo.

— Está bem, disse-lhe eu. Então, onde fica o grande Saara? Na Inglaterra ou na Escocia?

— Nem na Inglaterra, nem na Escocia. Fica na Africa.

Os olhos de Jim quasi que lhe saltaram da cara, e ele se pôs a olhar em baixo com um interesse inaudito, pois era o país dos seus antepassados.

Entretanto, eu não acreditava no que Tom dissera.

E compreende-se porque não podia acreditar naquilo.

Parecia-nos terrivelmente longe a Africa, para que pudessemos chegar até lá.

Não obstante, Tom estava cheio de seu descobrimento, como dizia.

Afirmava que os leões e a areia eram indicio seguro do grande deserto. Disse, mais, que poderia identificar a região antes de perceber a terra em que pisamos, se tivesse pensado numa coisa. Indagamos-lhe que coisa era, e ele nos respondeu :

— Esses relogios são cronometros. Vocês sempre ouvem falar disso, nas historias de viagens por mar. Um deles marca a hora de Greenwich, o outro a de São Luiz, como o meu relogio. Quando deixamos São Luiz, eram quatro horas da tarde no meu relogio e neste cronometro dez da noite, hora Greenwich. Ora, nesta epoca do ano, o sol se deita mais ou menos ás sete horas. Pois bem, ontem á tarde marquei a hora em que o sol se deitou, e eram cinco e meia, hora Greenwich, e onze horas e meia em meu relogio e no outro relogio. Ora, o sol levantou-se e deitou-se á hora de meu relogio regulado por São Luiz, e o de Greenwich estava adiantado em seis horas ; mas avançamos tanto na direção éste que disso resulta a diferença a menos de uma hora e meia com o relogio de Greenwich — e aí está uma diferença — ou sejam, quatro horas e meia de diferença ou mais. Pois bem. Isso quer dizer que estamos a ponto de atingir a longitude da Irlanda, o que já teria sucedido pouco antes se caminhassemos em linha reta, coisa que não fizemos. Não, positivamente nós nos afastamos, e afastamo-nos na direção sudoeste, e minha opinião é que estamos na Africa. Olhem neste mapa. Reparem como a ponta da Africa avança na direção oeste. Pensem um bocadinho como caminhamos depressa ; se tivessemos caminhado direitinho na direção éste, neste momento teriamos ha muito passado a Inglaterra.

Observem vocês dois, ao meio dia, e verão que estaremos todos de pé, e quando não projetarmos mais sombra, hão-de notar que esse relogio de Greenwich estará perto de marcar meio dia. Sim, creio que estamos na Africa, e isto é simplesmente espantoso.

Jim olhava lá em baixo, com os oculos de alcance.

Ele sacudiu a cabeça e disse :

— Sinhô Tom, penso que nisso tudo ha um erro, porque ainda não vi nenhum negro.

— Não quer dizer nada... os negros não moram no deserto. Mas, que vem a ser aquilo, lá em baixo? Dê-me os oculos.

Ele olhou longamente e notou que era uma como que corda negra, alongada pela areia, mas que não podia adivinhar o que fosse.

— Muito bem, disse eu, creio que talvez você possa, agora, saber onde se acha o balão, pois é bem provavel tratar-se dessas linhas que se vêem no mapa, que você chama de meridianos de longitude. Nós podemos descer, olhar o seu numero e...

— Que besteira, Huck Finn! Nunca vi sujeito tão imbecil como você! Acaso supõe que esses meridianos de longitude estejam traçados sobre a areia?

— Tom Sawyer, eles estão indicados no mapa, você sabe perfeitamente. Estão aqui, e você póde vê-los com os seus proprios olhos.

— Naturalmente que estão no mapa, mas isso não quer dizer que estejam traçados na terra.

— Tom Sawyer, você está certo disso?

— Certissimo.

— Muito bem. Nesse caso, esse mapa é mentiroso. Nunca vi coisa mais mentirosa do que esse mapa.

Tom já estava ficando queimado e, de minha parte, eu já me dispunha a prosseguir.

Jim tambem já estava esquentado e no minuto seguinte teriamos desencadeado uma outra discussão se Tom não tivesse largado os oculos para bater palmas e gritar como um maluco :

— Camelos ! São camelos !

De sorte que me apossei de uns oculos e Jim tambem, e lancei um olhar lá em baixo, mas logo fiquei desapontado.

— Camelos... bobagem ! São aranhas !...

— Aranhas num deserto, *sêo* aguia ! Aranhas que caminham em fila ! Você nunca reflete, Huck Finn, e creio que realmente você não possue nada que sirva para refletir. Acaso não pensou que estamos pelo menos a uma milha de altura, e que essa linha de seres deslisantes se encontra a duas ou tres milhas ? Aranhas, Deus do Ceu !... Aranhas do tamanho de uma vaca ?... Talvez você queira descer e ordenhar uma delas. Mas são camelos, *sêo* bobo. E' uma caravana, aí está, e com a extensão de uma milha...

— Está bem, desçamos, então, para olhá-la. Quero ver para crer. E só acreditarei quando a tiver reconhecido.

— Pois não.

E Tom gritou esta ordem :

— Descer !

Enquanto desciamos obliquamente na temperatura quente, pudemos ver que eram de fato camelos, avançando a custo numa longa e interminavel fila, com fardos presos no seu dorso e varias centenas de homens, metidos em compridas vestes brancas e com

uma coisa parecida com chale a envolver-lhes a cabeça e pendentes com borlas e franjas.

Alguns deles traziam longos fuzis e outros não traziam nada.

Uns iam a cavalo, outros a pé.

Com esta temperatura, a areia era de fritar vivo.

E como caminhavam lentamente! Nós descemos de repente como um passaro, e ficamos a uma centena de pés acima de suas cabeças.

Os homens prorromperam em grande clamor e alguns dentre eles cairam de ventre no chão.

Outros começaram a atirar contra nós e o resto se dispersou e fugiu em todas as direções, o mesmo sucedendo aos camelos.

Notamos que espalhavamos o terror em toda a caravana.

Assim é que subimos mais ou menos uma milha, na temperatura fresca, e continuavamos a observá-los. Levou uma hora para que de novo se ajuntassem e refizessem a fila.

E puseram-se novamente em marcha. Entretanto, podiamos observar com os oculos que eles só prestavam atenção em nós.

Continuamos a caminhar lentamente, observando-os com os oculos e, subitamente, vimos uma grande elevação de areia, onde havia algo parecido com um homem trepado em cima, que de quando em quando levantava a cabeça e parecia espiar a caravana ou nós, não sabiamos bem.

Quando a caravana se aproximou, o homem desceu deslisando do outro lado e precipitou-se na

direção de outros homens e de outros cavalos — bem que viamos — e notamo-los montar precipitadamente.

Em seguida, ei-los que chegam como um incendio, uns munidos de lanças, outros de longos fuzis, e todos gritando como melhor podiam.

Eles cairam sobre a caravana, e minutos depois os dois bandos se chocavam violentamente e se confundiam.

A fuzilaria foi tamanha que não se póde fazer uma idéia, e o ar se encheu de tanta fumaça que somente podiamos entrevê-los lutando juntos.

Depois, separaram-se em bandos e em grupos, lutando com dentes e unhas, correndo aqui e acolá e caindo em mistura.

Quando a fumaça diminuiu um bocadinho, podiam-se ver os mortos e os feridos, os camelos dispersos de todos os lados, alguns fugindo em correria e em todas as direções.

Por fim, os ladrões viram que não podiam apanhá-los.

Assim, o chefe deles deu um sinal, e tudo o que restava da trempe se pôs em fuga, através da planicie.

O ultimo deles apoderou-se de uma criança e levou-a consigo. Depois, montou a cavalo e pô-la no colo. Uma mulher deitou a correr empós o fugitivo, com gritos agudos e suplicando-lh'a, e seguiu-o longe na planicie, até que se afastou bastante dos seus.

Mas, foi inutil, e a mulher se viu obrigada a renunciar.

Vimo-la abater-se na areia e cobrir o rosto com as mãos.

Justamente nesse instante Tom tomou o leme e se pôs em caminho contra esse *yahou*. Descemos zunindo, passamos a toda velocidade sobre a cabeça dele, e o desmontámos do cavalo, bem como á criança.

O homem ficou apavorado.

A criança não se feriu, e ficou lá na areia, agitando braços e pernas no ar como um escaravelho que está de costas sem poder virar-se.

O homem partiu titubeante, em busca de seu cavalo.

Ignorava quem lhe dera aquela pancada, pois já haviamos subido a trezentos ou quatrocentos metros no ar.

Imaginamos que a mulher, agora, iria procurar o filho. Mercê dos oculos, tinhamo-la sob as vistas, ainda sentada e com a cabeça inclinada sobre os joelhos.

Naturalmente a infeliz não vira a batalha que travamos com o bandido, e pensava que o filho partira para sempre com o homem. Ela se distanciara uma boa milha dos seus.

Assim, pensamos logo que podiamos descer bem pertinho da criança, distanciada um quarto de milha da mãe, e devolver-lh'a depressa, antes que o grosso da caravana nos pudesse alcançar para fazer-nos mal.

Além disso, calculamos que por algum tempo eles tinham bastante que fazer com os seus feridos.

Decidimo-nos á aventura, e em pouco a realizavamos. Descemos e paramos, enquanto Jim pela

escada de corda ia ter á terra e tomava em seus braços aquela criancinha, rechonchuda e galante, dotada de excelente bom humor, ela que saira duma batalha e acabava de ser cuspida da sela de um animal.

Depois, fomos ver a mãe e paramos atrás dela, bem rentinho.

Jim deixou-se escorregar pela escada e adiantou-se sem barulho. Quando estava bem juntinho da mulher, aquele diabinho pôs-se a tatibitatear como as demais crianças.

A pobre mãe ouviu-a e voltou-se com um grito de alegria, atirou-se sobre o filho e avidamente tomou-o dos braços de Jim. Afinal, largou-o e saltou ao pescoço do negro.

Depois, tirou do seu peito uma corrente de ouro e pô-la no pescoço de Jim, abraçou-o mais uma vez, retomou a criança e apertou-a contra o peito, soluçando e rendendo graças a Deus, ao mesmo tempo.

Jim trepou logo pela escada e nós nos fizemos de novo pelos ares. A coitada nos contemplava, com a cabeça inclinada sobre um dos ombros e com o filho nos braços, um dos bracinhos a envolver-lhe o pescoço.

E naquela posição a pobre mulher ficou por muito tempo, enquanto nos podia ver afastando-nos, cada vez mais, no ceu.

## CAPITULO VII

# O elogio da pulga

MEIO DIA! disse Tom.

Era verdade.

Sua sombra era bem uma mancha em redor dos seus pés.

Nós olhamos, e o relogio de Greenwich estava tão pertinho do meio dia que não se notava quasi diferença.

De fórma que Tom disse que Londres se achava justamente no norte ou no sul de nós, num ou noutro ponto, e calculava pela temperatura e pelos camelos que era no norte, e ha muitas milhas ao norte — numa distancia igual a que vai de Nova York á cidade do Mexico, acreditava ele.

Jim disse que pensava ser o balão ha muito tempo o meio de transporte mais rapido do mundo, exceto talvez algumas especies de passaros — um pombo selvagem, por exemplo — ou um trem.

Tom lembrou-se ter lido a historia de trens, na Inglaterra, que faziam cem milhas á hora em pequenos percursos, e que jamais houve no mundo inteiro um passaro que fizesse aquilo, exceto um — a pulga.

— A pulga? Mas sinhô Tom, em primeiro lugar pulga não é passaro, estritamente falando...

— Não é passaro? Então, o que é uma pulga?

— Ao certo não sei, sinhô Tom, mas penso que seja um animal, ainda que não seja precisamente um animal, porque não é tão grande como um animal... Deve ser um persevejo... Sim, sinhô, eis o que é... um persevejo.

— Sou capaz de apostar que não, mas demos que sim. E em segundo lugar?

— Em segundo lugar, os passaros são criaturas que vão longe, o que não acontece com uma pulga.

— Não? Verdade? Escute, agora: o que vem a ser uma grande distancia? Diga-me se for capaz.

— Oh! são milhas e milhas... Todo mundo sabe isso.

— Acaso um homem não póde caminhar milhas e milhas?

— Sim, sinhô, póde.

— Tanto quanto um trem?

— Sim sinhô, se lhe dermos tempo para isso.

— E uma pulga?

— Diabo! Parece-me que sim, se lhe dermos bastante tempo.

— Agora, você começa a perceber, Jim, que não é pela distancia que se póde julgar, e sim pelo tempo que se gasta a percorrer a distancia, não é verdade?

— Parece-me que sim, mas eu jamais poderia acreditar nisso, sinhô Tom.

— E' uma questão de proporções, aí está. E quando você quer medir a velocidade duma coisa pelo seu tamanho, onde está o seu passaro, o seu homem e o seu trem, comparado com uma pulga? O mais veloz dos homens não póde correr mais de duas milhas por hora, não póde percorrer mais de

duas mil vezes o seu proprio tamanho. Mas todos os livros dizem que qualquer pulga ordinaria, de terceira ordem, póde saltar quinhentas vezes o seu proprio tamanho... Sim, e dar cinco saltos por segundo, tambem, ou sejam cento e cincoenta vezes seu tamanho num pequeno segundo, pois que não perde tempo em parar e tomar impulso, uma vez que faz as duas coisas ao mesmo tempo. Se quiser ter a certeza, experimente pôr o dedo sobre uma. Mas, essa é a velocidade duma pulga ordinaria, de terceira ordem. Se você tomar uma pulga italiana, de primeira classe, daquelas que têm sido a favorita da nobreza desde tempos imemoriais, das que jamais conheceram o que é a necessidade ou a doença, ou a miseria, ela póde saltar mais de trezentas vezes o seu tamanho, e sustentar essa marcha durante toda a jornada, cinco saltos por segundo, o que faz quinze mil vezes seu tamanho. Pois bem, suponha que um homem possa percorrer mil e quinhentas vezes seu proprio tamanho num segundo, digamos uma milha e meia. São noventa milhas por minuto. Muito mais de cinco mil milhas á hora. Onde está o seu homem, agora?... E o seu passaro? E o seu trem? E o seu balão? Deus do Ceu! não são nada ao pé de uma pulga! Uma pulga é pura e simplesmente um cometa em miniatura.

Jim estava sobremodo espantado, e eu não menos.

O negro observou:

— Mas, essas cifras correspondem exatamente á verdade? Sinhô não está caçoando, nem mentindo?

— Não. Elas são perfeitamente exatas.

— Nesse caso, meu caro, é preciso respeitar-se uma pulga. Antes, nunca a respeitei, mas não ha que fugir daí... elas o merecem, esta é a verdade.

— Tambem penso que mereçam respeito. As pulgas têm mais senso e inteligencia e vivacidade, proporcionais ao seu tamanho, do que não importa que outra criatura do mundo. Póde-se-lhes ensinar tudo, e aprendem com mais rapidez do que qualquer outro ser. Assim é que as ensinaram a puxar pequenos veiculos com arreios, e a ir ora para um, ora para outro lado, sob ordem... Sim, e a marchar e a fazer exercicios como os soldados, atendendo ás ordens exatamente como os militares. Ensinaram-lhes toda sorte de coisas dificeis. Suponha, Jim, que você se dê ao trabalho de cultivar uma pulga até que chegue ao tamanho dum homem, e que a sua inteligencia natural aumente ao mesmo tempo, cada vez mais penetrante, na mesma proporção... Onde estaria a raça humana, hein? Essa pulga seria presidente dos Estados Unidos, e você não poderia impedí-la disso, da mesma maneira que não póde impedir os relampagos...

— Deus do Céu! sinhô Tom, nunca me passou pelo bestunto que houvesse tanta coisa a dizer em favor das pulgas. Não, sinhô, nunca tive a menor idéia, esta é a verdade.

— Ela é mais, muito mais interessante que qualquer outra criatura, homem ou animal, em proporção ao seu tamanho. E' a mais interessante de todos os seres. Já se tem dito tanta coisa sobre a força duma formiga, dum elefante, duma locomotiva... Qual! não são nada perto duma pulga. Ela póde levantar

duzentas ou trezentas vezes seu proprio peso, e nenhum outro ser nem siquer póde aproximar-se disso. E, mais ainda, a pulga tem idéias pessoais, e é duma delicadeza a toda prova. Você não póde enganá-la. Seu instinto, ou seu raciocinio, o que quer que seja, é perfeitamente seguro e esclarecido, e jamais comete erros. Pensa-se que todos os seres humanos são semelhantes por via de uma pulga. Não é assim, não. Ha pessoas de quem elas não se aproximam, tenham ou não fome. Sou uma dessas pessoas. Até hoje ainda não cocei uma pulga em minha vida.

— Sinhô Tom!

— E' verdade; não estou caçoando.

— Confesso, sinhô, que nunca ouvi semelhante coisa.

Jim não podia acreditar no que ouvia, e muito menos eu.

De sorte que foi preciso descermos sobre a areia para apanharmos uma boa porção delas. Não havia outro meio de prova.

As pulgas saltaram sobre mim e sobre Jim aos milhares, mas nenhuma subiu em Tom.

Não havia explicação plausivel para aquilo, mas o fato ali estava, e não havia como negá-lo.

Tom disse que sempre fôra assim, e que poderia sossegadamente permanecer num lugar onde as houvesse aos milhões, porquanto não o tocariam nem o atormentariam.

Subimos de novo ao frio para gelá-las e lá ficamos por alguns instantes.

Depois, descemos a uma temperatura agradavel, e continuamos a flanar nos ares, numa velocidade média de vinte ou vinte e cinco milhas, como durante as ultimas horas.

A razão era que tanto mais ficassemos nesse solene, calmo Saara, mais a precipitação e a agitação se acalmavam em nós, e mais nos sentiamos felizes e satisfeitos, e mais gostavamos do deserto.

Assim é que, como dizia, diminuimos a velocidade, e passamos momentos de nobre vagabundagem, ora olhando através dos oculos de alcance, ora estendidos a ler, ora cochilando.

Parecia que nós não eramos mais aqueles que estavam ansiando em procurar a terra e descer. Todavia, eramos bem nós.

Mas haviamos dominado completamente o nosso receio.

Estavamos habituados com o balão, e não tinhamos mais medo, e nem queriamos estar em outro lugar que não ali.

Isto porque estavamos como em nossa casa.

Parecia-me que ali havia nascido e me educara ; Jim e Tom diziam a mesma coisa.

Sempre tive a rodear-me pessoas odiosas, que viviam a importunar-me com a sua vigilancia, que ralhavam comigo, criticavam-me, de uma coisinha de nada faziam toda uma historia e me aborreciam, que me agarravam e me seguiam, e me obrigavam a fazer isto e aquilo, e o resto, escolhendo sempre as coisas que eu não queria fazer. Davam-me sempre

*Sam-Hill* (1) porque eu fugia e fazia outra coisa. Enfim, tornavam-me insuportavel a vida durante o tempo todo.

Mas lá no alto, no ceu, tudo era tão calmo, tão ensolarado e tão agradavel...

Havia bastante comezaina e muito sono; inumeras coisas estranhas para se contemplarem e nenhuma vigilancia, nem importunos.

Nenhum ranzinza, e vadiagem o tempo todo.

Deus do Ceu! Eu não tinha absolutamente pressa de sair dali e de voltar de novo á civilização.

Uma das peores coisas da civilização é que quando alguem recebe uma carta que lhe encerra um aborrecimento, vai logo confiá-lo p'ra gente e nos entristece; e os jornais vão procurar todos os aborrecimentos de todo o mundo, no mundo inteiro.

Isso nos desencoraja e nos torna melancolicos a vida inteira, e é verdadeiramente um pesado fardo para uma pessoa.

Quanto a mim, detesto os jornais e detesto as cartas; e se valesse alguma coisa o meu desejo, não consentiria a quem quer que fosse aborrecer com os seus proprios males a outras pessoas, suas desconhecidas do outro lado do mundo.

Mas, num balão, nada disto se verifica, e é o melhor e o mais delicado lugar que existe.

Nós ceiamos, e esta noite foi uma das mais lindas que jamais contemplei.

A lua iluminava como em pleno dia. A diferença era que a luz era um pouco mais suave.

---

(1) palmatoadas

De uma feita vimos um leão em pé, sozinho, talvez escoteiro naquele lugar, e sua sombra se espraiava sobre a areia como uma poça de tinta.

Aquilo, sim, é que era luar.

Nós permaneciamos principalmente de barriga p'r'o ar, e conversavamos.

Não tinhamos a menor vontade de dormir.

Tom dizia que estavamos, agora, em pleno reino das *Mil e Uma Noites*.

E ajuntou que foi precisamente naquele lugar que uma das coisas mais interessantes do livro sucedera.

De modo que olhavamos em baixo e ficamos assim com a atenção concentrada enquanto ele nos contava a historia, pois não ha nada mais interessante de contemplar-se que um lugar de que fala um livro.

Era um conto sobre um condutor de camelos, que perdera o seu camelo, e caminhava no deserto quando lhe sucedeu esbarrar com um homem, a quem perguntou :

— Acaso o senhor não encontrou, hoje, um camelo extraviado?

O homem respondeu :

— Não é um camelo cego do olho esquerdo?

— Sim.

— Que perdeu um dente de cima e da frente?

— Sim.

— Que mancava da pata esquerda traseira?

— Sim.

— Carregado de milho de um lado e de mel do outro?

— Sim. Mas o senhor não precisa entrar em maiores detalhes. E' esse exatamente o camelo que procuro. Estou com pressa. Onde o senhor o viu?

— Eu não vi camelo nenhum, respondeu o homem.

— O senhor não viu? E como pôde descrevê-lo tão minuciosamente?

— Porque quando a gente póde servir-se dos olhos, tudo tem uma significação. Mas a maioria das pessoas têm olhos que não lhes servem de nada. Eu sabia que um camelo havia passado, porque vi os seus rastos. Sabia que mancava da pata esquerda traseira porque de preferencia ele usara desse casco e sobre ele se apoiara, como seus rastos o mostram. Sabia que era cego de um olho, porque só pastara a herva do lado direito do caminho. Sabia que perdeu um dente de cima e da frente porque nos lugares em que mordeu as raizes, a impressão dos seus dentes ficou patente na terra. O grão de milho escapou-se de um lado, as formigas m'o disseram. O mel escorreu do outro, as moscas m'o contaram. Sei tudo o que se refere ao camelo, mas não o vi...

Jim não se conteve:

— Continue, sinhô Tom. A historia é linda, é da pontinha.

— Já acabou, Jim.

— Acabou? estranhou o negro. E o que aconteceu ao camelo?

— Não sei.

— Sinhô Tom, a historia não diz nada?

— Não.

Jim ficou perplexo durante alguns segundos.

Depois, continuou :

— Está aí a historia mais estranha que ouvi até agora... Chega justamente no ponto em que o interesse se torna maior, e acaba. Mas, sinhô Tom, não ha bom senso num conto que acaba desse jeito. Sinhô não tem idéia se o homem achou ou não o camelo?

— Não.

De minha parte eu via tambem que aquele conto era sem pé nem cabeça, terminando tão de repente e daquela maneira, sem chegar a uma conclusão. Mas não ousava dizê-lo...

Eu via que Tom se tornara rapidamente agridoce pela maneira por que se deitou de costas, e que Jim lhe dera no ponto fraco. Entretanto, pensei que não era de cavalheiro esmagar-se um camarada quando está em terra.

Mas Tom voltou-se bruscamente para o meu lado e perguntou-me :

— E você, Huck, o que pensa da historia?

Naturalmente agora me cumpria falar e desvendar o fundo do meu pensamento. Disse, então, que me parecia, tanto quanto a Jim, que quando um conto pára no meio e não chega a nenhuma conclusão, não valia a pena a gente contá-lo.

Tom inclinou a cabeça sobre o peito e, em lugar de ficar furioso, como eu pensava, ao ouvir-me ridicularizar dessa maneira a sua historia, parecia simplesmente entristecido e disse :

— Ha pessoas que vêem e outras que não vêem, precisamente como dizia o homem. Além disso, um

camelo, se um ciclone tivesse passado por ali, vocês, *sêos* aguias, não lhe teriam notado a pista.

Não percebi o alcance de suas palavras, e Tom não entrou em maiores explicações.

Tratava-se de uma daquelas suas frases que não provavam nada, creio eu.

Era o costume dele quando se achava entalado: atirava-nos aquelas frases pomposas, só para despistar.

Mas, era a mesma coisa p'ra mim.

Nós metemos o dedo no ponto fraco daquele conto, e com alguma penetração.

E Tom Sawyer foi vencido, vencidinho da silva.

Por isso mesmo é que estava louco da vida. Creio mesmo que, mau grado tudo, Tom Sawyer cuidava de não deixar transparecer a sua derrota.

## CAPITULO VIII

# A miragem

No dia seguinte, almoçamos cedo e logo nos instalamos para contemplar o deserto. A temperatura estava agradavel e o tempo lindo, posto que não estivessemos muito alto.

Fazia-se mistér descer cada vez mais depois que o sol se punha no deserto, porquanto a temperatura rapidamente esfriava.

De sorte que, ao surgir da aurora, quasi que a gente tocava na areia.

Nós olhavamos a sombra do balão deslisar sobre o solo, e de quando em quando voltavamos o olhar para o deserto, a ver se nada se mexia.

Depois, abaixavamos de novo os olhos para a sombra quando, repentinamente, quasi que direitinho em baixo de nós, vimos uma quantidade de homens e de cavalos estendidos aqui e acolá, perfeitamente imoveis como se dormissem.

Paramos a maquina, fizemos uma ligeira marcharé e nos pusemos em cima deles e, então, notamos que todos estavam mortos.

Tivemos um calafrio.

A' vista daquele espetaculo surpreendente, ficamos silenciosos por algum tempo e depois começa-

mos a falar em voz baixa, como a gente faz por ocasião dalgum funeral.

Descemos lentamente e logo paramos o balão, enquanto Tom e eu alcançavamos o solo e nos metiamos entre eles.

Havia homens, mulheres e crianças.

Todos estavam estorricados pelo sol, brilhantes, encarquilhados e morenos, como as imagens das mumias que se vêem nos livros.

Entretanto, pareciam verdadeiramente humanos, coisa dificil de se acreditar, precisamente como se estivessem apenas adormecidos. Alguns estavam deitados de costas, com os braços estendidos sobre a areia ; outros, de lado ; outros, de bojo, todos tão naturais, ainda que seus dentes estivessem mais arreganhados que de ordinario.

Dois ou tres estavam sentados.

Aqui, uma mulher com a cabeça abaixada e com uma criança estendida sobre os joelhos.

Acolá, um homem tambem sentado, com os braços apertados em redor dos joelhos, fixando com os olhos sem vida uma mocinha estendida á sua frente.

Ele parecia tão triste ! Causava pena vê-lo.

Nunca se encontrou lugar tão silencioso como este.

O homem tinha os cabelos negros pendentes ao longo das faces. Quando a mais leve brisa soprava e os agitava, eu tremia de medo, porquanto me parecia que ele sacudia a cabeça.

Alguns homens e animais estavam em parte recobertos de areia. A maioria, no entanto, não estava, pois que diminuta era a quantidade que ali se notava amontoada, e no fundo era tudo cascalho duro.

A maior parte das roupas jazia na poeira, e assim, deixara os corpos semi-nús. Quando a gente tomava um farrapo nas mãos, desfazia-se todo ao simples contacto, como uma teia de aranha.

Tom calculava que eles ali se achavam ha anos.

Alguns homens tinham ao seu alcance fuzís enferrujados; outros traziam sabres e tinham a envolver-lhes a cintura larga cinta em que se prendiam longas pistolas montadas em prata.

Todos os camelos ainda conservavam a sua carga, mas os fardos haviam arrebentado ou apodreceram, e o seu conteudo se espalhara pelo chão.

Imaginamos que os sabres não seriam de nenhuma utilidade para os mortos. Tomamos, pois, um cada um de nós e algumas pistolas.

Tambem apanhamos uma caixinha, que chamava a atenção de tão bonita por fóra e magnifica por dentro.

Depois, quisemos sepultar toda aquela gente, mas não encontramos nenhum jeito de fazer isso.

Ali só havia areia, que de novo se pôs a levantar, naturalmente ao sabor do vento.

Pusemo-nos a cobrir a pobre mocinha, estendendo sobre ela alguns chales que encontramos num fardo rompido.

Mas, no momento em que iamos cobri-la de areia, os cabelos do homem de novo se agitaram e levamos um grande susto.

Não continuamos, pois nos pareceu que ele não a quisesse coberta, afim de que sempre pudesse vê-la.

Penso que a mocinha lhe fosse bastante querida e que ele não desejasse ali permanecer solitario.

Depois, subimos bem alto e nos afastamos daquele lugar, e em pouco esse ponto negro sobre a areia ficou fóra do alcance de nossa vista...

Não tornaremos a ver, jamais, neste mundo aquela pobre gente.

Debalde pusemo-nos a interrogar, a discutir, a cuidar de atinar com a causa por que ali os encontramos e naquele estado.

A principio imaginamos que talvez eles se tivessem perdido e errado pelo deserto, até que a agua que levavam e a sua provisão acabaram, e morreram de fome e sede. Mas Tom aventou que nenhum animal selvagem ou urubú se importara com eles, de modo que era falsa a suposição.

Por fim, renunciamos á elucidação do problema, e concluimos que era melhor não pensarmos muito naquilo, pois ficavamos tristes e abatidos.

Perguntamo-nos se não fariamos melhor em voltar, encontrá-los de novo e devolver-lhes a caixinha.

Entretanto, Tom refletiu e foi de parecer contrario.

— Não. Este é um lugar cheio de ladrões : eles virão roubá-la e, nesse caso, o pecado recairá sobre

nós, uma vez que nós é que pusemos a tentação em seu caminho.

Breve, continuamos a nossa rota. Mas a meu ver deviamos ter arrecadado tudo o que eles possuiam, para que não ficasse nenhuma tentação.

Passamos duas horas em baixo, naquela temperatura escaldante, e estavamos terrivelmente sequiosos quando tornamos a bordo.

Fomos direitinho procurar agua, mas achamo-la estragada e amarga e, além disso, quente, a ponto de queimar-nos a boca.

Não pudemos bebê-la.

Era agua do Mississipe, a melhor agua do mundo. Agitamos a lama que havia dentro, a ver se a coisa melhorava. Qual! a lama não valia mais do que a agua.

Não sentimos tanta sede quando estavamos preocupados com aquela gente extraviada. Mas agora a sentiamos em alto grau, e ao descobrirmos que não podiamos beber, sentimos mais do que sede — cinco vezes mais do que um quarto de minuto antes.

E não foi só: ao cabo de algum tempo, veiu-nos um desejo grande de pôr a lingua de fóra e fazer como os cães quando estão cansados.

Tom disse-nos que pesquisassemos bem ao redor de nós, pois precisavamos encontrar um oasis. Caso contrario, não sabia o que nos aconteceria.

Foi o que fizemos.

Percorremos o horizonte com os oculos de alcance, até que nossos braços, de tão fatigados, já não podiam mais suster o instrumento.

Duas horas, tres horas a olhar e olhar... e nada, a não ser areia, areia e mais areia... e podia-se ver o luminoso tremular do calor brincando sobre ela..

Meu Deus! a gente não sabe o que é o verdadeiro sofrimento enquanto não sente sede durante todo o caminho, e quando se está certo de que não se encontrará, absolutamente, agua.

Por fim, eu já não podia mais olhar, em redor de mim, todas aquelas planicies escaldantes, e estendi-me sobre a tarimba e renunciei á busca.

De repente, Tom deu um grande grito.

A agua lá estava.

Um lago, grande e resplendente, com palmeiras inclinadas sobre suas margens adormecidas, o seu talhe refletindo-se na agua, das mais agradaveis e deliciosas que se possam admirar...

Nunca vi coisa tão linda como aquela.

Estava bem distanciada de nós, mas a distancia não nos importava.

Pusemo-nos a caminhar numa velocidade de cem milhas á hora, e calculamos que lá estariamos dentro de sete minutos. Entretanto, o lago sempre ficava a mesma distancia... Parecia que nunca chegariamos a alcançá-lo. Efetivamente, lá estave ele, bem longe e resplendente, e como um sonho: mas não podiamos atingí-lo... Enfim, quando menos se esperava, desapareceu...

Tom esbugalhou os olhos e disse:

— Meus amigos, era uma miragem!

Disse aquilo como se estivesse contente.

Eu não via razão nenhuma para contentamento.

— E' possivel que sim, respondí-lhe. Não me importa o nome que dêem á coisa : interessa-me saber o que aconteceu.

Jim tremia da cabeça aos pés, e estava tão aterrorizado que chegou a perder a lingua. Tivesse-a em seu lugar, e tambem faria aquela pergunta.

Tom replicou :

— O que aconteceu ? Mas vocês viram bem que o lago desapareceu.

— Sim, eu sei : mas para onde foi ?

Tom encarou-me :

— Bem, Huck Finn, onde queria você que ele fosse ? Porventura você não sabe o que é uma miragem ?

— Não. O que é ?

— E' fruto de nossa imaginação. E' uma coisa inexistente.

Fiquei um tanto satisfeito por ouví-lo falar dessa maneira, e continuei :

— E que me adianta você vir com essas historias ? Tom Sawyer, acaso eu não vi o lago ?

— Sim, você acredita tê-lo visto.

— Acredita, não : eu o vi.

— Já lhe disse que você não o viu porque não existia.

Jim ficou boquiaberto de ouvir-nos falar daquela maneira e meteu-se na conversa, agora suplicante e aflito :

— Sinhô Tom, por favor, não diga semelhante coisa numa ocasião tão terrivel como esta! Sinhô não corre sozinho o risco, mas tambem nos arrasta... como *Anna Nias en Suffira* (1). O lago lá estava, eu o vi tão claramente como vejo Huck neste instante.

Eu continuei:

— Mas, se ele tambem viu, Jim! Foi Tom Sawyer quem o viu primeiro. Ora essa!

— Verdade, sinhô Tom, foi isso mesmo. Sinhô não póde negar. Todos nós o vimos, e isso é prova de que lá se achava.

— Isso é prova? Como é que prova?

— Do mesmo modo que nos tribunais e em toda parte, sinhô Tom. Uma pessoa poderia estar embriagada ou distraida ou qualquer coisa, e poderia enganar-se. Talvez duas pessoas... Mas eu lhe digo, sinhô, que quando tres enxergam a mesma coisa, embriagadas ou não, é porque a coisa existe. Não ha que fugir daí, e bem que sinhô sabe.

— Não sei nada disso. Havia quarenta mil milhões de pessoas que viam o sol ir de um lado a outro do ceu, todo o dia. Acaso isso é prova suficiente de que o sol fazia esse percurso?

— Certamente. E de mais a mais, não havia nenhuma ocasião para provar isso, e quem quer que tenha bom senso não vai duvidar duma afirmativa dessa natureza. E lá o temos, percorrendo o ceu como sempre percorreu.

Tom voltou-se para mim e perguntou:

---

(1) Ananias e Sefora.

— E você, que acha? O sol está ou não está parado?

— Tom Sawyer, o que adianta você fazer-me uma pergunta tão estupida como essa? Todos os que não são cegos podem ver que o sol não está parado.

— Está bem! disse ele. Estou perdido no ceu sem outra companhia que não seja a de um par de animais inferiores que não sabem mais do que um diretor duma universidade, ha trezentos ou quatrocentos anos atrás. Palavra, Huck Finn, naqueles tempos havia papas que sabiam tanto quanto vocês.

Mas isso já era mudar de assunto, e foi justamente o que lhe fiz ver.

Disse-lhe, pois:

— Despistar não é discutir, Tom Sawyer.

— Quem está despistando?

— Você.

— Qual o que! Não é uma injuria, creio, comparar dois caboclos dos confins do Missuri com um papa, ainda que dos primeiros que tenham subido ao trono pontifical. Isso até é uma honra para vocês; o papa é o insultado. E vocês nem mesmo podem censurá-lo porque os excomunga a ambos. Somente eles não mais amaldiçoam. Não mais agora, quero dizer.

— Verdade, Tom, que eles faziam isso?

— Na idade media... Era a coisa mais natural deste mundo.

— Não! quero crer que você não afirme que eles amaldiçoavam a gente...

Foi o bastante para que se pusesse a mover o seu moinho de palavras e Tom Sawyer fez um discurso como por vezes fazia quando lhe dava na veneta.

Fiz-lhe escrever um pedacinho da ultima parte para mim, pois era como num livro, e um tanto dificil de a gente guardar. Alem disso, havia algumas palavras ás quais eu não estava habituado, e dificeis de se ortografarem.

— Sim, não quero dizer que eles berravam á maneira de Ben Miller, nem que empregavam palavrões como este as usa. Não. Empregavam as mesmas palavras, mas ajuntava-as de maneira diferente, pois que foram instruidos pelos melhores mestres, e sabiam como usá-las, o que não acontecia com Ben Miller que as apanhava aqui e acolá, e não teve mestres competentes para ensiná-lo. Mas as deles não eram frivolas maldições a torto e a direito, como as de Ben Miller, que se originam de não importa onde e não têm consequencias; eram maldições cientificas e sistematicas, severas, solenes e terriveis. Não uma coisa de que você caçôa, como fazem as pessoas quando esse pobre diabo do Ben Miller se põe a praguejar. Os da marca Ben Miller podem levantar-se e maldizer uma pessoa durante uma semana, sem parar. Isso não causará maior efeito que o grasnar de um ganso. Mas outrora, na idade media, era uma coisa esplendidamente diferente quando um papa, que havia aprendido a amaldiçoar, coligia sua bagagem de maldições e começava a despejá-las sobre

um rei ou sobre um reino, sobre um hereje ou sobre um judeu, ou não importa sobre quem caisse no seu desagrado e que devia ser posto no bom caminho. Mas os papas não agiam assim a torto e a direito. Não. Apanhavam esse rei ou esse outro personagem, e começavam pelo cocoruto e desciam amaldiçoando-o em detalhes. Amaldiçoavam-no nos cabelos de sua cabeça, nos ossos de seu cranio, nos entendimentos de seus ouvidos, na vista dos seus olhos, no bafo de suas narinas, em seus orgãos vitais e em suas veias, em seus membros e nos seus pés e mãos e no sangue e na carne e nos ossos de seu corpo inteiro. Amaldiçoavam-no nos amores de seu coração e nas suas amizades, e o baniam deste mundo, e amaldiçoavam quem quer que lhe desse alimentos para comer, ou cama e abrigo, ou agua para beber, ou trapos para o cobrir quando fizesse frio. Deus do Ceu! era uma dessas maldições que valia a pena a gente reviver; era a unica maldição que valia alguma coisa; as unicas que realmente merecem tal nome neste mundo. Melhor seria ao homem ou ao país sobre os quais recaissem que fossem mortos quarenta vezes. Ben Miller! que idéia faz ele de que sabe amaldiçoar? Entretanto, na idade media o mais pobre e o mais insignificante dos bispos do fundo da provincia, que só possuia um cavalo, podia lançar maldições em todos quantos o rodeassem. Nesse particular, estamos atrazadissimos.

— Oh! disse eu, mas não precisamos deplorar-lhes o desaparecimento. Creio que podemos bem viver como até agora. Hoje em dia, um bispo ainda póde amaldiçoar, como naqueles tempos?

— Sim, eles aprendem a amaldiçoar, porque isso faz parte do elevado saber que lhes constitue a educação... tal como as belas-artes, póde-se dizer. Todavia, não mais lhes é necessario, como o francês a uma mocinha do Missuri. Mas é preciso que aprendam, como a mocinha, pois uma mocinha filha do Missuri que não sabe dizer *parlez-vous* e um bispo que não sabe amaldiçoar ficam desambientados na sociedade.

— E agora, Tom Sawyer, eles não amaldiçoam mais?

— Amaldiçoam, sim, mas muito raramente. Talvez no Perú. Mas com pessoas que sabem alguma coisa nada adianta, porque não ligam ás suas maldições, como nós não ligamos ás de Ben Miller. E' porque os peruanos estão tão adiantados nesse particular que sabem tanto quanto os gafanhotos na idade media.

— Como os gafanhotos?

— Sim. Na idade media, na França, quando os gafanhotos se punham a devorar as searas, o bispo saia ao campo e assumia um ar solene e lhes lançava uma boa e solida maldição. Exatamente como a um judeu ou a um hereje, ou a um rei, como eu lhes dizia.

— E que faziam os gafanhotos?

— Riam-se, riam-se simplesmente, e continuavam a devorar a seara. A diferença entre um homem e um gafanhoto, na idade media, é que o gafanhoto não era um tolo.

— Oh ! meu Deus ! meu Deus ! estou vendo outra vez o lago, gritou Jim, nesse instante... Agora, sinhô Tom, que vai dizer ?

De fato, o lago lá estava outra vez, bem lá em baixo, no deserto, perfeitamente distinto, com as arvores e o resto, exatamente como antes.

Observei-lhe, então :

— Creio que desta vez você tambem está convencido, hein, Tom Sawyer ?

A sua resposta veiu perfeitamente calma :

— Sim, convencido de que não ha nenhum lago!

Jim continuou :

— Não fale assim, sinhô Tom. Tenho medo até de escutá-lo. Está fazendo muito calor e sinhô está com tanta sede que não está em seu juizo perfeito, não é ? Oh ! mas que aparencia tão deliciosa ! Não sei como esperar até chegarmos lá, de tanta sede que tenho !

— E' muito facil : é só esperar. De nada lhe adianta a pressa, uma vez que não ha nenhum lago lá em baixo, já disse.

Observei, então, ao negro :

— Jim, não o perca de vista, que eu farei o mesmo.

— Certamente que não ! e que Deus o abençoe, Huck, pois que eu não conseguiria, mesmo que quisesse.

Lançamo-nos a toda na direção do lago, vencendo com grande rapidez as milhas que dele nos separavam, mas sem jamais ganharmos uma polegada e — de repente — que dê o lago ?

Quando Jim voltou a si do espanto, respirando a custo como um peixe, disse-nos tremendo :

— Sinhô Tom, é um fantasma, isso sim, e espero que não o vejamos outra vez. Havia um lago e qualquer coisa aconteceu e o lago morreu e vimos o seu fantasma. Vimo-lo duas vezes, e isso é prova de que o vimos. O deserto está habitado... por certo que está habitado ! Prefiro morrer antes que a noite caia sobre nós e o fantasma desse lago venha lamentar-se em torno de nós, e dormir sem saber em que perigo estamos !

— Fantasma ! sujeito idiota ! Tudo isso não passa do ar, do calor e da sede, misturados pela imaginação. Se eu... dê-me os oculos !

Com um gesto brusco apoderou-se do instrumento e pôs-se a olhar com atenção para a direita.

— E' um bando de passaros, disse por fim. Dirigem-se para o poente e fazem como uma linha de abelhas que atravessam nosso caminho para alcançar determinado lugar. Eles têm a sua idéia ; talvez vão á procura de alimentos ou de agua, ou de ambas as coisas ao mesmo tempo. Voltemos a bambordo... A bambordo a barra !... Aperte firme !... Assim... devagar... firme ! ... Bem ! Bem !...

Diminuimos a marcha de maneira a não passarmos na frente dos passaros, e pusemo-nos a seguilos. Voavamos a pequena altura, e a um quarto de milha atrás deles. E quando já os seguiamos ha uma hora e meia e começavamos a perder a coragem e a ficar cada vez mais com sede, a ponto de não mais a suportarmos, Tom disse :

— Tome os oculos um de vocês, e veja o que ha um bocadinho adiante dos passaros.

Jim foi o primeiro a olhar e caiu sobre a tarimba, quasi desmaiado.

Estava prestes a chorar e as palavras lhe saiam entre-cortadas:

— Lá está ele outra vez, sinhô Tom! Lá está ele, outra vez... e sei que vou morrer, pois quando a gente vê um fantasma pela terceira vez, é sinal certo de morte. Bem que eu gostaria de não ter vindo neste balão...

Jim não queria mais olhar, e o que dizia enchia-me tambem de medo, porque tambem eu sabia que tudo aquilo era verdade e sempre aconteceu assim com os fantasmas.

Tambem eu não queria mais olhar.

Ambos suplicamos a Tom para mudar de direção e tomar outro rumo, mas ele não nos atendeu e disse que eramos uns imbecis, supersticiosos e ignorantes.

"Sim, dizia eu de mim para comigo, Tom Sawyer será punido por insultar os fantasmas desse jeito. Talvez eles aguentem o desaforo por algum tempo, mas não sempre, pois quem conhece os fantasmas sabe como a gente os ofende facilmente e como são vingativos".

Nós tres estavamos, pois, calados e imoveis: Jim e eu apavorados e Tom ocupado a dirigir o balão.

De repente, Tom parou-o e disse:

— Agora, levantem-se e vejam.

Levantamo-nos e olhamos. Sim, realmente era a agua, justamente em baixo de nós!... clara e azul, profunda e encrespada pela brisa : o mais lindo espetaculo que se possa imaginar.

E a rodeá-la havia margens herbosas, cheias de flores, de verdura, sombreadas de grandes arvores ligadas umas ás outras por uma especie de parreira.

Tudo parecia tão cheio de paz e agradavel que dava vontade de a gente chorar de tanta beleza.

Jim chorava, de fato.

E dansava e saltava como um maluco, de tão reconhecido e fóra de si de tanta alegria.

Era minha vez do quarto.

Fui obrigado, pois, a ficar perto das maquinas, enquanto Tom e Jim desceram e beberam a valer por um barril, e me trouxeram uma boa quantidade.

Sempre provei magnificas coisas em minha vida. Entretanto, nada podia ser comparado a essa agua.

Depois, desceram novamente e deram algumas braçadas no lago.

Tom logo subiu para substituir-me, e Jim e eu tomamos um banho.

Chegou a vez de Jim substituir a Tom, e Tom e eu demos um passeio a pé e lutamos um pouco. Acredito nunca ter passado um momento tão delicioso em toda minha vida.

Não fazia muito calor porque a noite estava proxima e, além disso, estavamos completamente nús.

Roupas usam-se na escola, na cidade e tambem no baile. Mas que significam quando não ha civilização, nem outra especie de aborrecimentos e de embaraços?

— Estão chegando leões!... leões!... Depressa, sinhô Tom... Por amor de Deus, suba depressa, Huck!

Oh! Foi justamente o que fizemos.

Não nos detivemos um só instante para apanhar a nossa roupa, e subimos pela escada do jeito que estavamos.

Jim, com o choque, perdeu outra vez a cabeça. Sempre lhe acontecia isso quando estava emocionado e apavorado.

Assim, em lugar de levantar um bocadinho a escada acima do solo, afim de que os animais não pudessem alcançá-la, ele apertou num botão de alta pressão, e subimos zunindo e ficamos suspensos no ceu antes que voltasse a si e pudesse ver a absurda coisa que fizera.

Foi quando ele parou, mas havia esquecido completamente o que devia fazer depois.

E lá estavamos nós, outra vez em situação miseravel por causa do vento, e tão alto que os leões cá em baixo pareciam cachorrinhos.

Tom subiu depressa, foi ter ás maquinas e começou a fazer com que o balão descesse obliquamente na direção do lago, onde os animais se ajuntaram como num *meeting*. Pensei que tambem ele havia perdido a cabeça, pois não ignorava o medo que eu tinha de subir.

Acaso desejaria ele deixar-me cair no meio dos tigres e do resto do bando?

Mas, não.

Tom Sawyer sabia o que fazia.

Sua cabeça estava regulando bem.

Desceu como um passaro a trinta ou quarenta pés do lago e parou justamente sobre o centro, e gritou:

— Largue a escada e deixe-se cair!

Cumpri-lhe a ordem e cai como uma flexa, com os pés adiante, e me pareceu que eu descia pelo menos uma milha ao fundo.

Quando voltei á tona, ele gritou:

— Agora, fique boiando de costas, até que tenha readquirido animo. Então, descerei a escada até a agua e você poderá subir a bordo.

Foi o que fiz.

Boa idéia, a de Tom! Se ele tivesse ido alhures para aterrar sobre a areia, o jardim zoologico o teria seguido e nos teria obrigado a correr em busca de um lugar seguro até que eu, de tão cansado, caisse no chão.

Durante todo esse tempo, os leões e os tigres disputavam as nossas roupas e cuidavam de fazê-las em tiras, de modo que houvesse um pedaço para cada um. Mas houve um mal entendido e sobreveiu discussão.

Alguns dentre eles cuidaram de ficar com maior porção do que a que lhes cabia.

Aquilo degenerou em luta, e nunca se viu no mundo coisa semelhante.

Seriam ao todo uns cincoenta animais ferozes, todos em mistura, ululando, rugindo, entre-mordendo-se e arreganhando os dentes, estraçalhando, patas e rabos no ar, e não se sabia o que pertencia a um ou a outro.

Areia e trapos voavam pelos ares.

Quando acabaram a folia, alguns estavam mortos, outros se afastavam mancando, estropiados, e os restantes permaneciam no campo de luta.

Uns lambiam suas feridas e outros nos olhavam, como que nos convidando para descermos e gozarmos um bocadinho, coisa de que não tinhamos o menor desejo.

Quanto ás nossas roupas, eram uma vez!

Os ultimos pedaços estavam na barriga dos animais, e quero crer que eles não se sentissem bem dispostos, pois havia uma grande quantidade de botões de cobre e, nos bolsos, alguns canivetes, fumo para cachimbo, pregos, giz, fubecas, anzois e muitas coisas mais.

Mas, no fundo, tudo aquilo não tinha a menor importancia. A unica coisa que me inquietava é que agora só tinhamos as roupas do aeronauta, um grande sortimento delas, é verdade, mas que não eram convenientes para a gente aparecer em sociedade, se é que iriamos de novo lá aparecer, pois as calças eram largas como tuneis, e os paletós e o resto estavam na mesma proporção.

## CAPITULO IX

# Um pouco de geodesia

TODAVIA, desejavamos descer lá um instantinho, mas por uma outra razão.

Quasi toda a provisão de alimentos do professor estava em conservas, segundo o novo sistema que acabavam de inventar.

O resto estava fresco.

Quando a gente traz *beefsteack* do Missuri ao grande Saara, é preciso tomar precauções, uma das quais é colocá-lo em lugar fresco.

O que possuiamos conservara-se bem até o instante em que permanecemos, por tão longo tempo, junto aos mortos.

A agua estragou-se e o *beefsteack* ficou tão cozido que estava mesmo a calhar para um inglês, disse Tom, mas um pouco estragado para o paladar dum americano.

De modo que pensamos em atirá-lo, á guisa de isca, na praça dos leões, para verificarmos que resultado alcançariamos.

Suspendemos a escada e depois por ela começamos a descer até que ficassemos a uma altura fóra do alcance dos animais.

Depois, descemos uma corda com um nó corredio e prendemos um leãozinho, um leãozinho

recém-nascido e, empós, um tigrinho, que pusemos a bordo.

Tivemos que conservar o bando a distancia com um revolver.

Não fosse isso, e os danados ter-se-iam misturado em nossa tarefa e a teriam ajudado.

Matamos as nossas presas e lhes tiramos uma certa quantidade de carne.

Guardamos as peles e atiramos o resto fóra de bordo.

Depois, pusemos iscas nos anzois do professor com a carne fresca e metemo-nos a pescar.

Estavamos sobre o lago, precisamente a uma distancia conveniente acima da agua.

Pescamos uma boa quantidade de lindos peixes que jamais vimos em nossa vida.

De sorte que tivemos uma ceia excelente : *beefsteack* de leão, grelhada de tigre, peixe frito e pão quente de fermento americano.

De minha parte, não desejava coisa melhor.

Tivemos frutas, tambem, por sobremesa.

Nós as encontramos na copa de uma arvore de grande altura.

Era uma arvore muito fina, que não possuia um só ramo da base até a fronde, onde se abria toda como um espanador.

Naturalmente era uma palmeira.

Não importa quem reconheça uma palmeira á primeira vista, graças ás ilustrações.

Procuramos coquinhos, mas não os havia. O que encontramos foram somente grandes cachos de

uma fruta parecida com enormes uvas, e Tom julgou que eram tamaras, porquanto disse que correspondiam perfeitamente ás descrições que lera nas *Mil e Uma Noites* e em outros livros.

Claro é que podiam ser, mas tambem podiam ser veneno.

Assim, tivemos que esperar um momento a ver se os passaros as comiam.

Comeram-nas, e nós fizemos o mesmo, e eram extraordinariamente saborosas.

Durante esse tempo, aves monstruosamente grandes começaram a surgir e a descer sobre os animais mortos.

Eram criaturas audazes.

Elas atacaram um lado do leão, já espostejado em outra extremidade por outro leão.

Se sucedia o leão espantar a ave, esta não se dava por achada, e logo tornava ao seu banquete desde que o leão estivesse ocupado alhures.

As grandes aves vinham de todos os pontos do ceu.

Podiamos percebê-las com os oculos, agora que estavam tão distanciadas que não eram mais vistas a olho nú.

A carne estava muito fresca para que desprendesse algum cheiro, pelo menos um cheiro que pudesse ser sentido por uma ave a cinco milhas de distancia.

Assim é que Tom disse que as aves não descobriam a carne pelo olfato. Era preciso que a desco-

brissem vendo-a. E que vista experimentada haviam de ter!

Tom disse que á distancia de cinco milhas, a mancha que faz um leão morto não podia parecer maior do que uma unha, e ele não podia imaginar como as aves podiam reparar numa coisa tão pequena a uma distancia tão grande.

Era uma coisa estranha e contra as leis da natureza o fato de um leão comer outro leão. Por isso mesmo é que pensamos que talvez eles não fossem parentes.

Mas Jim afirmou que isso não tinha a menor importancia.

Uma porca, disse ele, gosta de comer seus proprios filhos, o mesmo acontecendo com uma aranha. Imaginava, pois, que os leões estivessem tambem assim corrompidos, posto que não tanto. A seu ver, provavelmente um leão não comeria o seu proprio irmão se o reconhecesse, mas comeria seu cunhado se estivesse com muita fome e devoraria a sogra em qualquer hipotese.

Mas supôr não decide nada.

A gente póde fazer suposições até o chico vir de baixo — mas isso não adianta nada.

Assim, renunciamos áquelas conjeturas e abandonamos o motivo de nossas suposições.

Geralmente, á noite a atmosfera é muito calma no deserto. Entretanto, desta vez houve musica.

Inumeros outros animais vieram tomar parte no festival: uivadores rastejantes, que Tom imaginou serem chacais, e outros de dorso arqueado, que afir-

mou serem hienas. E o bando fez barulho a noite inteira.

Eles formavam, ao clarão da lua, um quadro que diferia de todas as imagens que jamais vi.

Atiramos um cabo da barquinha e amarramos o balão na fronde de uma arvore. Não precisavamos vigiar e fomos deitar-nos e dormir.

Todavia, levantei-me duas ou tres vezes para olhar as feras e escutar-lhes a musica.

Era como se a gente tivesse arranjado uma cadeira da primeira fila, bem pertinho daquela especie de jaula, coisa que antes não me acontecera.

De modo que me parecia estupidez ficar a dormir e não apreciar o belo espetaculo.

Além disso, palpitou-me que nunca mais se me ofereceria ocasião como aquela.

Ao amanhecer, voltamos de novo á pesca.

Depois, espreguiçamo-nos o dia todo na ilha, sob aquela densa sombra, fazendo cada um o quarto de vigia, a ver se qualquer daqueles selvagens não viria rondar por aquelas bandas, á procura dos aeronautas para o seu jantar.

Deviamos partir no dia seguinte, mas não tivemos coragem.

Estava tão delicioso!

Afinal, quando nos elevamos para os ceus e partimos na direção do éste, voltamos a vista p'ra trás e contemplamos esse lugar até que se tornasse um ponto no deserto, e — palavra — era como se dissessemos adeus a um amigo que não mais veriamos.

derá-lo em si e examiná-lo... Examine-o e veja se tenho ou não razão. Para que serve um deserto? para nada. Não ha jeito de se tirar um só proveito dele. Não é verdade, Huck?

— Sim, creio.

— Não é verdade, sinhô Tom?

— Creio que sim. Continue, Jim.

— Se uma coisa não presta p'ra nada, ela foi feita á toa. Não é verdade?

— Sim.

— Então? Acaso Deus fez alguma coisa á toa? Respondam-me a isso!

— Certo que não.

— Muito bem. Neste caso, como é que Deus fez o deserto?

— Explique você, Jim: como é que Deus fez o deserto?

— Sinhô Tom, na minha opinião, ele não o fez, isto é, jamais passou por sua cabeça a idéia de fazer um deserto. Vou explicar melhor, para que possam compreender. Creio que isso se verificou como quando se constroi uma casa: sempre resta uma boa quantidade de material e de areia. Que faz disso tudo, sinhô Tom? Acaso sinhô Tom não amontoa tudo para atirar num velho canto? Por certo que sim. Pois bem, minha opinião é que foi desse jeitinho que a coisa se passou. Quando Deus começou a construir o mundo, ele fez muitas rochas e amontoou-as; fez bastante areia que tambem amontoou e igualmente deixou ao alcance de suas mãos. Então, ele começou.

Mediu algumas rochas, juntou-lhes terra e areia, colou-as e disse : "Alemanha", e pôs um escrito por cima e deixou-a secar. Depois, mediu um pouco mais de rochedo, de terra e de areia, juntou tudo e disse : "Estados Unidos", e colou um escrito por cima e deixou-os secar... e assim por diante, e assim por diante, até que chegou sabado, á hora de ceiar. Então, Deus olhou em redor de si, e viu que havia construido todos os paises, e o mundo saiu-lhe uma maravilha, á vista do tempo que empregou para construí-lo. Foi então que notou que, enquanto o seu calculo saira exato no tocante á terra e aos rochedos, restava ainda um terrivel montão de areia, e ele não sabia como aquilo tinha podido acontecer. De fórma que olhou outra vez ao redor para ver onde havia qualquer canto sujo, de lado, não importa onde, que estivesse vazio. Encontrou esse lugar e ficou extraordinariamente contente, e disse aos anjos para ali atirarem a areia. Pois bem, no meu pensar o grande Saara não foi absolutamente feito. Ele está como o deixaram !...

Eu disse que ali estava um excelente raciocinio e acreditava ser o melhor que Jim até então fizera.

Tom foi do mesmo parecer, mas acrescentou que o inconveniente dos raciocinios é que não passam de teorias, e as teorias nada provam.

— Só nos oferecem um ponto de apoio, tempo de repouso, quando a gente está cansado de tanto quebrar a cabeça para descobrir qualquer coisa que não se descobre de modo algum.

E concluiu :

— As teorias têm outro inconveniente. Dentro delas ha sempre um buraco, em alguma parte, se a gente examiná-las de perto. E' o caso da teoria de Jim. Reparem como bilhões e bilhões de estrelas existem. Como é que se explica que tenha havido exatamente a quantidade de material de estrelas para fazê-las e não tenha restado nem um pouquinho? Acaso existe algum monte de areia lá em cima?

Jim estava firme na sua teoria.

— E que vem a ser a Via Latea? indagou ele. Quero saber o que vem a ser a Via Latea! Respondam-me a isso!

Na minha opinião, a Via Latea não passava de um aforismo. Era apenas uma opinião — e minha opinião — e os outros podem pensar diferentemente. Mas emiti-a logo, e ainda a sustento: aquilo era um aforismo.

Foi o bastante para que a boca de Tom Sawyer se fechasse.

Ele não pôde mais articular palavra.

Tinha a expressão atordoada de uma pessoa que acaba de levar uma pancada nas costas com um saco de pregos.

Tudo o que ele disse foi simplesmente que, a lidar com gente da minha marca e de Jim, preferia discutir com uma toupeira.

Não importa quem tenha dito isso, mas sempre notei que isso acontece quando alguem nos confunde com os nossos proprios argumentos.

Tom Sawyer estava cansado, em virtude do resultado que teve a questão.

Assim, voltamos a falar da dimensão do deserto, e tanto mais o comparavamos com isto, com aquilo ou com outra qualquer coisa, mais ele parecia tornar-se nobre, grande e augusto.

E assim, buscando cifras, Tom chegou á conclusão de que era exatamente do mesmo tamanho que o imperio da China.

Mostrou-nos, então, no mapa, a extensão do celeste imperio e o lugar que ocupava no mundo.

Só de a gente pensar naquilo tudo, ficava-se maravilhado. Não calei o meu espanto:

— Palavra que ouvi falar desse deserto uma porção de vezes, mas nunca pensei que fosse tão importante.

Tom continuou:

— Importante, o Saara! importante! E' assim, dessa fórma, que raciocinam certas pessoas. Se uma coisa é grande, ela é importante. E' todo o bom senso que elas possuem. Tudo quanto vêem é o tamanho. Mas, reparem na Inglaterra: é o país mais importante do mundo e, entretanto, vocês podem enfiá-lo no bolso da China. Não somente isso, mas vocês terão um trabalho dos diabos para encontrá-lo quando precisarem. Olhem, agora, a Russia: estende-se de todos os lados e em toda a parte e, entretanto, não é mais importante no mundo que a ilha de Rodes e não possue nem a metade que valha a pena ser conservada. Meu tio Abner, que foi um pastor protestante, o mais austero que se possa imaginar, dizia

sempre que se o tamanho era a coisa pela qual se podia avaliar da importancia, onde estaria o Ceu ao lado de outro qualquer lugar? Ele dizia sempre que o Ceu era a ilha de Rodes do outro mundo.

Bem distante de nós, nesse momento, vimos uma colina baixa, destacando-se sobre as bordas do mundo.

Tom bruscamente cessou de falar.

Apanhou os oculos de alcance e, bastante emocionado, olhou-a longamente e nos disse:

— E' ela! Justamente ela, a que eu procurava. Se não me engano, é aquela para onde o derviche conduziu o homem e lhe mostrou todos os tesouros do mundo.

Pusemo-nos logo a contemplá-la, e Tom começou a contar-nos as *Mil e Uma Noites*.

## CAPITULO X

# Um conto das "Mil e Uma Noites"

Tom disse que a historia se passou da seguinte maneira :

Um derviche caminhava penosamente, a pé e através do deserto, num dia magnifico.

Ele vinha de mil milhas e era bem pobre e estava com muita fome, aflito e cansado.

Mais ou menos no lugar em que ora nos encontramos, o derviche cruzou com um condutor de camelos que tangia cem camelos, e pediu-lhe uma esmola.

O condutor recusou-lh'a.

Disse-lhe, então, o derviche :

— Mas o senhor não possue esses camelos ?

— Sim, eles me pertencem.

— O senhor tem dividas ?

— Quem ? Eu ? Não.

— Portanto, um homem que possue cem camelos e não tem dividas, é rico e, não somente rico, mas riquissimo, não acha ?

O condutor de camelos reconheceu que era verdade.

O derviche continuou :

— Deus o fez rico e me fez pobre. Ele tem suas razões e elas são sensatas... Abençoado seja o seu nome! Mas Deus quis que os seus ricos ajudassem os seus pobres, e o senhor se esquivou de mim, seu irmão na necessidade, e ele ha-de se lembrar disso e o senhor perderá tudo por esse motivo.

Essas palavras fizeram com que o condutor de camelos estremecesse, mau grado seu, mesmo porque ele nascera um sovina em materia de dinheiro e não gostava de largar um real que fosse.

Assim é que logo começou a lamentar-se e a pleitear sua causa.

E disse que os tempos estavam duros e que, muito embora transportasse uma grande carga da Batavia e isso lhe rendesse um excelente ganho, podia muito bem não ter carregamento para a viagem de volta e, consequentemente, sua viagem não lhe rendia lá grande coisa.

A' vista disso o derviche prosseguiu no seu caminho e disse :

— Muito bem, uma vez que o senhor quer correr o risco. Mas creio que o senhor desta vez errou e perdeu uma oportunidade.

Naturalmente o condutor de camelos queria saber que especie de oportunidade perdera, porquanto talvez fosse questão de ganhar dinheiro.

De sorte que o homem correu empós o derviche e lhe suplicou tão ardentemente ter piedade dele e dizer-lhe do que se tratava que, afinal, o derviche cedeu :

— O senhor está vendo aquela colina, lá em baixo? Está? Pois bem, naquela colina existem todos os tesouros da terra, e eu procurava um homem de coração particularmente bom e de carater nobre e generoso, porquanto se pudesse encontrar exatamente esse homem, levo comigo uma especie de unguento que poderia aplicar-lhe aos olhos e fazê-lo ver todos os tesouros e, mesmo, deles se apoderar.

Neste ponto, o condutor de camelos suava de ambição.

E pôs-se a chorar e a suplicar e a desolar-se e caiu de joelhos, e disse que era justamente essa especie de homem. Ajuntou que o derviche poderia ir procurar mil pessoas e jamais encontraria uma descrita com tanta fidelidade.

— Está bem, disse o derviche, está bem. Se nós carregarmos os cem camelos, poderei ter a metade da carga?

O condutor estava tão contente que mal podia conter-se.

Respondeu-lhe, pois:

— O senhor está caçoando!...

Eles trocaram um aperto de mãos para fechar o negocio.

O derviche tirou uma caixinha e passou o unguento no olho direito do condutor de camelos.

Abriu-se a colina, e o homem nela entrou.

Lá, na verdade, havia pilhas e pilhas de ouro e de joias resplandecentes, como se todas as estrelas do ceu ali tivessem caido.

De fórma que ele e o derviche penetraram naquele reino encantado e carregaram cada camelo até que este não pudesse mais com a carga.

Depois, despediram-se e cada um seguiu seu caminho com cincoenta camelos.

Mas logo o condutor voltou correndo, alcançou o derviche e disse-lhe :

— O senhor não vive a vida que nós outros vivemos e, portanto, não tem necessidade de tudo o que lhe coube. Quer ter a bondade de dar-me dez desses camelos ?

— Está bem, disse o derviche. Não sei, não, mas parece-me que o que o senhor diz é razoavel.

Assim fez o derviche e ambos se separaram, tendo o derviche partido com seus quarenta camelos.

Mas pouco depois, eis que o condutor correu de novo no seu encalço, gemendo e chorando, pediu-lhe mais dez camelos. dizendo que trinta cargas de camelo eram muito tesouro para a vaidade de um derviche, porquanto os demais vivem com muita simplicidade e não possuem casa, mas vivem ao Deus dará e abrem mão de seus bens.

Mas ainda não foi tudo.

O miseravel cão continuou a ir e vir, até que pediu todos os camelos, um após outro e entrou na posse de todos os cem. Então, mostrou-se todo satisfeito e reconhecido, e disse que enquanto vivesse jamais se esqueceria do derviche, e que nenhuma pessoa até então lhe fôra tão boa e generosa.

Em suma, ambos trocaram um novo aperto de mãos, para dizer adeus, e separaram-se e perderam-se de vista.

Mas, escutem bem, não eram passados bem dez minutos quando o condutor voltava de novo sobre seus passos, insatisfeito ainda.

Era o mais vil reptil dos cinco continentes.

Voltou correndo.

E desta vez, o que ele desejava era que o derviche esfregasse um pouco de unguento no outro olho.

— Por que? indagou o derviche.

— Oh! o senhor bem sabe, respondeu-lhe o condutor.

— Sei o que? admirou-se o outro.

— Ora, o senhor não póde enganar-me, tornou o homem. O senhor cuida de esconder-me qualquer coisa, o senhor bem que sabe. Parece-me que se eu tiver o unguento no outro olho, poderei ver muitas outras coisas de valor. Então! Quer passar-me, por favor?

O derviche observou-lhe:

— Não lhe escondo nada. E a prova é que lhe vou revelar o que lhe sucederá se passar o unguento: o senhor não enxergará mais. O senhor ficará completamente cego para o resto da vida.

Mas — vejam vocês — o miseravel não quis acreditar. E suplicou, e suplicou, e lamentou-se e chorou, até que por fim o derviche abriu sua caixinha e lhe disse para fazer ele proprio a aplicação, se quisesse.

Assim fez o homem, e naturalmente um minuto depois estava cego que nem um morcego.

Então, o derviche pôs-se a caçoar dele e a escarnecê-lo. Chegou a gracejar :

— Adeus, disse-lhe. Um homem que é cego não tem necessidade de joias.

E lá se foi o derviche com os camelos e deixou o homem, pobre e abandonado, a errar o resto de seus dias no deserto.

Jim disse que era capaz de apostar que aquela foi uma lição para o ambicioso.

— Sim, disse Tom, e como muitas outras lições que se recebem, essa de nada lhe serviu, pois a coisa não acontece outra vez da mesma maneira e ás vezes nem mesmo se reproduz. Quando Hen Scovil caiu da chaminé e quebrou a espinha para o resto da vida, todos diziam que aquilo lhe servia de lição. Mas, que lição ? Como lhe serviria de lição ? Ele não podia mais subir em chaminés e não possuia mais espinha para quebrar.

— Mesmo assim, sinhô Tom, é uma excelente coisa aprender-se pela experiencia. A Biblia diz que a criança queimada evita o fogo.

— Bem ! Não nego que uma coisa sirva de lição, se essa coisa puder acontecer duas vezes da mesma maneira. Ha muitas que acontecem e educam uma pessoa. Justamente isso é que dizia sempre o tio Abner. Mas ha quarenta milhões de outra especie, daquelas que não sucedem duas vezes da mesma maneira, e que não têm uma utilidade real. Não ha nada de mais instrutivo que a variola. Quando a

gente a apanha, de nada nos serve lembrar-nos que deveriamos vacinar-nos, e nada adianta sermos vacinados depois, uma vez que a variola só dá uma vez.

Mas, doutro lado, o tio Abner dizia que a pessoa que tivesse uma vez pegado um touro pelo rabo tinha aprendido sessenta ou setenta vezes mais que uma outra pessoa que não o tivesse pegado, e ajuntava que quem já se tivesse dado ao trabalho de trazer, p'ra casa, um gato pelo rabo, adquiria um saber que lhe seria sempre util e jamais a deixaria distraida ou hesitante. Mas, posso dizer-lhe, Jim, que o tio Abner era daqueles que vivem a tirar uma lição de tudo o que acontece. Pouco importa se...

Mas Jim estava dormindo.

Tom pareceu um pouco envergonhado pois, é intuitivo, a gente sempre se sente mal quando se fala extraordinariamente bem, nos seguros de que sejamos admirados, e o pretenso admirador adormece no melhor da festa. Por certo que Jim não desejara dormir, pois isso é feio ; mas tanto mais uma pessoa fala, mais é certo que isso nos faça adormecer e, assim, quando a gente reflete nisso tudo, a falta não é só particularmente de uma pessoa : ambas são dignas de censura.

Jim começou a roncar, a principio baixinho como uma planta, depois mais alto, mais alto ainda, e soltou uma boa meia duzia de horriveis roncos, como as ultimas gotas de agua quando se escapam, com aquele barulho particular, saindo do buraco de um banheiro. Depois, roncou mais forte ainda. Por fim, ini-

ciou um ronco-fantasia, a que se misturavam alguns bufos, como faz uma vaca quando está engasgada.

Quando uma pessoa chega a esse ponto, está no seu apogeu e póde acordar um homem, no outro canto da rua, com uma dose de laudano no corpo. Mas não póde acordar-se a si mesma, ainda que esse terrivel barulho não esteja a mais de tres polegadas de seus ouvidos.

A meu ver, é a coisa mais curiosa do mundo.

Mas se a gente riscar um fosforo para acender uma vela, esse insignificante ruido póde despertá-la.

Bem que eu desejava saber a razão disso, mas creio que não ha meios de se descobrir.

De sorte que Jim alarmava o deserto inteiro e obrigava os animais a sairem da sua toca, numa distancia de milhas em redor, para ver que diabo se passava por aquelas bandas. Ninguem mais perto do barulho do que o proprio Jim e, entretanto, era a unica criatura que não estava nem um pouquinho incomodada.

Nós berramos, nós urramos.

Entretanto, nada adiantou. Mas logo que se produziu um insignificantissimo ruido fóra do costume, Jim acordou.

Não, não e não! Bem que refleti e Tom tambem. Não ha meios de se saber porque um roncador não se escuta roncar.

Jim disse que não havia dormido.

Afirmou que simplesmente fechara os olhos para escutar melhor.

Tom respondeu-lhe que ninguem o acusava.

Isso lhe fez assumir o ar de alguem que imaginava nada ter dito. E mostrou-se desde logo desejoso de mudar de assunto, creio eu, pois começou a falar mal do condutor de camelos, precisamente como faz uma pessoa que é apanhada em flagrante delito e deseja descarregar a culpa em outrem.

Disse o diabo do condutor, e concordei com ele; louvou o derviche tanto quanto pôde, coisa com que tambem concordei.

Mas Tom contraveiu:

— Não estou absolutamente certo, como vocês dois. Vocês disseram que esse derviche foi extremamente generoso, bom e leal, mas não acho tanto assim. Ele não procurou outro derviche, não é verdade? Não, se fosse assim tão desinteressado, por que não tomou apenas uma mãosada de joias e não se foi satisfeito? Não, não! A pessoa que procurava era um homem que possuisse cem camelos; ele queria ir-se embora com todos os tesouros que pudesse levar.

— Mas, sinhô Tom, ele queria repartir honestamente e equitativamente, e só pediu cincoenta camelos!

— Porque sabia que logo entraria na posse de todos.

— Sinhô Tom, ele preveniu o homem que a droga o tornaria cego.

— Sim, porque sabia com quem estava lidando. Era justamente a especie de homem que procurava, um homem que não acreditasse na palavra de nin-

guem, nem na honradez de ninguem, porque ele proprio não a possuia. Creio que ha muitas pessoas como esse derviche. Furtam a torto e a direito, mas agem de maneira que o outro é que é o ladrão. Os tais sempre se atêm á letra da lei, e não ha meios de os tirarmos dali. Não esfregam sobre seus proprios olhos o unguento, não! isso seria pecado. Mas sabem como abusar da gente e fazem com que nós mesmos o passemos. Então, nós é que nos cegamos a nós proprios. A meu ver, o derviche e o condutor de camelos deviam ser encangados juntos: um, celerado esperto, jeitoso e inteligente; o outro — pesado, grosseiro e ignorante. Entretanto, celerados ambos.

— Sinhô Tom, acredita que ainda haja desse unguento no mundo?

— Sim, tio Abner disse que ainda existe. Afirmou que existe em Nova York, e que lá os tais passam o unguento nos olhos das pessoas do interior e lhes mostram todas as estradas de ferro do mundo. Quando essas pessoas vão tomá-las esfregam a droga no outro olho, dizem-lhes até logo e lá se vão com as suas estradas de ferro. Aqui está a colina com os tesouros. Desçamos.

Aterramos, mas a coisa não era tão interessante como eu esperava, pois que não pudemos encontrar o lugar por onde o derviche e o condutor de camelo entraram para encontrar o tesouro.

Não obstante, só o fato de ver-se a colina onde se verificara coisa tão maravilhosa era sobremodo interessante.

Jim disse que não trocaria a simples visita áquele lugar por tres dolares, e eu pensava da mesma maneira.

E o modo por que Tom havia entrado num tão imenso país estrangeiro e fôra direitinho encontrar um pequeno monticulo como aquele, e o havia distinguido num minuto entre outros milhões de monticulos quasi iguaizinhos, sem nada que o ajudasse, exceto sua propria sabedoria e sua inteligencia natural, era simplesmente maravilhoso p'ra mim e ao Jim.

Conversamos a esse proposito, mas não pudemos compreender como ele havia chegado áquele resultado.

Tom possuia a melhor cabeça que jamais vi; só lhe faltava a idade para tornar-se um nome igual ao Capitão Kidd ou George Washington. Sou capaz de apostar que qualquer dos dois havia de mostrar-se bastante embaraçado para encontrar esta colina, coisa canja para Tom Sawyer.

Ele atravessou o Saara e apontou com o dedo a colina, com tanta facilidade como a gente encontraria um negro num bando de anjos.

Encontramos um tanque de agua salgada bem pertinho; raspamos um pouco de sal ás suas margens, e cobrimos a pele do leão e do tigre, para que se conservassem até que Jim pudesse curtí-las.

## CAPITULO XI

# Uma tempestade de areia

FLANAMOS um dia ou dois. A' noite, justamente no instante em que a lua cheia atingia a terra do outro lado do deserto, vimos uma linha de pequenas silhuetas negras, movendo-se através de sua enorme face de prata.

Podiamos vê-las com tanta nitidez como se estivessem pintadas a tinta, sobre a lua.

Com toda certeza, outra caravana.

Diminuimos a velocidade e pusemo-nos a seguila, simplesmente para termos a sua companhia, embora não caminhasse do nosso lado.

Esta caravana era barulhenta, e constituia um magnifico espetaculo digno de contemplar-se quando, no dia seguinte, o sol se espalhava em borbotões sobre o deserto e projetava as esguias sombras dos camelos sobre a areia de ouro, como se fosse um milhar de aves pernaltas suspensas em suas compridas pernas e avançando em procissão.

Não nos aproximamos muito, pois já sabiamos por experiencia que os camelos podiam assustar-se e implantarmos o panico na caravana.

Aquele foi o mais alegre ostentar de lindas e ricas vestimentas de nobre estilo que até então se viu.

Alguns dos chefes montavam em dromedarios, os primeiros que viamos em nossa vida.

Muito grandes, eles avançavam mergulhando, como se tivessem pernas de pau, e sacudiam toleravelmente o homem que os montava e ruminavam o seu jantar como uma barata, posso jurar. Mas caminhavam nobremente, e um camelo não se lhes compara em velocidade.

A caravana acampou durante as horas quentes do meridiano ; depois retomou a sua jornada mais ou menos ás duas horas.

A principio, a sua cor era a do bronze ; depois, passou para a do cobre, e empós começou a semelhar uma bola vermelho-sangue ; o ar tornou-se abrasador e abafadiço ; o ceu sombreou-se a oeste e pareceu brumoso e turvo, mas inflamado e terrivel como a gente o vê através de um vidro vermelho.

Abaixamos os olhos e notamos que reinava grande confusão na caravana. Disso resultou uma louca correria em todos os sentidos, como se todos fossem presos de grande terror.

Depois, os caravanistas se deixaram cair de bojo sobre a areia, e ficaram deitados perfeitamente imoveis.

Em pouco, notamos que alguma coisa se levantava como um muro espantosamente largo, que ia do deserto ao ceu e escondia o sol, e que vinha numa velocidade espantosa.

Nesse instante, do nosso lado soprou suave brisa, que depois se tornou mais forte, e grãos de areia

começaram a fustigar nosso rosto e a ferrotear-nos como se fosse fogo. Tom gritou :

— E' uma tempestade de areia ! Voltemos-lhe as costas !

Foi o que fizemos, e um minuto depois soprava um vento violento, e a areia nos chicoteava a pele.

O ar estava tão cheio de coisas estranhas que não podiamos ver nada.

Em cinco minutos, a barquinha ficou cheia de areia até as bordas. Nós, que estavamos sentados nas tarimbas, ficamos enterrados até o nariz ; tinhamos de fóra somente a cabeça e mal podiamos respirar.

Aos poucos a tempestade diminuiu, e vimos aquele monstruoso muro afastar-se através do deserto.

Aquilo tudo era terrivel de ver-se, palavra de honra.

Nós nos desenterramos e olhamos em baixo, no lugar onde antes se achava a caravana. Nada mais ali havia, a não ser o oceano de areia, e tudo estava imovel e calmo.

Toda aquela infeliz gente com os seus camelos estava asfixiada e morta, sepultada a dez pés sob a areia, calculamos nós. Tom acreditava que somente depois de anos e anos é que o vento os descobriria e durante todo esse tempo os seus amigos não saberiam o que sucedeu á caravana.

Tom prosseguiu :

— Agora é que sabemos o que aconteceu áquela gente de quem tiramos os sabres e as pistolas.

Sim, foi isso que lhes aconteceu.

Era claro, clarissimo como a luz do dia que nos alumiava áquela hora.

Tinham sido soterradas durante uma tempestade de areia e os animais selvagens não puderam chegar até onde se encontravam. O vento só os descobriu quando os seus corpos estavam ressecados como o couro e, por certo, inadequados para alimento.

Pareceu-me que ficamos bastante penalizados com a morte dessa pobre gente e que tambem nos entristecemos. Mas enganavamo-nos.

A morte desta ultima caravana nos foi mais contristadora, muito mais chocante.

E a razão é que a outra era formada de estranhos para nós.

Não chegamos a nos sentir a eles ligados, nem mesmo os conhecemos, exceto, talvez, um bocadinho ao homem que contemplava a mocinha.

Mas a coisa era diferente com relação a esta ultima caravana.

Demoramo-nos bastante planando em redor deles, creio que toda uma noite e quasi todo um dia, e acabamos por sentir-lhes uma certa amizade e a conhecê-los.

Cheguei á conclusão de que não ha meio mais seguro para a gente descobrir se quer bem ou não a outra pessoa do que viajar em sua companhia.

Foi o que aconteceu com estes caravanistas. Eles nos tinham a companhia desde o principio e, viajando juntos, acabaram por conquistar-nos.

Tanto mais viajavamos com eles, mais nos habituavamos ás suas maneiras, mais lhes queriamos e mais nos sentiamos contentes por tê-los encontrado.

Chegamos a conhecer tão bem a alguns deles que já os chamavamos pelos nomes quando falavamos a seu respeito, e em pouco nos tornamos tão camaradas e intimos que os chamavamos por apelidos familiares, e isso não nos parecia falta de educação. Muito pelo contrario!

Por certo que os seus nomes não eram esses, mas foram os que lhes demos.

Havia, pois, Mr. Elexandre Robinson e miss Adaline Robinson, e o coronel Jacob Mac Dougal, e miss Harriet Mac Dougal, e o juiz Jeremias Butler e o jovem Buthrid Butler. Todos os grandes chefes, na sua maioria, traziam esplendidos turbantes e cimitarras, e estavam vestidos como o Grão Mogól, eles e suas familias. Mas, logo que tivemos um bocadinho mais de camaradagem, já não era mais nem *mister*, nem *juiz*, nem nada, mas simplesmente Elleck, Addy, Jack, Hattie, Jerry, Buck, etc..

Como se sabe, quanto mais a gente se aproxima de outrem nas suas alegrias e nas suas tristezas, mais se nos tornam proximos e queridos.

Assim é que não estavamos frios e indiferentes, como a maior parte dos viajantes, mas fizemo-nos seus amigos, tornamo-nos sociaveis e tomavamos parte em tudo o que lhes sucedia. E a caravana podia contar conosco em qualquer ocasião e no que fosse preciso.

Quando eles acampavam, nós tambem acampavamos a mil ou mil e duzentos pés de altura.

Quando tomavam o seu repasto, nós comiamos o nosso e a gente sentia-se melhor em casa, por terlhes a companhia. Quando celebraram um casamento, em certa tarde, e Buck e Addy se casaram, nós pusemos os mais engomados colarinhos do professor para assistirmos á solenidade; enfim, quando eles se puseram a dansar, tomamos parte na festa e demos alguns passos de dansa lá em cima.

Mas é a tristeza e a pena que mais nos ligam a outrem, e disso tivemos a certeza quando se verificou uma morte entre eles.

Foi na manhã seguinte, precisamente ao romper silencioso da aurora.

Não conheciamos o morto e ele não era dos nossos, mas isso não tinha importancia, uma vez que pertencia á caravana.

Por certo, ninguem derramou em sua honra lagrimas mais sinceras do que as que choramos lá de cima, a mil e cem pés de altura.

Sim, separar desta caravana foi bem mais triste que nos separarmos da outra, constituida de pessoas estranhas e mortas já ha muito tempo.

Nós os haviamos conhecido em vida e os amamos, e agora, ver a morte apanhá-los sob nossos olhos enquanto os olhavamos, e ficarmos solitarios e sem amigos no meio desse imenso deserto, isso nos causava tanta dor que imaginamos logo não mais fazermos amizades durante esta viagem, se tivessemos de perdê-las dessa maneira.

Não podiamos evitar deles falarmos, e eles nos vinham ao pensamento com o aspecto que tinham quando todos estavamos vivos e felizes.

Podiamos ver a fila avançando em ordem e as pontas brilhantes das resplendentes lanças ao sol.

Reviamos os dromedarios caminhando vagarosamente ; a cerimonia do casamento e do funeral e, mais comumente que todo o resto, nós os viamos orar, porquanto nada os fazia esquecer-se desse dever. Quando se ouvia o apelo do *muezzin*, varias vezes ao dia, todos se calavam e permaneciam de pé, com o rosto voltado para o Oriente e, atirando a cabeça p'ra trás, estendiam os braços e começavam suas orações.

Quatro ou cinco vezes caiam de joelhos e caminhavam assim, e tocavam a terra com sua fronte.

Enfim, de nada mais nos adiantava falar deles, tão dignos de serem amados que tinham sido em sua vida, e tão caros nos foram enquanto vivos e depois de mortos, porque isso nada mudava e nos abatia bastante.

Jim prometeu a si mesmo viver uma vida tão boa quanto pudesse, afim de poder revê-los num mundo melhor.

Tom permaneceu tranquilo e não lhe disse que os caravanistas eram maometanos.

Não valia a pena desfazer-lhe as ilusões.

Talvez ele se sentisse ainda mais infeliz se soubesse disso.

Quando acordamos, na manhã seguinte, estavamos um bocadinho mais alegres, e dormimos um

sono reparador, porque a areia é o leito mais confortavel que existe. Não sei porque as pessoas que têm facilidade de assim o obterem, dela não se servem.

Além disso, constitue um magnifico lastro : nunca vi o balão tão estavel como naqueles instantes.

Tom calculava que havia dentro umas vinte toneladas de areia, e perguntava-nos o que deviamos fazer daquilo : a areia era boa, e parecia-lhe não ser acertado jogá-la fóra.

Jim disse :

— Sinhô Tom, não acha que devemos levá-la p'ra casa e vendê-la ? Quanto tempo gastaremos p'ra chegar até lá ?

— Depende do trajeto que fizermos.

— Mas, sinhô, lá na vila cada carroçada vale um quarto de dolar, e calculo que temos aqui pelo menos vinte carroçadas, não acha ? Quanto apuraremos ?

— Cinco dolares.

— Diabo ! Sinhô Tom, voltemos p'ra casa imediatamente ! E' um dolar e meio a cada um, não é ?

— Sim.

— Pois nunca até hoje ganhei dinheiro tão facilmente ! Essa areia choveu sobre nós e não nos custou uma isca de trabalho. Voltemos imediatamente, sinhô Tom.

Entretanto, Tom Sawyer estava ocupado a refletir e a calcular, de modo que não ouvia mais o negro.

Em pouco, ele dizia :

— Cinco dolares! Ora essa! Pensem bem: então toda esta areia vale essa miseria?

— Como isso, sinhô Tom? Continue, meu caro... continue!

— Pois bem, logo que todo mundo souber que é a verdadeira areia do grande Saara, todos morrerão de desejo de possuir um punhadinho para pôr numa redoma de vidro, em cima dum aparador e com uma etiqueta, como curiosidade. O que devemos fazer é despejá-la em garrafinhas e voar até os Estados Unidos e vendê-las á razão de 10cents cada uma. Apuraremos dez mil dolares de areia nesta barquinha.

Eu e Jim estavamos loucos de alegria e gritamos juntos o *whoopjamboree hoo*. Tom acrescentou:

— E podemos ir e vir para buscar areia, e continuar assim até que tenhamos transportado e vendido todo este deserto, sem nenhuma oposição, pois que tiraremos patente.

— Deus do Ceu! exclamei. Então, ficaremos tão ricos como Creosoto, hein, Tom?

— Sim. Como Creso, você quis dizer. Vejam vocês: aquele derviche procurava todos os tesouros da terra naquela pequena colina, e ignorava que caminhava sobre tesouros reais durante milhares de milhas. Qual! Mais cego, ainda, que o condutor de camelos!

— Sinhô Tom, quanto iremos apurar?

— Palavra que ainda não sei. Antes de mais nada, é preciso que se faça um calculo, e a coisa não é facil como parece, pois aqui temos mais de quatro

milhões de milhas quadradas de areia a 10 cents a garrafinha.

Jim estava terrivelmente superexcitado, mas as palavras de Tom lhe puseram agua na fervura e ele se pôs a sacudir a cabeça e a dizer :

— Sinhô Tom, não podemos arranjar tantas garrafinhas... Nem mesmo um rei poderia. Melhor é que não cuidemos de engarrafar todo o deserto, sinhô Tom : as garrafinhas vão arruinar-nos.

A excitação de Tom tambem diminuiu sensivelmente, e julguei logo que fosse por causa das garrafinhas. Enganei-me redondamente.

Ele estava sentado, refletindo, e cada vez mais se lhe carregava o rosto. Por fim, disse-nos :

— Camaradas, isso não é tão facil como parece. Precisamos renunciar aos nossos projetos.

— Por que, Tom ?

— Por causa dos direitos.

Confesso que não percebi nada, o mesmo sucedendo a Jim.

O negro disse :

— Onde está o direito, sinhô Tom, é o que devemos primeiro saber ! E se a coisa for inevitavel, não ha remedio sinão a ela nos submetermos. E' o que quasi sempre acontece.

Tom contraveiu :

— Oh ! não é essa especie de direito. Refiro-me aos impostos. Cada vez que a gente encontra uma fronteira — o limite de um país, como vocês sabem — ali está a aduana. Os funcionarios representando o

governo logo vêm e chereteiam os nossos negocios e nos cobram uma taxa pesada que chamam de direito, porque é direito deles arruinar-nos se puderem. Se a gente não lhes pagar os tais direitos, eles nos confiscam a areia. Chamam a isso de confiscar, mas não enganam a ninguem : o que eles fazem é simplesmente apoderar-se da coisa, aí está. Pois bem, se tratarmos de transportar essa areia até a vila pelo caminho que ora seguimos, é preciso transpormos barreiras até nos cansarmos... fronteira após fronteira... o Egito, a Arabia, o Hindustão, e assim por diante... e todas terão direitos a exigir.

De modo que vocês podem facilmente verificar que não podemos seguir esse caminho.

— Mas, Tom Sawyer, uma vez que podemos voar sobre as fronteiras, como nos apanharão eles?

Tom olhou-me com tristeza, e respondeu-me com bastante gravidade :

— Huck Finn, você pensa que isso seja honesto?

Tenho horror a esse genero de interrogação.

Não respondi nada, e ele continuou :

— Bem! outro caminho nos está tambem fechado. Se voltarmos por onde viemos, ha as aduanas de Nova York, peores do que todas as outras juntas, por causa da especie de mercadoria que levamos.

— Por que?

— Simplesmente por isto : porque não se póde levar areia do Saara á America, naturalmente. E quando eles não podem ali cultivar uma coisa, os direitos são mil e quinhentas vezes maiores se a gente a vai buscar onde a cultivam.

— Não vejo bom senso nisso tudo, Tom Sawyer.

— Quem lhe disse que não ha bom senso, Huck Finn? Por que você me fala assim? Note que tenho dito que uma coisa é sensata antes de eu propria a achar como tal.

— Muito bem! Faça de conta que eu senti e estou arrependido pelo que disse. Continue.

Jim entrou na conversa.

— Sinhô Tom, acaso eles aplicam essa taxa em tudo o que podemos produzir na America, sem fazer nenhuma distinção?

— Sim, é como fazem.

— Sinhô Tom, a benção de Deus não é uma das coisas mais preciosas que existem?

— Sim.

— O clerigo não fica de pé no pulpito para distribui-la aos seus fieis?

— Sim.

— De onde vem ela?

— Do ceu.

— E' claro e sinhô disse bem. Na verdade, doce mel ele vem do ceu, e o ceu é um país estrangeiro. Pois bem. Acaso eles tambem carregam essa benção com uma taxa?

— Não, não a carregam.

— Por certo que não. E assim é evidente que sinhô Tom está enganado. Eles não carregarão uma taxa sobre uma pobre mercadoria como a areia, que todo o mundo não é obrigado a possuir, para não a carregar sobre a melhor coisa que existe, e de que ninguem se póde privar.

Tom estava confundido.

Ele verificou que Jim o havia posto *knock-out*.

Não se deu por vencido desde logo e disse que haviam esquecido de estabelecer essa taxa, mas que com toda certeza haviam de se lembrar dela na proxima sessão do Congresso e que a votarão... Entretanto, tudo isso não passava de um simples despistamento, bem que ele sabia.

Disse que tudo que fosse estrangeiro era taxado, exceto aquilo, e que dessa fórma os politicos não seriam logicos se não a taxassem.

Estar de acordo consigo mesmo é a primeira lei da politica.

Tom teimou em dizer que negligenciaram naquele ponto sem o querer, e que todos cuidavam de encobrir a omissão, afim de que não lh'a lançassem ao rosto e os ridicularizassem.

Mas tais coisas não mais me interessavam, a partir do instante em que chegamos á conclusão de que não podiamos levar, mais, a nossa areia, e tornei-me melancolico, o mesmo sucedendo a Jim.

Tom cuidou de nos distrair dizendo-nos que refletiria numa outra especulação para nós, tão boa quanto aquela, e talvez melhor, mas nada do que disse nos satisfez.

Não acreditavamos em nenhuma outra tão grande como aquela.

O golpe foi terrivelmente duro.

Não havia muito que estavamos ricos, e poderiamos comprar todo um país, criar um reino, sermos celebres e felizes... e agora, voltavamos a ser tão pobres e necessitados de tudo...

Nossa areia nos ficava ali, ao alcance das mãos...

A areia nos parecia antes tão linda, exatamente como o ouro e os diamantes.

O seu contacto era tão doce, e tão macio e tão agradavel... Entretanto, agora eu não podia nem mesmo vê-la, e partia-me o coração só de olhá-la. Nenhuma satisfação mais eu teria enquanto dela não nos desembaraçassemos e não a tivessemos mais ali, para nos lembrar o que poderiamos ser e o que ficamos...

Jim e Tom tinham analogos sentimentos.

Bem que o notei, porquanto os dois ficaram no cumulo da alegria quando eu lhes disse:

— Atiremos essa mercadoria fóra de bordo!

Aquilo ia dar trabalho, e trabalho pesado, é bem de se ver.

De sorte que Tom o dividiu, segundo a justiça e a força de cada um de nós.

Resolveu que ele e eu atirariamos um quinto de areia, cada um, e Jim tres quintos.

Este arranjo não agradou em absoluto ao negro.

— Por certo que sou o mais forte e, por conseguinte, posso tomar parte na descarga. Mas, palavra, sinhô Tom reservou todo o trabalho ao velho Jim, não?

— Bom. Não pensei nisso, Jim. Mas vamos começar e veremos... respondeu Tom.

Jim calculou que seria justo, sem mais discussão, que Tom e eu fizessemos um decimo do trabalho.

Tom virou as costas para estar á vontade e isolar-se. Sua boca, então, escancarou-se num sor-

riso que se estendeu sobre todo o deserto e cobriu o Saara inteirinho ao oeste até sua costa atlantica, donde vinhamos.

Depois, voltou-se e disse ser uma excelente proposta e que estavamos satisfeitos se Jim estivesse.

Jim respondeu que estava.

Então, Tom Sawyer mediu nossos dois decimos e deixou o resto para Jim. O negro arregalou os olhos ao notar a grande diferença entre o montão dele e os nossos dois montinhos, e a terrivel quantidade de areia que lhe tocara, e disse que estava radiante agora, por ter falado a tempo e feito mudar o primitivo arranjo, pois mesmo como agora estava, havia mais areia do que prazer na sua parte do contrato, como pensava.

Metemos mãos á obra.

Era um trabalho excessivamente fatigante e penoso, tão fatigante que precisamos subir a uma temperatura mais fresca, sem o que não poderiamos aguentar.

Tom e eu, cada um por sua vez, cumprimos nossa tarefa.

Um trabalhava enquanto o outro descansava. Mas não havia ninguem para revesar o pobre e velho Jim que, de tanto suar, tornou humida toda esta parte da Africa.

Não podiamos trabalhar bem de tanta vontade de rir...

Jim aborrecia-se e queria saber por que estavamos tão contentes. Foi preciso inventarmos uma porção de coisas para que ele não desconfiasse, e eram pobres invenções que o satisfaziam.

Jim não percebeu nada.

No fim, quando acabamos a nossa tarefa, estavamos quasi mortos, não de trabalho, mas de tanto rir.

Nesse momento, Jim tambem estava quasi morto, mas de fadiga.

Então, cada um de nós o revesou.

Ele ficou bastante reconhecido, e permaneceu silencioso descansando no rebordo da barquinha, enxugando-se, estafado e quasi sem respiração, mesmo assim dizendo que eramos bons para com um pobre e velho negro como ele, e que jamais se esqueceria disso.

Jim era o negro mais reconhecido deste mundo, por menor que fosse a coisa que lhe fizessemos.

Era negro só no exterior.

Por dentro, era tão branco como o leitor e eu.

## CAPITULO XII

# As piramides

A partir de então a nossa comida ficou um tanto arenosa, coisa que não tinha a menor importancia quando ha fome e não ha apetite, e a gente come de qualquer jeito.

Assim, um pouco de areia na carne não constitue inconveniente particular, como bem posso imaginar.

Chegamos, dessa forma, á ultima parte do deserto, com a proa virada para o nordeste.

Bem longe, ás margens da areia, sob uma doce luz rosada, vimos tres pequenos montes ponteagudos, como tendas, e Tom disse :

— São as piramides do Egito.

Meu coração pôs-se aos saltos.

A razão disso é que já vi inumeras fotografias das piramides e já ouvi milhares de vezes falarem do assunto. E, no entanto, duma hora p'ra outra dar com aquilo, e dessa maneira, e achar que realmente existiam e não eram uma fantasia da nossa cachola, era de se ficar sem respiração.

E' uma coisa curiosa : quanto mais a gente ouve falar duma coisa ou duma pessoa ilustre, enorme e magnifica, tanto mais isso se torna um sonho, póde-

se dizer, tal qual uma grande imagem esvoaçante e imprecisa, feita de raios de lua e nada solida.

Era o que sucedia com relação a George Washington e, agora, com as piramides.

E, mais ainda, tudo o que me haviam dito a respeito delas sempre me pareceu exagerado.

Certa vez um velhote apareceu na escola dominical, e como tivesse uma idéia das piramides, fez um discurso piramidal e disse que a maior de todas cobria treze acres e media quasi quinhentos pés de altura como uma montanha abruta, toda construida de blocos de pedra tão volumosas como uma mesa e postas em entalhes perfeitamente regulares como degraus de escada.

Treze acres para uma só construção, eram bem um sitio.

Se não fosse na escola dominical, eu teria jurado que aquilo não passava de uma mentira.

Entretanto, á primeira vez que saí de casa, certifiquei-me disso.

E o orador disse que havia um buraco na piramide, por onde se podia entrar com velas e subir bastante num tunel obliquo e chegar a um aposento ou coração desta montanha de pedras, e que se encontraria lá, bem no fundo, num grande quarto de pedra, um rei que tinha de idade quatro mil anos.

Ao ouvir isso, disse de mim para comigo : se não for mentira, bem que eu gostaria de comer esse rei se quiserem mostrar-m'o, pois mesmo Matusalém não era tão velho e ninguem teve essa pretensão.

Como nos aproximassemos, vimos a areia amarela acabar numa longa ponta estreita como uma

coberta, e de ponta a ponta um imenso país dum verde brilhante, atravessado por uma faixa tortuosa como uma serpente que o alcançava.

Tom disse que era o Nilo.

Meu coração saltava em meu peito, porquanto o Nilo era uma outra coisa irreal para mim.

Agora, leitor amigo, posso-lhe dizer uma coisa com toda segurança : se lhe suceder flanar durante tres mil milhas de areia amarela toda resplendente de calor, e tanto que lhe saltarão lagrimas aos olhos ao contemplá-la ; e se tiver passado uma parte consideravel da semana entregue a isso, o país verde se assemelha de tal modo á sua cidade natal e lhe será tão bom o ceu, que isso lhe fará de novo saltarem lagrimas aos olhos.

Foi o que sucedeu comigo e com Jim.

E quando Jim chegou a realmente acreditar que era a terra do Egito que contemplava, não quis nela penetrar a pé, mas ajoelhou-se e tirou o chapeu, porque dizia não ser digno de um pobre negro entrar de outra maneira no país onde houve homens como Moisés, José, Faraó e outros profetas.

Jim era presbiteriano e tinha o mais profundo respeito a Moisés, no seu dizer tambem presbiteriano.

Ele estava todo comovido e exclamava :

— E' a terra do Egito !... a terra do Egito !... e vejo-a com meus proprios olhos. E eis o rio que se transformou em sangue, e olho a terra mesma onde houve a peste, a piolhada, as rãs, os gafanhotos, o graniso ; onde se fez um sinal sobre as portas e o anjo da Morte passou nas trevas da noite e ma-

tou todos os recém-nascidos do Egito. O velho Jim não é digno de ver este dia.

Depois, derreteu-se todo em lagrimas, de tão reconhecido.

Assim, entre ele e Tom logo se travou interessante palestra. Jim, superexcitado por causa da terra tão cheia de historia : de José e seus irmãos, de Moisés nas sarças, Jacó descendo o Egito para comprar trigo ; a taça de prata no saco e outras coisas interessantes ; e Tom Sawyer não menos excitado porque o país estava cheio de lendas do genero de que gostava, pois era louco por historias sobre Mourreddin e Bedresddin, sobre gigantes monstruosos dessa marca, que faziam levantar a carapinha de Jim, e um punhado de outros personagens das *Mil e Uma Noites*, metade dos quais não havia jamais feito as coisas que se lhe atribuiam, a meu ver.

Então, provamos um desapontamento, pois levantou-se uma neblina de manhã e era inutil voar-se sobre as piramides.

Passariamos seguramente pela costa do Egito.

De fórma que julgamos preferivel guiar-nos pela bussola e virar a proa direito sobre o caminho onde as piramides apareciam vagas e logo desapareciam de vista, e descermos e voarmos á flor da terra, prontos para qualquer emergencia.

Tom tomou a cana do leme.

Postei-me perto dele para atirar a ancora, e Jim pôs-se a cavalo na borda da barquinha, para furar a neblina com os seus olhos e vigiar em caso de perigo.

Caminhavamos a uma velocidade regular, não muito rapida, pois a neblina cada vez se tornava

mais densa, tão densa que Jim parecia vago, uma como que silhueta escura, apagada.

Tudo naquele lugar estava terrivelmente silencioso.

Falavamos baixo e estavamos inquietos.

— Suba um bocadinho, sinhô Tom, suba !

E o balão deu um salto de um ou dois pés.

Deslisamos justamente até ficarmos em cima duma cabana feita de reboque, de telhado chato, com pessoas dormindo em cima e que acabavam de se voltar, bocejando e estirando os braços.

Precisamente no instante em que um velhote estava de pé, pronto para abrir a boca e estender os braços á vontade, demos-lhe uma pancada pelas costas e o derrubamos.

Pouco a pouco, mais ou menos dentro de uma hora dum silencio de morte, enquanto acuravamos o ouvido ao menor barulho e retinhamos a respiração, a neblina desapareceu repentinamente e Jim gritou, cheio de louco terror :

— Oh ! pelo amor de Deus, sinhô Tom, ali está o maior gigante das *Mil e Uma Noites*, que vem nos pegar !

E caiu de costas na barquinha.

Tom deu violenta marcha-ré e como fossemos diminuindo cada vez mais a marcha, até pararmos completamente, a cara dum homem tão grande como a nossa casa olhava por cima da plataforma, como uma casa olha pelas suas janelas, e caí apavorado e morri de medo.

Creio que durante um minuto ou mais permaneci completamente morto.

Depois, voltei a mim.

Tom havia preso um harpão no beiço inferior do gigante, e agora, com o balão imovel, ele voltava a cabeça para examinar aquela terrivel cara.

Jim estava de joelhos, com as mãos postas, olhando fixamente aquela coisa com um ar suplicante e movendo os labios sem que pudesse articular palavra.

Quanto a mim, só de olhar de relance o fantasma, perdi os sentidos. Mas Tom Sawyer tranquilizou-nos :

— Imbecis ! Não estão vendo que é a esfinge ?

Nunca vi Tom parecer tão pequeno e semelhar-se a uma mosca, mas isso era devido a cabeça do gigante, de tão enorme e terrivel.

Terrivel ! sim, a cabeçorra o era. E mais apavorante ainda, porque se podia ver que era uma nobre cara, um pouco triste, e não pensando na gente, mas com outros pensamentos mais elevados.

A esfinge era de pedra — de pedra avermelhada — com o nariz e as orelhas um tanto estragados, o que lhe dava um ar de insultada, de maltratada, e nos causava pena.

Nós nos afastamos um pouco, e voamos em volta e em cima da esfinge, que agora nos parecia simplesmente majestosa e esplendida.

Era uma cabeça de homem, ou talvez de mulher sobre um corpo de tigre, medindo cento e vinte e

cinco pés ; um pequeno e bonito templo localizava-se entre as suas patas dianteiras.

A meu ver, foi preciso uma grande quantidade de areia para enterrar aquela criatura, tanto quanto para enterrar-se um navio.

Nós encarapitamos Jim na cabeça da esfinge, e demos-lhe uma bandeira americana para protegê-lo, pois estavamos em país estrangeiro.

Em seguida nos afastamos, a principio voando de um lado, depois de outro, para vermos o que Tom chamava de efeitos, perspectivas e proporções. Enquanto isso, Jim se portava da melhor maneira que podia, ora numa atitude, ora noutra, como lhe parecia melhor. Entretanto, ficar encarapitado na cabeçorra da esfinge, movendo as pernas tal qual uma rã, nos pareceu a mais adequada.

Depois distanciamo-nos, enquanto cada vez mais Jim se tornava pequeno e a esfinge majestosa, até que em pouco — póde-se dizer — não aparecia mais do que um alfinete fincado num zimborio.

— E' assim que a perspectiva faz salientar as proporções exatas, disse Tom.

E ajuntou que os negros de Julio Cesar não sabiam como Julio Cesar era grande, muito embora estivessem bem pertinho dele.

Continuamos a afastar-nos cada vez mais, até que de todo perdemos Jim de vista. Então, aquela nobre silhueta se tornou ainda mais nobre, contemplando o vale do Nilo, tão calma, solene e solitaria, e todas as pequeninas e miseraveis choças ao seu

redor e as coisas ali disseminadas desapareceram completamente.

Nas circunvizinhanças nada mais se via a não ser uma grande extensão suave de um veludo amarelado, que era a areia.

Ali estava um excelente lugar para pararmos, o que fizemos.

Sentados, quedamo-nos a contemplar o soberbo espetaculo e a pensar durante uma boa meia hora, sem dizer palavra, pois que nos sentiamos calmos e solenes lembrando-nos que Julio Cesar ha milhares de anos havia contemplado este vale da mesma maneira, pensando consigo mesmo seus horriveis pensamentos, e ninguem naquele dia podia saber sobre que versavam.

Por fim, apanhei os oculos de alcance e notei algumas coisinhas negras correndo de todos os lados sobre aquele tapete de veludo, e outras que subiam sobre as costas da criatura; depois, vi duas ou tres nuvens de fumaça branca, e chamei a atenção de Tom.

Ele olhou e disse:

— São pulgas... Não... espere um pouco... são... palavra! creio que são homens... Sim, são homens... homens e cavalos. Eles estão encostando uma grande escada nas costas da esfinge... Oh! você não acha interessante? Agora, cuidam de apoiá-la em... Outras nuvens de fumaça... são fuzis! Huck, o que eles querem é Jim!

Fizemos funcionar o motor e nos dirigimos a toda velocidade sobre os tais.

Alcançamo-los em pouco tempo e caimos sobre eles como um furacão, e os dispersamos e espalharam-se em todas as direções. Os que estavam na escada, em perseguição a Jim, abandonaram a sua presa e rolaram escada abaixo.

Subimos até encontrarmos a cabeçorra, e ali o achamos sem respiração, quasi sem forças... em parte de tanto gritar por socorro, e em parte de tão aterrorizado.

Jim havia sustentado um cerco durante muito tempo... "uma semana", dizia ele, coisa que não era verdade.

Parecia-lhe, no entanto, que assim foi, tanto o cercaram de perto.

Fizeram-no alvo de seus fuzis e choveram balas em seu redor, mas nenhuma acertou. E quando perceberam que Jim não queria levantar-se e as balas não podiam atingi-lo enquanto estivesse deitado, foram buscar a escada e, então, Jim compreendeu que os seus minutos estariam contados se não viessemos logo em seu socorro.

Tom estava indignado.

Perguntou a Jim porque não lhes mostrara a bandeira e não lhes ordenara que se retirassem, em nome dos Estados Unidos.

Jim respondeu-lhe que fizera isso, mas que não ligaram a minima atenção.

Tom replicou que cuidaria de fazer examinar aquele caso lá, em Washington.

— Vocês vão ver que eles deverão apresentar desculpas por ter insultado a bandeira, e pagar tam-

bem uma indenização, isto no caso de tudo lhes correr bem.

Jim perguntou-lhe :

— O que é uma indenização, sinhô Tom?

— E' dinheiro, Jim.

— E quem o recebe?

— Claro que nós.

— E quem recebe as desculpas?

— Os Estados Unidos. Aliás, podemos receber uma das duas coisas, conforme quisermos. Podemos receber as desculpas, se desejarmos, e deixar que o governo receba o dinheiro.

— E quanto de dinheiro é, sinhô Tom?

— Palavra que, num caso grave como este, pelo menos tres dolares p'ra cada um de nós, se não for mais.

— 'Tá bem. Nesse caso, é preferivel o dinheiro, sinhô Tom... Para os diabos as desculpas! Você não pensa tambem assim, Huck?

Discutimos um bocadinho sobre o assunto e concluimos que tanto valia uma como outra coisa. De fórma que resolvemos receber o dinheiro. Era um negocio novo p'ra mim, e perguntei a Tom se os paises apresentavam sempre desculpas quando agiam mal.

— Sim, os pequenos apresentam, respondeu-me ele.

Pusemo-nos a girar em torno das piramides, contemplando-as sob todas as faces.

Depois, levantamos vôo e ascendemos até o cume chato da maior de todas, e achamos exata-

mente igual ao que nos havia dito o homem na escola dominical.

Era como quatro pares de escadas que começassem largas na base e subissem obliquamente e se encontrassem num ponto do cume. A diferença era que nessas escadas não se podia subir como nas demais.

De fato, não se podia, pois cada degrau era tão alto como a barba do leitor, e fazia-se preciso que a gente fosse içado por trás.

As duas outras piramides não estavam longe, e as pessoas que se movimentassem na areia entre elas, pareciam insetos rasteiros, tanto estavamos alto, no seu cimo.

Tom já não se dominava, tanto se achava superexcitado pela alegria e pela admiração de encontrar-se num lugar tão celebre como aquele.

Ele suava historia por todos os póros. E dizia que mal podia crer que se achava justamente no ponto onde o principe voou montado no cavalo de bronze.

— Foi no tempo das *Mil e Uma Noites*, disse ele...

Alguem dera ao principe um cavalo de bronze, que tinha uma cravelha na espadua. Naquele cavalo o principe podia voar nos ares como um passaro, dar a volta ao mundo e governá-lo simplesmente virando a cravelha. E voar alto ou baixo, e descer onde bem entendesse.

Quando Tom acabou a historia, houve um desses silencios embaraçosos, desses que se verificam quando uma pessoa acaba de dizer uma enormidade e a

gente fica sem jeito por causa do disparate, e trata de procurar um meio de mudar de assunto e fazê-la esquecer-se do que disse. Entretanto, fica-se desconsertado porque não ha nenhum meio de conseguir-se isso.

Antes que se possam coordenar os pensamentos e ensaiar qualquer saida, sobrevem o silencio e o mal já não tem remedio.

Eu estava embaraçado, o mesmo sucedendo a Jim. E nenhum de nós dois podia dizer qualquer coisa.

Tom olhou-me, fulc de raiva durante um minuto, e gritou :

— Ande, diga o que sente... Em que está pensando?

Respondi-lhe :

— Tom Sawyer, você mesmo não acredita no que acaba de contar!

— Hein? Por que motivo? O que me impede de acreditar?

— Ha uma razão que o impede de acreditar : é que *aquilo* não podia ter acontecido. Só isso.

— Diga-me por que aquilo não podia ter acontecido?

— E você, Tom Sawyer, diga-me por que aquilo podia ter acontecido?

— Este balão é um bom motivo para que aquilo pudesse acontecer, Huck Finn.

— Por que?

— Por que? Nunca vi sujeito tão besta! Acaso o balão e o cavalo de bronze não são a mesma coisa, mas com nomes diferentes?

— Não, Tom Sawyer. Não são. Um é balão; outro é cavalo. E' muito diferente. Daqui a pouco, você vai dizer que uma casa e uma vaca são a mesma coisa.

— Por Jackson, o Huck mais uma vez o pegou trucando de falso! Quero ver como sinhô Tom sai da entalada!

— Cale o bico, Jim! Você não sabe do que se trata. E Huck não menos. Escute-me bem, Huck: vou tornar meu raciocinio simples e claro para que você possa compreender. Escute bem: não é a simples fórma que determina a semelhança ou dessemelhança dos seres. Justamente esse o principio contido naquilo que lhes disse. E o principio é o mesmo para ambas as coisas. Compreendeu, agora?

Eu ruminei essa idéia em minha cachola, e disse por fim:

— Tom, não vale a pena. Os principios são uma coisa bonita, mas não podem afastar este grande fato: o que um balão póde fazer não é prova de que possa o cavalo fazer.

— Besteira, Huck! você ainda não entendeu patavina do que disse. Mas, teimemos um bocadinho mais... Parece-me bastante claro. Acaso não estamos voando nos ares?

— Sim.

— Muito bem. E não voamos alto ou baixo,como quisermos?

— Sim.

— Não governamos o balão em todas as direções, como bem entendermos?

— Sim.

— E não descemos onde e quando desejamos?

— Sim.

— Como pomos o balão em movimento e o dirigimos?

— Apertando os botões.

— Agora, creio que a coisa é facil para você entender. Arre! No outro caso, o movimento e a direção eram obtidos virando uma cravelha. Nós tocamos nos botões. O principe virava uma cravelha. Não ha um átomo de diferença, você bem vê. Bem que eu sabia que faria entrar isso em sua cabeça, com um pouco mais de paciencia.

Tom estava tão radiante que se pôs a assobiar.

Entretanto, Jim e eu continuavamos silenciosos.

De fórma que, novamente surpreso, Tom me perguntou:

— Huck, você parece que ainda não pescou bem a coisa...

— Tom Sawyer, desejo fazer-lhe algumas perguntas.

— Pois não. Póde fazer as que quiser.

Notei que Jim se aproximava de nós para escutar melhor.

— Segundo compreendi, a coisa está nos botões e na cravelha... O resto não tem nenhuma impor-

tancia. Um botão tem uma fórma, uma cravelha tem outra. Mas isso não quer dizer nada.

— Não, não quer dizer nada, uma vez que botão e cravelha têm o mesmo poder.

— Muito bem. Qual o poder que existe numa vela e num palito de fosforo?

— O fogo.

— E' o mesmo em ambos, não é?

— Sim, absolutamente o mesmo.

— Muito bem. Suponha que eu deito fogo num deposito de madeiras, com um fosforo. O que acontece?

— O deposito se queimará.

— E suponha que eu deite fogo nesta piramide com uma vela... Queima-se a piramide?

— Por certo que não.

— Ora muito bem. O fogo é o mesmo nas duas vezes. Por que o deposito de madeiras se queima e a piramide não?

— Porque a piramide não *póde* queimar-se.

— Ah! e um cavalo não *póde* voar!

— Palavra, Huck, que você mais uma vez o apanhou! Huck embrulhou-o desta vez, bem o noto! E' o melhor laço em que vejo alguem cair... e se eu...

Jim não pôde terminar de tanto rir, a ponto de quasi sufocar-se.

Tom estava furioso de ver como elegantemente eu o vencera, servindo-me de suas proprias razões que reduzi a cinzas. Tudo o que pôde dizer foi que

cada vez que me ouvia e a Jim raciocinarem, tinha vergonha de pertencer á raça humana.

Não lhe respondi uma palavra siquer.

Sentia-me bastante satisfeito.

Quando eu conseguia vencer uma pessoa como Tom Sawyer, não era meu costume vangloriar-me como fazem alguns, pois considero que se estivesse em seu lugar, não desejaria que ele cantasse vitoria. Mais vale a gente ser generoso. Pelo menos, penso assim...

## CAPITULO XIII

# O cachimbo de Tom Sawyer

POUCO depois, enquanto Jim planava nas imediações das piramides, nós desciamos a um buraco que conduz ao tunel, e nele penetramos com alguns arabes munidos de velas. Bem distante daquela abertura, no meio da piramide, achamos um quarto e uma grande caixa de pedra onde guardavam aquele rei, justamente como dizia o velhote na escola dominical. Entretanto, o rei não mais ali se achava.

Alguem o furtara.

Não mostrei nenhum interesse por esse lugar, pois que era bem possivel que ali houvesse fantasmas. Certamente que não se tratava de novos fantasmas, mas eu não gosto de fantasma de nenhuma especie.

Saimos logo, arranjamos alguns jumentos e neles montamos, para um pequeno passeio.

Depois, andamos de barco e novamente montamos em jumentos, e demos um pulinho até o Cairo. Durante todo o percurso a estrada era estreitissima e duma beleza sem par, com suas tamareiras dos dois lados do leito e cheínha de crianças nuas.

Os homens, vermelhos como cobre, eram belos, fortes e elegantes.

A cidade, achamo-la originalissima.

Ruas estreitinhas... ruinhas todas, desta largurinha, e apinhadas de gente com turbante e mulheres com veus, e todo mundo trajando roupas em que brilhavam cores de todos os matizes.

A gente ficava admirado ao notar como os camelos e as pessoas passavam juntos naquelas ruazinhas tão estreitas, mas passavam... numa verdadeira desordem e com um barulho dos diabos.

As lojas não eram de tamanho a que a gente nelas pudesse entrar. Mas isso não tinha importancia, porque ninguem entrava nas lojas.

O negociante estava sentado á oriental, no seu balcão, fumando num cachimbo comprido e torto, e tinha as mercadorias ao alcance das vistas para poder vendê-las.

No lugar em que se achava era como se estivesse na rua, porquanto as cargas dos camelos nele esbarravam ao passar.

De quando em quando, um alto personagem passava rapidamente de carro, com homens todo de uniformes, correndo e gritando á sua frente e abrindo caminho graças á comprida vara, com a qual batiam em quem não se afastasse.

De repente, eis que surge um sultão, montado a cavalo e á frente dum grande cortejo. Quasi que perdemos a respiração só ao vermos as magnificas roupas que ele trazia.

Todo mundo caia de cara no chão e ficava deitado de barriga até que o sultão passasse.

Esqueci-me de fazer como os outros, mas um homem me ajudou a lembrar-me.

Foi justamente aquele que levava a vara comprida e corria na frente.

Havia igrejas. Mas em materia de religião estavam um pouco atrazados e não guardavam o domingo : observavam a sexta-feira e violavam o Sabbat.

Era preciso a gente tirar os sapatos ao entrar numa igreja.

Na em que entramos havia uma multidão de homens e de rapazes, todos sentados no átrio e fazendo grande algazarra.

— Estão aprendendo a lição de cór, observou Tom. São trechos do Corão, que é a Biblia deles. As pessoas que sabem muito, sabem bastante para não mostrar.

Nunca em minha vida vi uma igreja tão grande e alta como aquela.

Chegava a dar-nos vertigem olhar em baixo.

A igreja da vila onde moramos não era nada ao pé desta. Se a gente pusesse uma perto da outra, todo mundo havia de imaginar que a nossa não passava de uma caixa de biscoitos.

Eu ardia de curiosidade de ver um derviche, porquanto os derviches me interessavam muito por causa daquele que pregara a peça no condutor de camelos.

Encontramos um grande numero deles em certa igreja. O seu nome era derviche rodopiante e, de fato, eles rodopiavam.

Nunca vi semelhante coisa. Todos traziam chapeu alto do formato de pão de açucar e batina de linho. E rodopiavam, rodopiavam, rodopiavam em redor de si mesmos como se fossem piões, enquanto as batinas se levantavam. Positivamente, aquele foi o espetaculo mais lindo que jamais vi e tanto que enquanto ali estivemos não perdi de vista os tais derviches.

Todos são musulmanos, informou-me Tom. Quando lhe perguntei o que vinha a ser um mulsumano, respondeu-me: é uma pessoa que não é presbiteriana.

De modo que havia muitos musulmanos no Missuri, e eu que não sabia disso!

Não vimos a metade do que nos seria dado ver no Cairo.

Tambem, Tom estava com uma tal impaciencia de procurar os lugares célebres na historia!

Passamos um tempo bastante aborrecido á procura do celeiro onde José havia guardado o trigo antes da fome geral. Quando o encontramos, por certo que não valia a pena contemplá-lo, pois era uma velha ruina que estava caindo aos pedaços. Mas Tom ficou satisfeito e a esse proposito não parava mais de falar. Falou mais do que eu se tivesse enfiado um prego no pé.

Como ele descobriu que aquele era o lugar, não pude saber.

Passamos por quarenta lugares iguaizinhos antes de chegarmos áquele, e p'ra mim qualquer deles serviria. Entretanto, só aquele satisfez a Tom Sawyer.

Nunca vi ninguem mais meticuloso.

Desde o momento em que chegava ao lugar que procurava, reconhecia-o tão facilmente como eu teria reconhecido minha outra camisa se não tivesse só uma. No entanto, uma vez que o encontrasse, não tinha pressa de abandoná-lo.

Foi ele mesmo quem o disse.

Depois, por muito tempo andamos á procura de uma casa onde vivia um rapaz que aprendera, do cadi, como julgar o caso das velhas azeitonas e das azeitonas novas. Tom Sawyer disse que era uma historia das *Mil e Uma Noites*, e que no-la contaria quando tivesse tempo.

E metemo-nos a procurar, a procurar até que eu estivesse a ponto de cair de fadiga. Dei a entender a Tom Sawyer que devia renunciar áquela busca e voltar no dia seguinte, acompanhado de alguem que conhecesse bem a região, pudesse falar o missuriano e fosse direitinho no lugar.

Debalde! Ele queria ir em pessoa, e ninguem o satisfaria.

Não houve remedio sinão continuarmos nas pesquisas.

Enfim, aconteceu a coisa mais notavel que me seria dado presenciar.

A casa havia desaparecido... desaparecido depois de centenas de anos. Já não restavam nem mesmo as ruinas do que fôra, exceto um tijolo. Precisamente um unico tijolo.

Na verdade, quem poderia acreditar que um rapaz do fundo do Missuri, que nunca estivera nesta

cidade, fosse á procura do lugar em que outrora se levantara aquela casa e encontrasse um dos seus tijolos?

Mas Tom Sawyer encontrou-o.

Posso jurar que encontrou porque eu o vi encontrar.

A coisa se passou do seguinte modo: eu estava ao lado dele, e vi-o perceber o tijolo. E não só o percebeu, como logo o reconheceu.

A mim mesmo fiz esta pergunta: como podia ter sucedido aquilo? Seria puro saber? Ou seria instinto?

O caso é que o encontrou, da maneira como expús. Que cada um explique o fato como melhor entender.

Quanto a mim, pensei bastante e cheguei á conclusão de que foi devido — parte ao saber e, principalmente, parte ao instinto.

Eis a razão:

Tom enfiou o tijolo no bolso para ofertá-lo a um museu com o seu nome e com a narração do seu descobrimento, assim que chegasse. Com muito cuidado, tirei o tijolo do seu bolso e pus no lugar um outro tijolo semelhante, e ele não notou a diferença... Não obstante, diferença havia, é bem de se ver.

Na minha opinião, por si só esse fato mostra tratar-se principalmente do instinto e não do saber.

O instinto lhe apontou onde se achava o lugar em que se encontrava o tijolo, e ele reconheceu o

tijolo pelo lugar onde se achava e não pelo simples aspecto do tijolo.

Si se tratasse do saber e não do instinto, Tom Sawyer havia de reconhecer o tijolo pelo seu aspecto quando o visse pela segunda vez... coisa que não aconteceu. Isso prova que, a despeito de tudo, pela perfeita segurança do golpe de vista o instinto vale quarenta vezes mais do que o *bluff* dos que nos dizem que o saber é uma coisa maravilhosa.

Jim foi do mesmo parecer.

Quando voltamos, Jim abaixou o balão e nós subimos a bordo e lá encontramos um moço que trazia um barrete vermelho provido de uma borla, com uma bela jaqueta de seda azul e calções entufados, com um echarpe a envolver-lhe a cintura e a ela presas algumas pistolas. Falava inglês e desejava pôr-se a nosso serviço e conduzir-nos á Meca, a Mesna e á Africa central, mediante o pagamento de meio dolar por dia e cama e mesa.

Aceitamos-lhe a oferta e partimos.

Pusemos o balão a toda velocidade. Ao acabarmos de jantar estavamos voando em cima do lugar onde os Israelitas atravessaram o Mar Vermelho, quando o Faraó cuidou de alcançá-los e morreu afogado nas aguas. Aí paramos e contemplamos por muito tempo esse lugar. Jim estava radiante.

Chegou a dizer que podia exatamente ver como as coisas se passaram.

Via os Israelitas avançando entre as muralhas de agua, e os Egipcianos vindo a distancia e apres-

sando-se tanto quanto podiam. Via-os entrar enquanto os Israelitas saiam e, depois, quando todos haviam atravessado o Mar Vermelho, via os muros desmoronar-se e juntar-se e afogar o ultimo dentre eles.

Em seguida, acionamos novamente o balão a toda velocidade, e subimos e planamos em cima do monte Sinai, no lugar onde Moisés quebrou as tabuas da Lei e as crianças de Israel acamparam na planicie e adoraram o veado de ouro.

Tudo aquilo era por demais interessante, e o guia conhecia cada lugar tão bem como eu conheço todos os recantos da vila onde moramos.

Mas tivemos, naquela ocasião, um contratempo que deu por terra com os nossos projetos.

O pobre e velho cachimbo de Tom tornara-se tão vetusto e tão inchado e deformado que ele não podia mais usá-lo, mau grado o amarrasse com barbantes e fitas. Acabou por partir-se e cair aos pedaços.

Tom não sabia que decidir.

O cachimbo do aeronauta não podia fazer-lhe as vezes. Era um simples *mershum* e quando uma pessoa está habituada com um cachimbo *cob*, sabe que está acima de todos os demais cachimbos do mundo, e ninguem consegue persuadí-la a fumar num outro.

Ofereci-lhe um dos meus, mas não quis aceitá-lo e não pude convencê-lo a isso.

Depois, quedou a refletir sobre o assunto e lembrou-se que deviamos percorrer as vizinhanças, a ver se desencovavamos um cachimbo daquela marca no

Egito ou na Arabia, ou nos arredores de qualquer desses dois paises.

O guia afirmou-nos que perdiamos o trabalho : por aqueles lados não se encontravam cachimbos daquela marca.

A' vista disso, por alguns instantes Tom Sawyer ficou um tanto indeciso. Não demorou que desse um pulo e nos dissesse ter atinado com o que fazer, e sabia como lhe cumpria agir.

— Tenho um outro *corn-cob* cachimbo, e é mesmo de primeira qualidade e quasi novinho. Acha-se na prateleira, justamente em cima do fogão, em nossa casa, na vila. Jim, você e o guia irão buscá-lo, e Huck e eu acamparemos aqui, sobre o monte Sinai, á espera.

— Mas, sinhô Tom, nunca poderemos encontrar a vila! Facil me será achar o cachimbo, porque conheço bem a cozinha, mas — meu Deus! jamais poderemos encontrar a vila, nem mesmo São Luiz, nem nenhum daqueles lugares. Não sabemos o caminho, sinhô Tom.

Aquilo era um fato, e Tom Sawyer ficou desconsertado por alguns momentos.

Não tardou que dissesse :

— Qual! Vocês podem encontrá-la, certamente. Vou dizer-lhes como deverão regular a sua bussola. Vocês voarão na direção oeste, em linha reta como uma flexa, até que encontrem os Estados Unidos. Não é complicado, pois que é a primeira terra que vocês acharão do outro lado do Atlantico. Se a alcançarem ainda dia velho, continuem direito na sua

frente, na direção oeste da parte superior da costa Florida, e em uma hora e tres quartos hão-de deparar com a embocadura do Mississipe... na velocidade que lhes vou recomendar. Vocês estarão tão alto no ar que a terra será consideravelmente curva, mais ou menos como uma bacia voltada p'ra baixo, e notarão por muito tempo uma rede de rios correndo de todos os lados, até que vocês cheguem lá. E poderão distinguir facilmente o Mississipe. Então, devem seguir o rio na direção norte, por espaço de mais ou menos uma hora e tres quartos, até que vejam Ohio. Nesse ponto, toda atenção é pouca, porque já estarão proximos. Bem distante de vocês, á esquerda, verão um filete de agua que nele desemboca: é o Missuri, que se acha um pouco acima de São Luiz. Aí vocês descerão bem baixinho, de modo a poderem examinar todas as vilas de passagem. Passarão mais ou menos sobre vinte e cinco vilas nos quinze minutos seguintes, e reconhecerão a nossa quando a verem. E se não a reconhecerem, podem gritar e perguntar se não é a nossa vila.

— Está bem, sinhô Tom. Se a coisa é assim tão facil, penso que podemos ir. Sim, sinhô Tom, penso que podemos encontrar a vila.

O guia tambem estava certo disso e pensava poder aprender o quarto em pouco tempo.

— Jim póde ensiná-lo em meia hora, disse Tom. Aliás, este balão é facil de dirigir-se como um bote.

Tom foi procurar o mapa, indicou o caminho que os dois tinham que seguir e mediu o percurso.

— O caminho mais curto é o de voltar um pouquinho para o oeste. Vejam aqui : o percurso é de umas sete mil milhas. Se tomarem a direção éste, fazendo a volta, o trajeto é duplo.

Depois, disse ao guia :

— Desejo que ambos atentem bem no velocimetro durante as horas de guarda, e cada vez que o balão não fizer 300 milhas á hora, você subirá ou descerá até que encontre uma corrente de tempestade que lhe venha em auxilio. Ha cem milhas á hora nesta velha maquina, sem nenhum vento para ajudá-la. Ha duzentas milhas de vento a encontrar cada vez que vocês queiram procurá-lo.

— Procurá-lo-emos, senhor.

— A viagem não é dificil, mas requer precaução. Por vezes, poderão ter que elevar-se a duas milhas da altura em que estiverem, e fará um frio terrivel nessa altitude. Entretanto, as mais das vezes vocês encontrarão a tempestade muito mais baixa... Se puderem entrar num ciclone, tanto melhor! Vocês verão pelos livros do aeronauta que nessas latitudes eles sopram na direção oeste e, por vezes, sopram baixo, tambem.

Depois dessas recomendações, Tom Sawyer pôsse a fazer calculos e disse :

— Sete mil milhas! Com a velocidade de trezentas milhas á hora, poderão fazer a viagem num dia, em vinte e quatro horas. Estamos na quinta-feira : no sabado proximo estarão de volta, depois do meio dia. Acompanhem-me, agora. Dêem-nos algumas cobertas, alimentos e livros para Huck e p'ra mim,

e poderão partir imediatamente. Chega de tanto vadiar pelo espaço... estou com uma vontade doida de dar umas cachimbadas... e tanto mais depressa vocês forem buscar o cachimbo, tanto melhor.

Todas as mãos se deram pressa em apanhar os objetos do balão e dali retirá-los. Em oito minutos tudo estava em ordem e a grande nave prestes a partir para a America. Então, apertamo-nos as mãos e dissemos até logo, enquanto Tom transmitia suas ultimas ordens.

— São duas horas menos dez da tarde, hora do monte Sinai. Em vinte e quatro horas vocês estarão de volta, e serão seis horas da manhã, hora da vila... Quando encontrarem a vila, devem aterrar um pouco atrás do cume da colina, no bosque, fóra de vista... Então, você, Jim, salta incontinenti, e deita estas cartas no correio. Se notar alguem pelas imediações, desça o chapeu na cara, para que ninguem o reconheça. Depois, pé ante pé, atrás da cozinha, você pega o meu cachimbo e deixa este pedaço de papel sobre a mesa, pondo um peso em cima, p'ra que não vôe. E você sai como entrou, devagarinho e sem barulho e deita a correr, sem que tia Polly perceba. Alcançando o balão, vira a proa na direção do monte Sinai, a trezentas milhas á hora. O seu regresso se dará entre sete e oito horas da manhã, hora da vila, e dentro de vinte e quatro horas, entre duas e tres horas da tarde, hora do monte Sinai, estará aqui.

Tom Sawyer leu-nos o que havia escrito no papel. Dizia:

"Quinta-feira á tarde — Tom Sawyer, o *aeronauta*, envia os seus saudares a tia Polly, do monte Sinai, onde está a arca, bem como Huck Finn, e este bilhete lhe chegará ás mãos amanhã de manhã, ás seis horas e meia.

Tom Sawuer, o *aeronauta*."

— Este bilhete vai deixá-la com uns olhos deste tamanho, e cheínhos de lagrimas, Huck Finn.

—Atenção! continuou ele. Um... dois.... tres... já!

E o balão partiu. Partiu zunindo, segundo me pareceu, e num segundo já o perdiamos de vista.

A primeira coisa que Tom fez depois foi ir á procura do lugar onde as tabuas da Lei foram quebradas, e logo que o encontrou, assinalou-o para que pudessemos ali levantar um monumento.

Depois, encontramos uma gruta bastante confortavel, que dominava toda esta imensa planicie.

O balão voltou são e salvo e trouxe o cachimbo. Mas tia Polly havia surpreendido a Jim quando ele procurava o cachimbo, e não vem ao caso contar o que entre ambos se passou.

Ela o despachou logo com ordem expressa de voltar com o sobrinho.

Jim transmitiu-lhe o recado:

— Sinhô Tom, ela saiu á porta e ficou com os olhos fixos no ceu, esperando sinhô, e disse que não se mexerá de lá enquanto sinhô não chegar. Vai haver trapalhada, sinhô Tom. Vai haver trapalhada...

A' vista disso, nós vogamos na direção de casa. E não nos sentiamos nem um pouquinho alegres, acredite o leitor.

# AS BOAS E AS MÁS TRADUÇÕES!

AS TRADUÇÕES, NO BRASIL, SEMPRE TIVERAM MA' FAMA E COM RAZÃO. O MERCANTILISMO OU A PRESSA DOS EDITORES SACRIFICAVA COM MA'S TRADUÇÕES AS MELHORES OBRAS DA LITERATURA UNIVERSAL.

**A COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

TAMBEM INCORREU NESSA FALTA, MAS REAGIU A TEMPO, E HOJE OS SEUS TRADUTORES SÃO ESCOLHIDOS ENTRE OS MAIORES NOMES DAS LETRAS NACIONAIS.

**O PUBLICO PRECISA ATENTAR NISSO**

A MARCA

E' A DOS

**"BONS LIVROS"**

VERIFIQUE SE O LIVRO ADQUIRIDO E' UMA EDIÇÃO DA

**COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

ALGUMAS EDIÇÕES

DA

# COMPANHIA EDITORA NACIONAL

**S. PAULO - RIO - BAÍA - RECIFE - LISBOA**

---

## ANDRE' MAUROIS

**A Vida de Disraeli** — Tradução de GODOFREDO RANGEL . . . . . 7$000

**Lyautey** — Tradução de GUSTAVO BARROSO (Volume II da Coleção "Vidas Celebres" 7$000

## GIOVANNI PAPINI

**Historia de Cristo** — Tradução do Padre Lindolfo Esteves . . . . . 8$000

**A Vida de Santo Agostinho** — Tradução de GODOFREDO RANGEL. . . . . 6$000

## RUDYARD KIPLING

**Mowgli, o menino lobo** — Tradução de MONTEIRO LOBATO (Volume I da Coleção "Terramarear") . . . . . 3$000

**Jacala, o crocodilo** — Tradução de MONTEIRO LOBATO — (Volume XV da Coleção "Terramarear") . . . . . 3$000

**Kim** — Tradução de Baptista Pereira (Volume II das "Obras Primas Universais") . . 8$000

MAHATMA GHANDI

**O Guia da Saude** – Trad. de GODOFREDO RANGEL (Volume II de "Obras Educativas") 5$000

JACK LONDON

**Caninos Brancos** — Trad. de MONTEIRO LOBATO (Vol. XII da Coleção "Terramarear") 3$000

**O Lobo do Mar** — Trad. de MONTEIRO LOBATO (Vol. I das "Obras Primas Universais") 7$000

**A Filha da Neve** — Tradução de MONTEIRO LOBATO (Vol. da Coleção "Para Todos") 5$000

MARK TWAIN

**O Principe e o Pobre** — Trad. de PAULO DE FREITAS (Vol. XIII da Coleção "Terramarear") . . . . . 3$000

**As Aventuras de Huck** — Tradução de MONTEIRO LOBATO (Vol. XIX da Coleção "Terramarear") . . . . . 3$000

ERLE COX

**A Esphera de Ouro** — Tradução de AGRIPPINO GRIECO (Vol. da Col. "Para Todos") 5$000

EDGAR RICE BURROUGHS

**As féras de Tarzan** — Tradução de MEDEIROS E ALBUQUERQUE (Volume XII da Coleção "Terramarear") . . . . . 3$000

**O Filho de Tarzan** — Tradução de GODOGREDO RANGEL (Volume XXIV da Coleção "Terramarear") . . . . . 3$000

**O Tesouro de Tarzan** — Tradução de MANUEL BANDEIRA (Volume XXV da Coleção "Terramarear") . . . . . 3$000

**Tarzan na selva** — Tradução de AZEVEDO AMARAL (Volume XXXIII da Coleção "Terramarear") . . . . . 3$000

H. G. WELLS

**O Homem Invisivel** — Trad. de MONTEIRO LOBATO (Vol. da Col. "Para Todos"). . 5$000

**A Ilha das Almas Selvagens** — Tradução de MONTEIRO LOBATO (Volume da Coleção "Para Todos") . . . . . 5$000

ROBERT-LOUIS STEVENSON

**Raptado** — Tradução de AGRIPPINO GRIECO (Volume XXI da Coleção "Terramarear") 3$000

**A Ilha do Tesouro** — Tradução de ALVARO ESTON (Vol. VIII da Col. "Terramarear") 3$000

**O Clube dos Suicidas** — Tradução de GODOFREDO RANGEL — (Volume da Coleção "Para Todos") . . . . . 5$000

CLIFFORD WHITTINGHAM BEERS

**Um espirito que se achou a si mesmo** — Trad. de MANUEL BANDEIRA . . . . . 10$000

GUSTAVO LE ROUGE

**O Naufrago do Espaço** e **O Astro do Terror** — Trad. de ADRIANO DE ABREU (Volumes XIV e XXII da Coleção "Terramarear") Cada . . . . . 3$000

ELEANOR H. PORTER

**Pollyana** e **Pollyana, Moça** — Tradução de MONTEIRO LOBATO (Volumes da "A Nova Biblioteca das Moças") . . . Cada 3$000

JEANNE PERDRIEL VAISSIÈRE

**O Bosque Encantado** — Tradução de GUSTAVO BARROSO (Volume da "A Nova Biblioteca das Moças") . . . . . 3$000

KATE DOUGLAS WIGGIN

**Sonho de Moça** — Tradução de AGRIPPINO GRIECO (Volume da "A Nova Biblioteca das Moças") . . . . . 3$000

ELYNOR GLYN

**O "It"** — Tradução de GODOFREDO RANGEL (Vol. da "A Nova Bib. das Moças") 3$000

BERTA RUCK

**A Esposa que não foi Beijada** — Tradução de GODOFREDO RANGEL. . . . . 4$000

**Amor Subconsciente** — Tradução de ADRIANO DE ABREU (Volume da "A Nova Biblioteca das Moças") . . . . . 3$000

MAY CHRISTIE

**Alegria de Viver** — Tradução de LIVIO XAVIER (Vol. da "A Nova Bib. das Moças") 3$000

DMITRI MEREJKOVSKY

**Napoleão** — Tradução de AGRIPPINO GRIECO (Volume I da Coleção "Vidas Celebres") 12$000

WILL DURANT

**Historia da Filosofia** – A vida e as ideias dos grandes filosofos — Edição ilustrada com 30 gravuras — Tradução de GODOFREDO RANGEL e MONTEIRO LOBATO.
Grosso volume . . . . . 18$000

JEAN WEBSTER

**Patty** e **Querido Inimigo** — Tradução de MONTEIRO LOBATO (Volumes da "A Nova Biblioteca das Moças") . . . . . Cada 3$000

H. RIDER HAGGARD

**Myriam, a Virgem das Perolas** — Tradução de ALBERTINO PINHEIRO (Volume da Coleção "Para Todos") . . . . . 5$000

THORNTON WILDER

**A Ponte de São Luiz Rei** — Tradução de MONTEIRO LOBATO (Volume da Coleção "Para Todos") . . . . . 5$000

HERBERT STRANG

**Mil milhas por hora** — Tradução de WALDEMAR CAVALCANTI (Volume XXVII da Coleção "Terramarear") . . . . . 3$000

KATE DOUGLAS WIGGIN

**Sonho de Moça** — Tradução de AGRIPPINO GRIECO (Volume da "A Nova Biblioteca das Moças") . . . . . 3$000

S. S. VAN DINE

**O Crime do Escaravelho** e **O Crime do Dragão** (volumes III e VIII da "Série Negra") — Tradução de ADRIANO DE ABREU 3$000

**Homicidio e Suicidio** — Tradução de ADRIANO DE ABREU (Volume da Coleção "Para Todos") . . . . . 5$000

## HISTORIA DO MUNDO PARA AS CRIANÇAS

Esta obra verdadeiramente notavel faz um apanhado completo da historia do mundo desde o começo até o presente.

Está escrita em forma dialogada, o que muito facilita a compreensão. Dona Benta conta aos seus netos a historia da civilização e graças aos apartes, sobretudo de Emilia, o assunto se torna de uma grande vivacidade.

O fato de estar este livro na sua terceira edição e ter atingido a tiragem de 35.000 exemplares num ano, prova os meritos excepcionais da obra adaptada por Monteiro Lobato.

Livro fartamente ilustrado em solida cartonagem.

Preço . . . . . 10$000

EDIÇÃO DA

**COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

**HISTORIA DO BRASIL PARA AS CRIANÇAS**

Se ha um livro que vai contribuir poderosamente para vulgarizar e tornar atraente a História do Brasil, é esse que escreveu VIRIATO CORRÊA. Ele poz a historia patria ao nivel das crianças, mas com tanta fidelidade e tamanha arte de fixar o essencial, que acaba interessando tambem os adultos. Livro delicioso, admiravelmente ilustrado por BELMONTE, de um extraordinario alcance educativo, destinado a realizar por si só, nas escolas, uma grande obra de brasilidade e de espirito nacional.

Grosso volume com 59 ilustrações de pagina, solidamente cartonado . . . . . 10$000

EDIÇÃO DA

**COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

# EMILIA NO PAÍS DA GRAMATICA

## ILUSTRAÇÕES DE BELMONTE

O estudo da Gramatica sempre foi o terror da criançada. Sempre foi um castigo, um suplicio — e uma inutilidade. Isso porque é uma disciplina muito abstrata onde a atenção das crianças não consegue deter-se.

Mas Emilia, depois de ouvir umas lições de Gramatica que dona Benta dava a Pedrinho, resolveu fazer uma revolução. Resolveu ir com Pedrinho, Narizinho, o visconde de Sabugosa e o rinoceronte ao País da Gramatica, para ver aquilo de perto. E lá foram. E penetraram no País da Gramatica, ou da Lingua, e conversaram com os Substantivos e Adjetivos e Adverbios como se fossem criaturas vivas. Ouviram deles mesmos a historinha de cada um e da sua função na lingua. Depois visitaram a senhora Sintaxe, a senhora Etimologia, a senhora Ortografia e outras damas de grande importancia que lá vivem.

Houve, como era de esperar, muitas aventuras comicas. A visita á palavra mais comprida da lingua, uma verdadeira sucuri verbal; os amores do visconde com as palavras muito velhas, ou Arcaismos; e sobretudo o tremendo péga que Emilia teve com a velha coróca chamada Ortografia Etimologica, que se viu completamente derrotada pela terrivel bonequinha.

Não houve bairro do País da Gramatica que não visitassem (menos o dos Nomes Feios; lá só quem esteve foi o visconde, que por sinal ficou vexadissimo), e o resultado de tudo foi que quando voltaram para o Sitio de dona Benta estavam sabendo... gramatica! Mas sabendo mesmo, de verdade, e tanto que deram varios quinaus num professor duma escola publica lá perto.

Foi uma simples brincadeira, e no entanto lhes valeu mais para o conhecimento de coisas da lingua do que um ano ou dois de escola, com aqueles terriveis livros que começam assim: "Que é Gramatica?" "E' a arte que ensina a ler e a escrever corretamente".

O que mais espantou á meninada foram os profundos conhecimentos que Quindim (o rinoceronte) mostrou. Parecia incrivel que debaixo daquele cascão se escondesse um filologo de tal peso. Mas Emilia explicou o misterio provando que ele havia comido a gramatica mais grossa da estante de dona Benta.

E acabou-se a dificuldade das crianças de aprenderem Gramatica. Basta agora que comprem este livro, primorosamente ilustrado por Belmonte (que nunca desenhou coisas tão boas) e dêem tambem por lá o seu passeio em companhia da Emilia.

***Um grosso vol. de 180 pgs. e 100 ilustrações, cart. a cores . 7$000***

Adicion[illegible]a "Coleção
TE[illegible]RRA MA[illegible]" este livro:

Se ha um livro que vai contribuir poderosamente para vulgarizar e tornar atraente a Historia do Brasil, é esse que escreveu VIRIATO CORRÊA. Ele pôs a historia patria ao nivel das crianças, mas com tanta fidelidade e tamanha arte de fixar o essencial, que acaba interessando tambem os adultos.

Livro delicioso, admiravelmente ilustrado por BELMONTE, de um extraordinario alcance educativo e destinado a realizar por si só, nas escolas, uma grande obra de brasilidade e de espirito nacional.

Grosso volume com 59 ilustrações de pagina, solidamente cartonado . . . . . 10$

★

*Edição da*

**COMPANHIA EDITORA NACIONAL**

SÃO PAULO

# COLLECÇÃO
# ERRAMAREAR

A MARCA DOS

"NS LIVROS"

*"Dar aos meninos bons livros adequados á idade é o melhor meio de formar homens".*

MONTEIRO LOBATO

**Livros para a juventude, cuidadosamente escolhidos entre as obras classicas da literatura mundial!**

## AVENTURAS, VIAGENS, HISTORIA, FORTE HEROISMOS!

**VOLUMES PUBLICADOS**

RUDYARD KIPLING
Vol. 1 — **Mowgli, o Menino Lobo**
Tradução de Monteiro Lobato.

EMILIO SALGAR.
Vol. 2 — **Song-Kay, o Pirata**
Tradução revista por Julio Cesar da Silva
Vol. 3 — **O Tropeiro dos Pampas**
Idem.

MAYNE REID
Vol. 4 — **Os Naufragos de Bornéo**
Trad. revista por M. L.
Vol. 5 — **Os Negreiros de Jamaica**
Idem.

EDGAR RICE BURROUGHS
Vol. 6 — **Tarzan, o Filho das Selvas**
Tradução de Alvaro Eston.
Vol. 7 — **A Volta de Tarzan**
Tradução de Murilla Torres.

ROBERT LOUIS STEVENSON
Vol. 8 — **A Ilha do Tesouro**
Tradução de Alvaro Eston.

J. FENIMORE COOPER
Vol. 9 — **O Corsario Vermelho**
Tradução selecionada de Polilo

L. M. BALLANTYNE
Vol. 10 — **A Ilha de Coral**
Tradução selecionada de Godofredo Rangel.

W. H. G. KINGSTON
Vol. 11 — **Ao Longo do Amazonas**
Tradução de Julio Cesar da Silva

JACK LONDON
Vol. 12 — **Caninos Brancos**
Tradução de Monteiro Lobato.

MARK TWAIN
Vol. 13 — **O Principe e o Pobre**
Tradução de Paulo de Freitas.

GUSTAVO LE ROUGE
Vol. 14 — **O Naufrago do Espaço**
Tradução de Adriano de Abreu.

RUDYARD KIPLING
Vol. 15 — **Jacala, o Crocodilo**
Tradução de Monteiro Lobato.

EMILIO SALGARI
Vol. 16 — **Aventuras de um Garimpeiro**
Tradução de Euclides Andrade.

EDGAR RICE BURROUGHS
Vol. 17 — **As Féras de Tarzan**
Trad. de Medeiros e Albuquerque.

MAYNE REID
Vol. 18 — **Os Naufragos do Igapó**
Tradução de Tito Marcondes.

MARK TWAIN
Vol. 19 — **Aventuras de Huck**
Tradução de Monteiro Lobato.

E[illegible]
Vol. 20 — **A vingança do Iroquez**
Tradução de Agrippino Grieco.

ROBERT LOUIS STEVENSON
Vol. 21 — **Raptado**
Tradução de Agrippino Grieco.

GUSTAVO LE ROUGE
Vol. 22 — **O Astro do Terror**
Tradução de Adriano de Abreu.

Vol. 23 — **Robin Hood**
Tradução de Monteiro Lobato.

EDGAR RICE BURROUGHS
Vol. 24 — **O Filho de Tarzan**
Tradução de Godofredo Rangel.
Vol. 25 — **O Tesouro de Tarzan**
Tradução de Manuel Bandeira.

ANDRÉ ARMANDY
Vol. 26 — **O Tesouro das Ilhas Galapagos**
Tradução revista por Godofredo Rangel.

HERBERT STRANG
Vol. 27 — **Mil milhas por hora**
Trad. de Waldemar Cavalcanti.

MARK TWAIN
Vol. 28 — **As viagens de Tom Sawyer**
Tradução de Paulo de Freitas.

EMILIO SALGARI
Vol. 29 — **Os Canibais do Pacifico**
Tradução de Euclides Andrade.

J. RENGADE
Vol. 30 — **A Viagem Submarina**
Tradução de Gustavo Barroso.

EDGAR RICE BURROUGHS
Vol. 31 — **Tarzan na Selva**
Tradução de Azevedo Amaral.

ANNA SEWELL
Vol. 32 — **O Diamante Negro**
Tradução de Monteiro Lobato.

J. FENIMORE COOPER
Vol. 33 — **O ultimo dos Mohicanos**
Tradução de Agrippino Grieco.

3ª COMP. EDITORA NACIONAL 5ª
R. DOS GUSMÕES, 26-28-30 — SÃO PAULO